

ESCOLA DE GUERRA NAVAL
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS MARÍTIMOS

**“PARA O MAR, PARA O MUNDO”: A MODERNIZAÇÃO DA MARINHA DA
REPÚBLICA DA COREIA RUMO ÀS ÁGUAS AZUIS**

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO

Rio de Janeiro
2023

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO

**“PARA O MAR, PARA O MUNDO”: A MODERNIZAÇÃO DA MARINHA DA
REPÚBLICA DA COREIA RUMO ÀS ÁGUAS AZUIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre(a) em Estudos Marítimos. Área de Concentração em Defesa, Governança e Segurança Marítimas.

Orientador: CMG (RM1) Prof. Dr. William de Sousa Moreira

Rio de Janeiro

2023

O41 Okuno, Marcelle Torres Alves

“Para o mar, para o mundo”: a modernização da Marinha da República da Coreia rumo às águas azuis. / Marcelle Torres Alves Okuno. - Rio de Janeiro, 2023.

144f. : il.

Dissertação (mestrado) - Escola de Guerra Naval, Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), 2023.

Orientador: William de Sousa Moreira

Bibliografia: f.121-144.

1. Coreia – Marinha – Modernização. 2. Poder naval – Coreia . 3 Águas Azuis – Coreia. I. Escola de Guerra Naval (Brasil). II. Título.

CDD:327.5193

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO

**“PARA O MAR, PARA O MUNDO”: A MODERNIZAÇÃO DA MARINHA DA
REPÚBLICA DA COREIA RUMO ÀS ÁGUAS AZUIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Marítimos.
Área de Concentração em Defesa, Governança e Segurança Marítimas.

Aprovada em 29 de maio de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. William de Sousa Moreira
Doutor da Escola de Guerra Naval

Prof. Dr. Francisco Eduardo Alves de Almeida
Doutor da Escola de Guerra Naval

Prof. Dr. Vinicius Mariano de Carvalho
Doutor do King's College London

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por me permitir chegar até aqui.

À minha família, em especial aos meus pais e avós, por todo apoio, ensinamentos e compreensão da minha ausência momentânea.

Ao meu avô, Antonio José de Azevedo (*in memoriam*), por ter servido à Marinha do Brasil e pelo incentivo em sonhos. Foi durante o mestrado e a elaboração desta dissertação que descobri o nosso elo e que herdei dele o amor pelo mar.

Ao meu querido esposo Yukio Okuno, por compartilhar as alegrias e os desafios do mestrado, e por toda paciência, carinho e amor.

Ao amigo e orientador, Prof. Dr. William Moreira, por acreditar em mim, permitir que este trabalho fosse possível e por me manter motivada ao longo da elaboração desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Alves de Almeida e ao Prof. Dr. Vinicius Mariano de Carvalho, por suas valiosas contribuições e sugestões durante a banca examinadora.

À Escola de Guerra Naval (EGN) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM), em especial aos docentes do PPGEM e aos queridos colaboradores da SECAD, por todo apoio, excelência e dedicação ao Programa.

Ao amigo coreano Park Jung-heui, Capitão de Fragata da Marinha da República da Coreia e aluno oficial da Marinha sul-coreana no curso do C-EMOS (2015), pelos ensinamentos e longas conversas sobre a República da Coreia.

Ao Sr. Hak You Kim, Cônsul-Geral da República da Coreia em São Paulo (2018-2021), por todo aprendizado, incentivo e parceria na realização de projetos culturais de promoção da cultura coreana no Rio de Janeiro e em São Paulo.

À Shin Myung Joo, Adida de Defesa da República da Coreia no Brasil, pela amizade, incentivo e valiosas contribuições para a elaboração deste trabalho.

Ao amigo Comte Leonardo Mattos e ao Núcleo de Avaliação da Conjuntura, pelos anos de pesquisa e aprendizado que o Boletim Geocorrente me proporcionou.

A todos que torceram pelo resultado deste trabalho, em especial aos amigos companheiros de mestrado, Carlos Henrique e Vivian Mattos, e às amigas Jéssica Germano e Thayná Fernandes pelas conversas e apoio ao longo do curso.

À Fundação de Estudos do Mar (FEMAR) pelo financiamento de pesquisa vinculada ao projeto do Grupo de Estudos sobre Ordens Marítimas.

RESUMO

A presente pesquisa analisa a forma como o poder naval da República da Coreia se desenvolveu e se modernizou ao longo de sua história, com ênfase na atual fase em direção às águas azuis, de modo a compreender a ambição daquela Marinha frente às vulnerabilidades do ambiente estratégico em que se insere. Ao adotar a metodologia de estudo de caso, o presente trabalho conta com revisão bibliográfica, busca no referencial teórico e pesquisa de campo prévia. Também, discutem-se conceitos-chave e o conceito de águas azuis no pensamento estratégico naval. Adicionalmente, analisa-se o ambiente estratégico sul-coreano, ressaltando-se as relações da República da Coreia com os países vizinhos – sobretudo Japão, China, RPDC e a aliança militar com os EUA – e programas de modernização naval, como o de contratorpedeiros KDX, submarinos Jang Bogo e a introdução do porta-aviões CVX. A análise acerca da República da Coreia em meio à era da 4ª Revolução Industrial e a ascensão das indústrias de defesa e de construção naval se fazem presentes, as quais também contribuem para a modernização do poder naval sul-coreano. Dessa forma, busca-se compreender o modelo de desenvolvimento de um poder naval inexpressivo para um de grande relevância em cerca de 70 anos. Esta dissertação se concentra, em específico, de 1995 – início da fase atual de modernização rumo às águas azuis – a 2020 – primeira metade do plano *ROK Navy Vision 2045*, de tornar a Marinha uma força naval oceânica plena em 2045. A fim de melhor compreender o pensamento estratégico e as ações da República da Coreia, faz-se necessário recorrer eventualmente a fatos do legado naval coreano e explicar o desenvolvimento naval do país ao longo de sua trajetória. Ainda, os resultados da pesquisa evidenciam a projeção regional da Marinha sul-coreana para além de sua zona econômica exclusiva, a atuação na região do Golfo de Áden, sob a CTF-151, e a ascensão do país no ranking entre os maiores construtores navais e exportadores de defesa. Nesse sentido, a República da Coreia se equilibra entre a aliança militar com os EUA, o anseio pela defesa autossuficiente e a ampliação do alcance e das operações da Marinha sul-coreana, encontrando-se em estágio inicial da classificação de águas azuis, conforme o exame das tipologias de Marinhas com destaque para a classificação de Todd e Lindberg. Ademais, o trabalho extrai pontos de reflexão que a trajetória sul-coreana oferece a marinhas de médio porte, como a Marinha do Brasil.

Palavras-chave: República da Coreia; poder naval; modernização; águas azuis.

ABSTRACT

This research analyzes how the naval power of the Republic of Korea has developed and modernized throughout its history, with emphasis on the current phase towards blue waters, to understand the Republic of Korea Navy's ambition in the face of vulnerabilities of the strategic environment in which it operates. Adopting the case study methodology, the present work includes a bibliographic review, a search in the theoretical framework, and previous field research. This research discusses key concepts and the blue waters conception in naval strategic thinking. Additionally, the South Korean strategic environment is analyzed, emphasizing the relations of the Republic of Korea with neighboring countries - especially Japan, China, DPRK, and the military alliance with the USA - and naval modernization programs, such as destroyers KDX, Jang Bogo submarines, and the introduction of the CVX aircraft carrier. The analysis of the Republic of Korea in the 4th Industrial Revolution era and the rise of defense and shipbuilding industries are present, which also contribute to the modernization of South Korean naval power. In this way, this research seeks to understand the development model from an inexpressive naval power to one of great relevance in about 70 years. This work focuses, in particular, from 1995 – the beginning of the current phase of modernization towards blue waters – to 2020 – the first half of the ROK Navy Vision 2045 plan, to make the Navy a complete ocean naval force in 2045. Understanding the strategic thinking and actions of the Republic of Korea, it is necessary to occasionally resort to facts from the Korean naval legacy and explain the country's navy development throughout its trajectory. Thus, the research results show the regional projection of the South Korean Navy beyond its exclusive economic zone, the performance in the Gulf of Aden, under CTF-151, and the rise positions in the ranking among the largest shipbuilders and defense exporters. In this sense, the Republic of Korea balances the military alliance with the USA, the desire for self-sufficient defense, and the expansion of the reach and operations of the South Korean Navy. The Republic of Korea Navy is in the initial stage of the blue-water navies' classification, according to the examination of Navies typologies with emphasis on Todd and Lindberg classification. Also, the work identifies points of reflection that the South Korean trajectory offers to medium-sized navies, such as the Brazilian Navy.

Key-words: Republic of Korea; naval power; modernization; blue waters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha do Tempo	17
Figura 2 – Paneokseon (Marinha de Joseon, sécs. XV-XIX).....	18
Figura 3 – Geobukseon (Marinha de Joseon, sécs. XV-XIX).....	18
Figura 4 - KIS Yang Moo (Império Coreano).....	20
Figura 5 - KIS Guangjae (império Coreano).....	20
Figura 6 - ROKS Baekdusan (PC – 701)	22
Figura 7 - Mastro do ROKS Baekdusan	22
Figura 8 - Logomarca da Marinha da República da Coreia	24
Figura 9 - Organização da Marinha da República da Coreia	25
Figura 10 - Trajetória da RAM da República da Coreia	31
Figura 11 - História Territorial da Coreia	48
Figura 12 - Campos de batalhas durante as invasões de Hideyoshi.....	50
Figura 13 - Formação Hakikjin na Batalha de Hansando	51
Figura 14 - Sistema de Três Eixos da República da Coreia	72
Figura 15 - Limites da NLL	73
Figura 16 - Localização de Dokdo/Takeshima	75
Figura 17 - Projeto do porta-aviões leve CVX.....	90
Figura 18 - Unidades de Manutenção de Paz da República da Coreia	100
Figura 19 - Área Operacional da CTF-151	102
Figura 20 - Expansão da área de operação da unidade Cheonghae	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Literatura do mar de Choi Nam-seon.....	56
Quadro 2 - Comparativo de poder militar entre RPDC e República da Coreia	63
Quadro 3 - Fases do Programa de Contratorpedeiros KDX.....	81
Quadro 4 - Fases do Programa de Submarinos Jang Bogo	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD	<i>Agency for Defense Development</i>
ADIZ	<i>Air Defense Identification Zone</i>
AAW	<i>Anti-air Warfare</i>
AIP	<i>Air-independent Propulsion</i>
ASROC	<i>Anti-submarine Rocket</i>
ASuW	<i>Anti-surface Warfare</i>
ASW	<i>Anti-submarine Warfare</i>
BID	Base Industrial de Defesa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC	Capitão de Corveta
CFC	<i>Combined Forces Command</i>
CIJ	Corte Internacional de Justiça
C4ISR	<i>Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance</i>
CIWS	<i>Close-in Weapon System</i>
CNFK	<i>Commander U.S. Naval Forces Korea</i>
CSG	<i>Carrier Strike Group</i>
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CTF	<i>Combined Task Force</i>
CT&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
DAPA	<i>Defense Acquisition Program Administration</i>
DDG	<i>Destroyer Guided-missile</i>
DDH	<i>Destroyer Helicopter</i>
DMZ	<i>Demilitarized Zone</i>
DSME	<i>Daewoo Shipbuilding and Marine Engineering</i>
EUA	Estados Unidos da América
FIP	<i>Force Improvement Plans</i>
GSOMIA	<i>General Security of Military Information Agreement</i>
HA/DR	<i>Humanitarian Assistance and Disaster Response</i>
HDW	<i>Howaldtswerke-Deutsche Werft</i>
HHI	<i>Hyundai Heavy Industries</i>
IHO	<i>International Hydrographic Organization</i>

IMSC	<i>International Maritime Security Construct</i>
KAMD	<i>Korean Air and Missile Defense</i>
KDX	<i>Korean Destroyer Experimental</i>
KMPR	<i>Korea Massive Punishment and Retaliation</i>
KSS	<i>Korean Attack Submarine</i>
LPH	<i>Landing Platform Helicopter</i>
LPX	<i>Landing Platform eXperimental</i>
LVC	<i>Live, Virtual and Constructive</i>
MDL	<i>Military Demarcation Line</i>
NLL	<i>Northern Limit Line</i>
AO	<i>Open Architecture</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ODA	<i>Official Development Assistance</i>
OPCON	<i>Operational Control Authority</i>
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PPGEM	Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos
RAM	Revolução em Assuntos Militares
RIMPAC	<i>Rim of the Pacific Exercise</i>
ROK	<i>Republic of Korea</i>
RPDC	República Popular Democrática da Coreia
SAAM	<i>Surface-to-air, anti-aircraft and anti-missile</i>
SAM	<i>Surface-to-air Missile</i>
SLOC	<i>Source Lines of Code</i>
TASS	<i>Towed Array Sonar System</i>
THAAD	<i>Terminal High Altitude Area Defense</i>
TSCE	<i>Total Ship Computing Environment</i>
UNC	<i>United Nations Command</i>
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USFK	<i>United States Forces Korea</i>
VR/AR	<i>Virtual Reality/Augmented Reality</i>
WARFLOT	<i>Naval Special Warfare Flotilla</i>
ZEE	Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	BASE CONCEITUAL E TEÓRICA	16
2.1	Conceitos-chave	16
2.1.1	Marinha e Poder Naval	16
2.1.2	Modernização e capacidades C4ISR	26
2.1.3	Potência Média	32
2.2	Águas Azuis no pensamento estratégico naval	38
2.2.1	Alfred Thayer Mahan	40
2.2.2	Julian Stafford Corbett	42
2.2.3	Geoffrey Till	43
2.3	Legados importantes na história naval da República da Coreia	47
2.4	Choi Nam-seon e a narrativa do mar	53
3	O PODER NAVAL DA REPÚBLICA DA COREIA	58
3.1	O ambiente de segurança sul-coreano	58
3.1.1	“Gachi Gapshida”: a aliança militar com os EUA	58
3.1.2	A RPDC como uma ameaça complexa	67
3.1.3	Uma guerra de memórias: as disputas marítimas com o Japão	74
3.1.4	“Um camarão entre as baleias”?	78
3.2	A modernização da Marinha no pós-democracia	80
3.2.1	Contratorpedeiros KDX	81
3.2.2	Jang Bogo: o programa de submarinos de ataque	84
3.2.3	A introdução do porta-aviões CVX	88
3.3	A 4ª Revolução Industrial e o arsenal sul-coreano	92
4	RUMO ÀS ÁGUAS AZUIS?	96
4.1	Defesa e construção naval como partes da “Coreia Global”	96
4.2	Cheonghae e o combate à pirataria	99
4.3	O Complexo Civil-Militar de Jeju e a <i>Maritime Task Flotilla 7</i>	105
4.4	Contribuições relevantes da experiência sul-coreana	111
5	CONCLUSÃO	114
	REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

O antigo provérbio coreano *Golae ssaum-e saeudeung teojinda* (“Quando as baleias lutam, é o camarão que se machuca”) traduz a visão da Coreia como o camarão, e as potências em seu entorno como a figura das baleias, mostrando a disputa entre os diferentes atores em seu entorno estratégico. Nos tempos dinásticos da Coreia, as baleias corresponderam aos impérios da China e do Japão, e, do período pré-Guerra da Coreia à divisão da península coreana em dois países independentes (i.e., República da Coreia e República Popular Democrática da Coreia), as baleias foram a antiga União Soviética e os EUA. Atualmente, na visão da Coreia do Sul, doravante República da Coreia, as baleias caminham para a representação da competição estratégica entre EUA e China.

Situada no Leste da Ásia, a República da Coreia é cercada pelo Mar do Leste/Mar do Japão, Mar Amarelo e Estreito da Coreia, possui 2.413 quilômetros de costa e conta com uma fronteira terrestre bloqueada ao norte da península coreana, fatores que levam o país a ser visto também como uma ilha. Sua localização estratégica enfatiza a importância da proteção de suas águas costeiras, da fronteira marítima intercoreana, de ilhas e rochedos sob sua soberania e da segurança de suas rotas marítimas. Como alude o historiador naval Geoffrey Till (2018, p. 23-32), o mar é “fonte de recursos”, “meio de transporte e comércio”, proporciona o intercâmbio entre diferentes culturas, mas também pode se traduzir em latente exposição a riscos. Ao longo da história da República da Coreia, nota-se que o mar simboliza tais características, sendo vital à sua existência e prosperidade.

Em cerca de 70 anos, a República da Coreia se transformou de um país devastado por uma guerra fratricida em uma potência econômica, militar, industrial e tecnológica, sendo gradativamente vista como um modelo de desenvolvimento. O país alcançou posições entre as maiores economias mundiais, os mais inovadores do mundo, os líderes no setor de pedidos de construção e reparação naval do mundo e as maiores potências militares mundiais. Em 2021, a República da Coreia se tornou o primeiro país na história da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) a ter o status de sua economia em desenvolvimento elevado para uma desenvolvida. Além disso, logrou a façanha de ser o sétimo país¹ – e o primeiro sem armas nucleares – a desenvolver a capacidade de lançar mísseis balísticos por submarinos.

¹ A Coreia do Norte não está incluída, tendo em vista sua capacidade de lançamento ainda ser passível de discussão. Os demais países são EUA, Rússia, China, Reino Unido, França e Índia.

O Leste da Ásia é tido como de grande influência e importância marítima por diversos autores. Soma-se, ainda, o fato de países vizinhos estarem expandindo seus domínios militares no mar, ar, espaço e ciberespaço. Além do aumento da tensão geoestratégica no ambiente de segurança regional da República da Coreia – sobretudo no pós-Guerra Fria –, o país precisa constantemente lidar com a imprevisibilidade das ações e ameaças da República Popular Democrática da Coreia (ou Coreia do Norte, RPDC). O Sudeste da Ásia – área vital de passagem da República da Coreia ao Oriente Médio e Europa –, vem se tornando palco de desenvolvimento de capacidades marítimas dos países e novas aquisições em defesa. Assim, a modernização da Marinha da República da Coreia se tornou fundamental com vistas às suas capacidades autossuficientes, proteção de seus interesses estratégicos como potência média e atuação em destaque no ambiente de segurança global.

Outra demonstração da importância estratégica e econômica do mar para a República da Coreia se confirma no setor de construção naval. Na década de 1960, sob a administração presidencial de Park Chung-hee e fase inicial do chamado “Milagre do Rio Han”, o país fomentou políticas de crescimento econômico e industrialização nacional. Segundo o relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a industrialização do país se deu, primeiro, com a indústria leve de uso intensivo de mão de obra e, em seguida, nos anos 1970 e 1980, com as indústrias pesadas e de alta tecnologia, fase de desenvolvimento da indústria naval civil e militar (OCDE, 2009). Dessa forma, o setor de construção naval se destacou como uma das importantes áreas de desenvolvimento no processo industrial do país, tendo recebido estratégico apoio governamental (Shin; Cicantell, 2009, p. 168-170) Observa-se que o setor fomentou o surgimento de empresas de construção naval sul-coreanas, as quais algumas recebem destaque e notoriedade internacional na contemporaneidade, como a Hyundai Heavy Industries.

Atualmente, de modo geral, a indústria sul-coreana – em função de sua competitividade e com o apoio do governo na promoção de investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D), emergência de tecnologias e capital humano – inseriu-se com êxito na cadeia de produção de outros países. A ênfase em P&D proporcionou à República da Coreia a garantia do domínio tecnológico em determinados componentes estratégicos importantes para produtos de consumo final, como monitores e semicondutores (Chung, 2016; Neves, 2020). No setor de Defesa, a exemplo de países desenvolvidos e inovadores, a República da Coreia também incrementa investimentos, buscando novas plataformas, armas e sensores para sua força naval.

O pensamento de modernização e ambição da República da Coreia em se tornar uma marinha de águas oceânicas – conceito apresentado na seção 2.2 desta dissertação – ocorreu na

esteira do processo de redemocratização do país. Esse processo de modernização naval teve início na década de 1990, quando a Marinha também buscou maior destaque, expansão de suas operações e espaço nos planos estratégicos de segurança e defesa do país, almejando refletir as ambições e conjunturas geopolíticas nacionais (Bowers, 2019). Dessa forma, mediante o apoio político expresso, o país inaugurou a atual fase de desenvolvimento da força naval sul-coreana. Fato que atende uma das seis condições do pensamento mahaniano para o desenvolvimento do poder naval sul-coreano.

Em 1995, o Almirante sul-coreano An Byeong-tae, que fomentou o conceito operacional de águas azuis, conseguiu a aprovação do presidente sul-coreano Kim Young-sam para o desenvolvimento de uma marinha de águas azuis, a qual estenderia suas operações no Leste da Ásia e alcançaria teatros mais longes. No mesmo ano, o discurso do presidente Kim Young-sam – quem objetivava que a República da Coreia se tornasse um país globalizado e um *stakeholder* internacional – solicitou a participação dos oficiais da Marinha da República da Coreia na nova era marítima de águas oceânicas com a operação de navios de guerra sul-coreanos em águas distantes. Este fato representou o apoio político aos anseios da Marinha pela modernização e robustez de sua força naval (Kim, 1995).

Lançado no mesmo ano, o slogan “Para o Mar, para o Mundo” representou a iniciativa da Marinha da República da Coreia com vistas ao projeto de se tornar águas azuis. Esta ambição exigiria avanço na capacidade tecnológica, apoio público e mudança de mentalidade da força naval, a qual até então estava imersa na lógica pós-Guerra da Coreia de dissuasão das ameaças norte-coreanas em águas do entorno da península coreana (Bowers, 2019). Dessa forma, de uma esquadra costeira com navios de pequeno porte, a Marinha sul-coreana passou a adquirir navios mais sofisticados, entre as décadas de 1990 e 2000, como submarino e navios contratorpedeiros da classe Sejong o Grande de 7.600 toneladas (Lee, 2013).

No tocante ao comércio, os países da Ásia dependem do comércio exterior para sua economia e crescimento, buscando a proteção de suas rotas comerciais marítimas, o combate à pirataria e a garantia de livre navegação. A região do Golfo de Áden e o Estreito de Ormuz são importantes à República da Coreia, tendo em vista o intenso tráfego de navios sul-coreanos comerciais atravessando o Estreito de Ormuz e grande parte das importações de petróleo bruto do país ser proveniente do Oriente Médio. Além disso, é no Golfo de Áden, na Somália, onde se concentra a unidade naval sul-coreana Cheonghae, a qual, desde 2009, conduz operações antipirataria sob a Força Tarefa Combinada 151 e já promoveu resgates durante as crises na Líbia e no Iêmen (Okuno, 2020). Cheonghae é a primeira unidade antipirataria do país no exterior e uma das quatro para missões de manutenção da paz (MND, 2022).

Em julho de 2017, o presidente sul-coreano Moon Jae-in anunciou o plano *Defense Reform 2.0* – uma atualização do *Defense Reform 2020* –, classificado pelo Ministério da Defesa da República da Coreia como uma resposta face ao ambiente estratégico em mudança e às exigências tecnológicas contemporâneas. Dentre os princípios do plano, constam: a) fortalecimento das capacidades de defesa nacional; e b) uso de tecnologias da Quarta Revolução Industrial, tendo em vista a limitação de recursos, preparo para futuros combates e redução de tropas. No tocante à Marinha, há a ênfase, por exemplo, na aquisição de contratorpedeiros KDDX, submarinos KSS-III e o projeto do porta-aviões CVX para a manutenção da superioridade marítima (Klingner, 2019; Defense, 2020a). Ressalta-se que o KDDX também é conhecido como KDX-IV, parte do programa de construção naval da Marinha intitulado *Korean Destroyer Experimental* – o qual corrobora o plano de águas azuis do país. O moderno arsenal sul-coreano será abordado na seção 3.3 desta dissertação. Em 2019, a Marinha da República da Coreia lançou a *ROK Vision 2045*, em que propõe a construção de uma Marinha inteligente com o uso de ferramentas da Quarta Revolução Industrial e base em Tecnologia da Informação e Comunicação, em consonância com o plano *Defense Reform 2.0* e em direção às águas azuis.

A presente pesquisa objetiva analisar o desenvolvimento e a modernização do Poder Naval da República da Coreia ao longo de sua história, com ênfase na fase atual caracterizada pela ambição de constituir uma Marinha de águas azuis, à luz das vulnerabilidades do ambiente estratégico em que se insere. Ainda, este trabalho visa extrair ensinamentos que o caso sul-coreano oferece a marinhas medianas, em especial à Marinha do Brasil. A pergunta de pesquisa norteadora desta dissertação é: “quais capacidades e recursos a Marinha da República da Coreia efetivamente possui para se tornar de águas azuis?”.

Esta dissertação tem como marco temporal o período de 1995, início da fase atual de modernização rumo às águas azuis, a 2020, primeira metade do plano ROK Navy Vision 2045 de se tornar uma força naval oceânica plena em 2045. Eventualmente faz-se necessário recorrer a fatos do legado naval coreano e do desenvolvimento naval da República da Coreia ao longo de sua trajetória, a fim de melhor compreender o pensamento estratégico e as ações do país.

Assim, a presente pesquisa possui quatro objetivos específicos. O primeiro objetivo específico consiste em discutir os conceitos-chave de: “Marinha”, “Poder Naval” sob as óticas da República da Coreia e do Brasil, “modernização”, “capacidades C4ISR” e “potência média”, bem como analisar o conceito de “águas azuis” no pensamento estratégico naval, enfatizando-se os teóricos Alfred Mahan, Julian Corbett e Geoffrey Till. O segundo objetivo específico se concentra em analisar o desenvolvimento do Poder Naval da República da Coreia a partir de

suas fases de modernização, enfatizando-se a atual fase de desenvolvimento rumo às águas azuis e a compreensão da relação da República da Coreia com as potências no ambiente de segurança do país, de modo a destacar programas ligados ao plano de águas azuis, como o programa de contratorpedeiros KDX, o programa de submarinos e a introdução do porta-aviões CVX. O terceiro objetivo específico busca discutir a República da Coreia na era da Quarta Revolução Industrial, sobretudo o advento do plano SMART Navy. Por fim, o quarto objetivo específico consiste em apresentar as indústrias de defesa e de construção naval, de modo a verificar a importância da Hyundai Heavy Industries na construção de navios de guerra à Marinha e na modernização da força naval do país e analisar os investimentos no setor de defesa, em P&D, modernização, aquisições de navios e participações em operações de segurança marítima internacional.

A relevância desta pesquisa se concentra em detectar elementos que demonstram como desenvolver um poder naval inexpressivo para um de grande relevância em cerca de 70 anos, além de contribuir com a literatura brasileira sobre a península coreana. Trata-se da primeira pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval sobre a República da Coreia, fato que amplia os estudos relacionados à Ásia, em especial ao Leste Asiático, e cobre uma lacuna de conhecimento específico sobre o país. Adicionalmente, proporciona a compreensão positiva do desenvolvimento de uma marinha de guerra com alta tecnologia e indústria naval, além de compartilhar experiências e aprendizado para o caso de países emergentes. Em pesquisa realizada no banco de dissertações e teses da plataforma CAPES, verificou-se a inexistência de trabalhos que tratem da temática proposta pela presente pesquisa, a qual caracteriza-se pelo ineditismo de se estudar o poder naval da República da Coreia no Brasil, com ênfase no uso de fontes de autores sul-coreanos.

Embora tenha sido encontrada uma tese comparando a área de desenvolvimento das indústrias de construção naval do Brasil e da República da Coreia (Serra, 2002), não foram encontrados na literatura brasileira trabalhos que envolvam temáticas como a fundação da Marinha sul-coreana, sua aliança com os EUA visando o desenvolvimento naval, a lógica de dissuasão norte-coreana, a atuação da unidade naval Cheonghae de combate à pirataria e a modernização naval do país em direção às águas azuis. Durante o processo de pesquisa foram realizadas buscas no catálogo de dissertações e teses da CAPES utilizando-se de palavras-chave como (“modernização naval” *ou* “desenvolvimento naval”) e (“coreia” *ou* “coreia do sul” *ou* “república da coreia” *ou* “coreana”) e não foram encontrados registros acerca do presente estudo. Dessa forma, esta pesquisa possui temáticas e abordagens inéditas, que trazem contribuições para o campo de Estudos Marítimos no Brasil.

Neste sentido, a presente dissertação se alinha à área de concentração de Defesa, Governança e Segurança Marítimas e se insere na Linha de Pesquisa 3 – Política, Gestão e Logística em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) no Ambiente Marítimo. Dessa forma, busca lidar com assuntos relacionados à CT&I no âmbito do Poder Naval da República da Coreia, em que aborda a evolução da Marinha sul-coreana ao longo de sua história, a importância estratégica desta força naval e suas políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento e inovação tecnológica naval. Por ser parte integrante do Mestrado Profissional, esta pesquisa visa prover conhecimento científico de interesse da instituição Escola de Guerra Naval e da comunidade de Estudos Marítimos, no sentido de subsidiar ou informar aos tomadores de decisão e formuladores de políticas públicas acerca da experiência formal do caso sul-coreano, permitindo a capacitação de profissionais a partir do estudo da Marinha da República da Coreia.

Para a transliteração de termos coreanos, a presente dissertação utiliza o padrão de romanização do sistema coreano, exceto para nomes e locais. Os nomes coreanos serão escritos respeitando a seguinte ordem: primeiramente, o nome de família; em seguida, o nome de batismo. Há algumas exceções, como Syngman Rhee, nome do primeiro presidente da República da Coreia. Os termos chineses serão romanizados seguindo o sistema *hanyu pinyin*; já os termos japoneses seguirão o sistema *Hepburn*. Além disso, as datas cumprirão a ordem dia-mês-ano, a partir do calendário gregoriano.

A abordagem deste trabalho é indutiva. A pesquisa é desenvolvida a partir do estudo de fatos, situações e acontecimentos que a presente dissertação busca compreender. O método de pesquisa será o estudo de caso, tendo como objeto de pesquisa a Marinha da República da Coreia, investigando e analisando as evidências quanto à direção desta força naval sul-coreana às águas azuis. Segundo Yin (2003), o estudo de caso é o método de estudo intensivo acerca de um fenômeno denso – seja individual, organizacional, político ou social – no decorrer do tempo, em seu próprio ambiente ou outro(s) local(is) e coletado por meios como observações, entrevistas, documentos, entre outros.

De acordo com Van Evera (1997), há cinco aplicações distintas de estudos de caso na pesquisa científica, a saber: a) testar teorias; b) criar teorias; c) identificar condições anteriores; d) testar a relevância de tais condições; ou e) explicar casos de inerente importância, a qual faz-se notória na presente pesquisa. Além disso, o método de estudo de caso possibilita a pesquisa minuciosa e detalhada de uma parte da história a fim de testar ou elaborar explicações no tocante ao objeto de pesquisa (George; Bennett, 2005).

O estudo de caso deste trabalho – de cunho exploratório e abordagem qualitativa – além de revisão bibliográfica e busca no referencial teórico, conta com pesquisa de campo prévia e acesso ao objeto de estudo. Conforme indicado na introdução, a pergunta de pesquisa se concentra em: quais capacidades e recursos a Marinha da República da Coreia efetivamente possui para se tornar de águas azuis? Além disso, o que a Marinha do Brasil pode aprender com a trajetória e experiência internacional do poder naval da República da Coreia? A fim de responder ao questionamento, esta pesquisa se dá por meio da compreensão do processo de modernização da Marinha da República da Coreia ao longo de sua história, com destaque para a atual fase que evoluiu do pensamento de defesa costeira e dissuasão norte-coreana para a atuação além-mar.

A presente dissertação é dividida em quatro capítulos: i) o primeiro, composto pela introdução e metodologia utilizada na pesquisa; ii) o segundo, pelos conceitos-chave, referenciais teóricos, importantes legados na história naval do país e pela narrativa do mar de Choi Nam-seon; iii) o terceiro capítulo compõe-se pela análise da relação da República da Coreia com os países vizinhos RPDC, Japão e China e o aliado militar EUA, bem como do desenvolvimento da força naval sul-coreana no ambiente de segurança em que o país se insere; ainda, pela análise da tecnologia no arsenal sul-coreano, a fim de evidenciar a inserção do país na era da Quarta Revolução Industrial em meio ao anseio pelas águas oceânicas; e iv) o quarto reúne e analisa os elementos-chave para a modernização da Marinha da República da Coreia e a realização de uma força naval oceânica, bem como as lições que o caso oferece à Marinha do Brasil. Em seguida, a conclusão traz considerações finais acerca do desenvolvimento e modernização da força naval sul-coreana.

2 BASE CONCEITUAL E TEÓRICA

Como apresentado na introdução, esta dissertação tem por objetivo compreender o desenvolvimento e a modernização do poder naval sul-coreano – enfatizando-se o anseio da República da Coreia em possuir uma Marinha de águas azuis –, o ambiente estratégico em que o país se insere e os ensinamentos que o estudo de caso pode oferecer à Marinha do Brasil. Assim sendo, este capítulo identifica, na primeira seção, os conceitos-chave da presente pesquisa, divididos em: i) Marinha e Poder Naval, sob as óticas do Brasil e da República da Coreia; ii) modernização e capacidade C4ISR sob o prisma da força naval sul-coreana; e iii) potência média, haja vista os países do Leste Asiático – sobretudo a República da Coreia e o Japão – basearem-se no conceito de potência média para analisarem suas respectivas política externa e assuntos domésticos.

Em seguida, a segunda seção trata do conceito de águas azuis no pensamento estratégico naval, enfatizando-se a ótica dos pensadores navais Alfred Thayer Mahan, Julian Stafford Corbett e Geoffrey Till. A terceira seção destaca importantes legados navais ao longo da história coreana, os quais se fazem presentes nas escolhas, pensamento e estratégia da Marinha sul-coreana contemporânea. Por último, a quarta seção apresenta o historiador coreano Choi Nam-seon (1890-1957) e seu pensamento acerca da importância do mar para a Coreia, como em sua visão de que a península coreana é o ponto onde se inicia e se desenvolve a cultura marítima, e não apenas a ponta do continente. Além de estimular a autoconsciência geográfica e cultural da Coreia, Choi Nam-seon busca conscientizar o povo coreano para moldar o futuro da Coreia se atendo às narrativas do mar.

2.1 Conceitos-chave

2.1.1 Marinha e Poder Naval

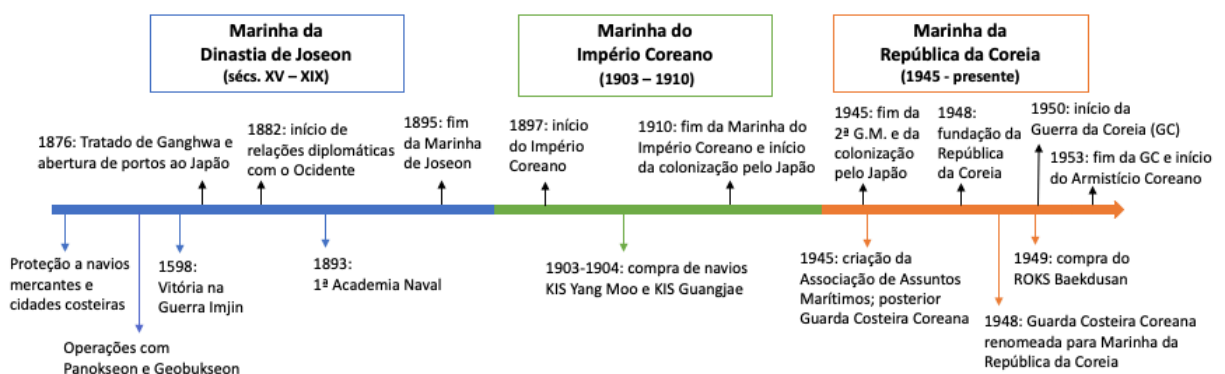
Ao definir o conceito de Marinha, Moreira (2018, p. 716) a identifica como a composição de instituições, organizações, meios e indivíduos que operam no mar e em águas interiores, seja em tempos pacíficos, conflituosos ou de guerra. Como meios, o professor elenca navios, embarcações, plataformas, sistemas, equipamentos, entre outros; e, ao destacar a marinha de guerra dentre os tipos de Marinha, Moreira (*Ibidem*, p. 718) a denomina como instituição estatal que visa o uso ou a ameaça do uso da força no mar em benefício da segurança marítima, interesses marítimos nacionais e defesa nacional. Além disso, no tocante à composição da marinha de guerra, Moreira ressalta a presença de fatores como a percepção de

ameaças e a perspectiva de aspiração que o país visa ter no sistema internacional, diferenciando a visão de países centrais, potências médias e países com menos poder.

Diretamente relacionados à Marinha, encontram-se os conceitos de poder marítimo – expressão do poder nacional “capaz de utilizar o mar e as águas interiores quer como ferramenta de ação política e militar, quer como fator de desenvolvimento econômico e social com vistas ao êxito e manutenção dos objetivos nacionais” (Brasil, 2016, p. 211) – e poder naval, parcela do poder marítimo “capaz de atuar no mar, em águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente”. A força naval é essencialmente composta por “meios navais, aeronavais próprios e fuzileiros navais; por estruturas de comando e controle, apoio, logísticas e administrativas” (Brasil, 2016, p. 212). No tocante ao Brasil, o poder naval possui quatro tarefas básicas: “controlar áreas marítimas, negar o uso do mar ao inimigo, projetar poder sobre terra e contribuir para a dissuasão” (Brasil, 2016, p. 122).

Como ressalta Moreira, os navios e as embarcações representam os meios primordiais de uma Marinha, com suas diferentes classes, tamanhos e propósitos (2018, p. 716). Antes de tratar em específico da Marinha da República da Coreia (1945-presente), em que a alta tecnologia, uma robusta indústria naval nacional e a ambição pelas águas oceânicas se fazem presentes no pensamento estratégico naval contemporâneo do país (Bowers, 2019), esta subseção ressalta pontuais fatos e contribuições da Marinha da dinastia coreana de Joseon e da Marinha do Império Coreano, conforme a figura 1.

Figura 1 - Linha do Tempo



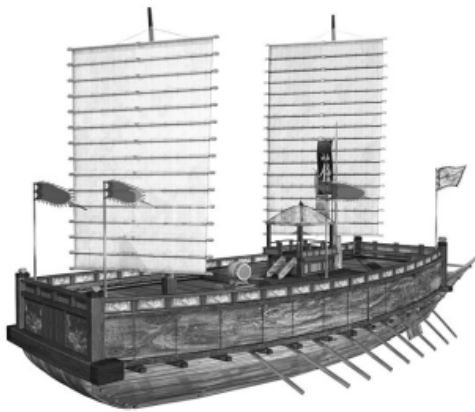
Fonte: Elaboração própria.

A Marinha da dinastia de Joseon (séculos XV-XIX), foi comissionada para a proteção de navios mercantes coreanos e cidades costeiras contra os ataques piratas do Japão, sendo mais conhecida por sua atuação e vitória contra a força naval japonesa durante a Guerra Imjin (1592-

1598). Como ressalta Bowers, a importância do mar e do Poder Naval para a Coreia apenas ganhou notoriedade no século XVI, tratando-se de segurança nacional (2019, p. 144). A Marinha do Império Coreano (1903-1910), por sua vez, foi marcada pelos esforços de compra dos primeiros navios de guerra. Todavia, em 1910, a tradição naval coreana foi interrompida devido à anexação da Coreia pelo Japão (IMN, 2007).

Dentre os navios utilizados pela Marinha de Joseon (sécs. XV-XIX), o Paneokseon e o Geobukseon eram os mais empregados e fortes. As figuras 2 e 3 apresentam os dois principais navios da Marinha de Joseon.

**Figura 2 – Paneokseon
(Marinha de Joseon, sécs. XV-XIX)**



Fonte: KSCPP, 2010, p. 62.

**Figura 3 – Geobukseon
(Marinha de Joseon, sécs. XV-XIX)**



Fonte: WMOK, 2018.

Conforme a figura 2 acima, o robusto Paneokseon era o principal navio de guerra de Joseon, continha o lançador *cheonja chongtong gun* e disparava o artefato *dae-jangun-jeon*², uma espécie de bala de canhão em forma de bastão (também conhecido como míssil da dinastia Joseon), com cerca de 33,7kg e alcance de 1,14km. O bastão *dae-jangun-jeon* era de madeira na estrutura principal, tinha a pólvora como gatilho e era composto por aço de baixo carbono na ponta e na base da lança, bem como nas asas, possibilitando o voo do míssil (Posco, 2020; KSCPP, 2010). O encouraçado Geobukseon, na figura 3, conhecido como navio tartaruga, representou uma inovação tecnológica naval coreana por se tratar do primeiro navio de guerra blindado do mundo (Unesco Heritage, 2006?). Com o topo coberto e um convés curvo para evitar o embarque inimigo, o navio tinha dois andares, diferentes tipos de canhão, possuía pontas de lança em fendas escondidas por palhas distribuídas no convés e propagava uma

² Em coreano, “dae-jangun” significa “o Grande Almirante”, e “jeon” a “flecha”.

fumaça interna para distrair possíveis invasores (Gilbert, 2007, p. 32). Na proa, havia a figura da cabeça de um dragão. A seção 2.3 aprofunda sobre o Geobukseon e o Almirante Yi Sun-shin.

Até meados do século XIX, a dinastia coreana de Joseon manteve relações diplomáticas apenas com a China e o Japão, não abrindo seus portos a potências marítimas ocidentais que navegavam por perto, como França e EUA. A política restrita da Coreia foi ratificada em duas vitórias à época, ambas na ilha de Ganghwa, no Mar Amarelo: a primeira, sobre a expedição francesa à Coreia (Byeongin Yangyo, em coreano), em 1866, na qual frustrou a retaliação da França pela execução de missionários franceses; e a expedição dos EUA à Coreia (Sinmi Yangyo, em coreano), em 1871, inibindo a tentativa americana de relações comerciais com Joseon (WMOK, 2018). Todavia, em virtude da mudança em sua política nacional que passou a apoiar o comércio com o exterior e da pressão externa, em especial do Japão, a Coreia começou a assinar tratados com outras nações. Em 1876, Joseon se viu obrigada a assinar o Tratado de Ganghwa com o Japão, o qual encerrou o estado tributário da Coreia à China e abriu seus principais portos de Busan, Incheon e Wonsan aos japoneses (Woo, 2010a, p. 34).

Por diversas vezes chamada de “reino eremita”, a Coreia era vista sobretudo no ocidente pela sua resistência em se relacionar com outras nações para além de sua região. No século XIX, a Marinha de Joseon se resumiu a uma força de defesa costeira, que precisava treinar seus militares e modernizar sua esquadra. Entretanto, convidar instrutores estrangeiros não era simples, sobretudo por potências estrangeiras terem usado meios diplomáticos como forma de influenciar a Coreia (IMN, 2007, p. 135).

Em 1882, a Coreia iniciou as relações diplomáticas com o primeiro país ocidental, os EUA³, facilitando a solicitação coreana do envio de instrutores militares americanos – o que somente ocorreu em 1888, com o envio do general de brigada brevet⁴ William McEntyre Dye (IMN, 2007, p. 140; CNDC, 1899). Assim, em 1888, a Coreia inaugurou a sua primeira academia militar moderna de Joseon, o Yeonmu Park. Todavia, a opinião pública coreana não foi favorável à academia, sobretudo devido ao orçamento insuficiente do governo, atraso de pagamento de salário aos instrutores e à falta de orgulho, dedicação e devoção dos militares pela Coreia (IMN, 2007, p. 142).

³ Assinatura do Tratado de Paz, Amizade, Comércio e Navegação.

⁴ Posto concedido como recompensa por serviço excepcional, especialmente utilizado nos EUA até 1922 (Britannica, 2022).

Em 1883, a Coreia e o Reino Unido estabeleceram relações diplomáticas. Em 1892, a Coreia solicitou ao cônsul-geral britânico, Walter Caine Hillier⁵, o envio de oficiais da Marinha Real para constituir uma escola naval e contribuir para a modernização da Marinha coreana (IMN, 2007, p.150). Em 1893, estabeleceu-se a primeira Academia Naval moderna da Coreia, na ilha de Ganghwa. A China, a fim de manter a influência militar sobre a Coreia, e por também ter boas relações no setor naval com o Reino Unido, sugeriu, a partir do embaixador britânico em Pequim, Nicholas O'Connor, a aproximação com o Reino Unido em detrimento dos EUA. Caso a Coreia construísse sua Marinha de forma independente, causaria atrito na relação com a China e influência negativa na política de dominação marítima da região (IMN, 2007, p. 155).

Sob o ensino do oficial naval britânico Colwell, a academia formou cerca de 160 oficiais coreanos, além de treinar os alunos para operarem futuros navios de guerra por meio do plano coreano de aquisição. Entretanto, a Academia Naval e a Marinha de Joseon encerraram suas atividades em 1895 devido à Primeira Guerra Sino-Japonesa, na qual China e Japão disputavam entre si o aumento da influência na Coreia. Para Hwang (2019), esta foi a primeira batalha moderna pela Coreia travada por potências imperialistas. Com a vitória, o recém industrializado Japão logrou o domínio da região e impediu a Coreia de fortalecer seu Poder Naval para defender sua própria costa (IMN, 2007, p. 96).

Em 1897, o rei Gojong proclamou o Império Coreano, encerrando a subordinação milenar da Coreia à China. Gojong tentou realizar a Reforma Gwangmu, a qual tinha por objetivo a modernização e industrialização do império coreano. Ocorrida ao longo da Era Gwangmu (1897-1907), a Reforma precedeu o posterior desenvolvimento coreano econômico, militar e de infraestrutura (Woo, 2010a, p. 70-73). As figuras 4 e 5 apresentam os dois navios de guerra adquiridos pelo Império Coreano.

**Figura 4 - KIS Yang Moo
(Império Coreano)**



Fonte: INCHEON OPEN PORT MUSEUM, 2015.

**Figura 5 - KIS Guangjae
(império Coreano)**



Fonte: INCHEON OPEN PORT MUSEUM, 2015a.

⁵ Foi também professor de chinês no King's College London (1904-1908) e conselheiro do governo chinês (1908-1910).

O KIS Yang Moo foi o primeiro navio de guerra das Forças Armadas do Império da Coreia. Construído em 1888 por Sir Raylton Dixon & Co e nomeado como “Pallas”, o navio mercante inglês foi vendido à japonesa Mitsui Corporation por 250 mil ienes e renomeado para “Kachidate Maru” em 1893, passando a ser usado como transportador de carvão. O Japão revendeu o navio de carga à Coreia por 550 mil ienes, em abril de 1903, o que gerou críticas da opinião pública coreana em relação à compra governamental face à precária situação financeira do país. Ainda, o “objetivo da compra não era fortalecer a defesa marítima, mas fortalecer o reinado de Gojong e celebrar seus 40 anos no poder” (IMN, 2007, p. 159; Lloyds, 1910, p. 290 e 300).

O KIS Yang Moo tinha cerca de 3.250 toneladas, 339,8 pés de comprimento e 42,2 pés de largura, propulsão a vapor, velocidade máxima de 13,5 nós por hora, armado com dois canhões antigos de carregamento pela boca e 72 tripulantes. Já em águas coreanas, o navio passou a ser usado para treinamento. A Coreia escolheu Shin Soon-seong, recém graduado pela Escola Naval de Tóquio, como seu primeiro capitão. Entretanto, o navio não era suficiente para ser utilizado na guerra, haja vista ter sido um navio de carga reconstruído para uso militar. (Tees, 2022; IMN, 2007, p. 159-160; Neff, 2011). Em resposta, o Império Coreano adquiriu, em 1904, o encouraçado KIS Guangjae, que assumiu a função de guarda costeira e serviu como navio de vigilância durante o período colonial japonês (WMOK, 2020).

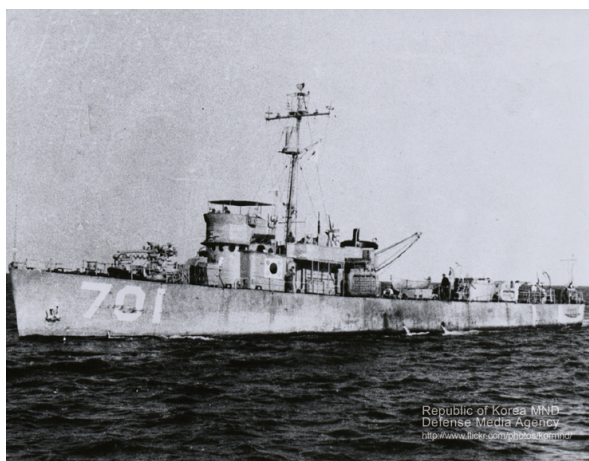
Em 1910, o desenvolvimento da força naval coreana foi interrompido devido à anexação da Coreia pelo Japão imperial. Durante a ocupação e colonização japonesa (1910-1945), a Marinha Imperial do Japão construiu uma base naval na Coreia, chamada de Distrito da Guarda de Chinkai, onde atualmente se localiza a base naval coreana de Jinhae (OldTokyo, 2022). Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e EUA) sobre o Eixo (Japão, Alemanha e Itália), em 1945, chegou também ao fim o domínio colonial do Japão sobre a Coreia. Com a retirada dos japoneses do território coreano, a Coreia foi dividida no paralelo 38 – ao norte, uma zona sob influência da União Soviética; ao sul, uma zona sob influência dos EUA. Em 15 de agosto de 1948, o governo da República da Coreia foi instaurado, seguido pelo estabelecimento da República Popular Democrática da Coreia (RPDC), em 09 de setembro do mesmo ano (Lee, 2015, p. 13).

A gênese da Marinha da República da Coreia data de 11 de novembro de 1945 com a criação da Associação de Assuntos Marítimos, liderada pelo marinheiro mercante coreano Sohn Won-yil e que posteriormente se tornou a Guarda Costeira da Coreia (Koda, 2010, p. 3). Mediante a fundação da República da Coreia, a Guarda Costeira Coreana se tornou a Marinha

da República da Coreia, tendo Sohn Won-yil⁶ como seu primeiro Chefe de Operações Navais. Dessa forma, dentre os quatro serviços das Forças Armadas sul-coreanas, a Marinha é a força que possui a história mais antiga (Koda, 2010, p. 16).

Em 17 de outubro de 1949, a Marinha adquiriu seu primeiro navio de guerra dos EUA por 60 mil dólares, oito meses antes da eclosão da Guerra da Coreia (1950-1953) (ROKNavy, 2018, p. 9). O antigo PC-823 dos EUA foi renomeado para ROKN Baekdusan (PC-701) e chegou em Jinhae em 10 de abril de 1950. O navio foi comandado pelo capitão Choi Yong-nam e tinha 600 toneladas, 52 metros de comprimento, um canhão principal de 3 polegadas (76mm) e seis metralhadoras calibre 50 (Roblin, 2021), conforme a figura 6. Seu mastro, apresentado na figura 7, está preservado na atual Academia Naval sul-coreana como o símbolo daquele que foi o primeiro navio de guerra da Marinha da República da Coreia.

Figura 6 - ROKS Baekdusan (PC – 701)



Fonte: ROK Defense Photo Magazine, 2012.

Figura 7 - Mastro do ROKS Baekdusan



Fonte: CHA, 2010.

Em 25 de junho de 1950, o Exército Popular Coreano (KPA) da RPDC invadiu a República da Coreia com o objetivo de unificar pela força a península coreana, dando início à Guerra da Coreia, também conhecida como A Guerra Esquecida, nos EUA – em que a memória do conflito é geralmente ofuscada pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra no Vietnã –, e Guerra de Libertação da Pátria, na RPDC. Os primeiros ataques norte-coreanos abrangeram operações anfíbias na costa leste, ao passo que a República da Coreia e os EUA realizavam uma evacuação anfíbia próximo ao porto de Incheon. O Baekdusan exerceu importante papel no estágio inicial da Guerra da Coreia, apoiando a Marinha sul-coreana a conter e repelir o avanço

⁶ Em 2007, a Marinha da República da Coreia batizou o primeiro submarino de ponta Tipo 214 como Son Won-yil, em homenagem ao pai fundador da força naval do país.

norte-coreano. Logo no primeiro dia da guerra, o Baekdusan interceptou um navio norte-coreano enquanto avançava rumo ao Mar do Leste, informou seu avistamento ao Quartel-General Naval e recebeu permissão para atirar, tendo sucesso em sua primeira batalha (Boose Jr., 2008, p. 111-115).

No decorrer da guerra fratricida, foram realizadas operações conjuntas com as forças da ONU e forças navais aliadas contra a RPDC no Mar Amarelo e no Mar do Leste. Como ressalta o ex-Chefe de Operações Navais da Marinha sul-coreana, Myung-soo Hahm (1928-2016), em seu artigo *Reflecting on the History and Future of Republic of Korea Navy*: “as operações anfíbias em Incheon, Wonsan e Heungnam, bem como as operações de transporte marítimo foram as principais nos primeiros seis meses da Guerra da Coreia”. Hahm aponta que o poder aéreo foi importante na guerra, mas destaca a relevância do poder naval, como na operação de desembarque em Incheon, em que a força naval sul-coreana conduziu operações de bloqueio e espionagem ao longo da costa coreana (2015, p. 16, 20, 23, tradução nossa).

A Guerra da Coreia foi suspensa em 27 de julho de 1953 mediante a assinatura do Acordo de Armistício Coreano, o qual instaurou o cessar-fogo entre as forças militares e estabeleceu a Linha de Demarcação Militar (MDL) como a fronteira terrestre intercoreana (Lee, 2015, p. 16, 563-564). Ao longo da MDL encontra-se a Zona Desmilitarizada da Coreia (DMZ), uma faixa de terra de 250km de comprimento dividindo a península coreana e de 4km de largura como zona tampão para ambos os lados, próxima ao paralelo 38° (*Ibidem*, p. 567; Kim, 2014, p. 65). É importante ressaltar que o armistício não estabeleceu uma linha de demarcação marítima entre as Coreias. A Linha do Limite do Norte (NLL), no Mar Amarelo, que atua como a fronteira marítima *de facto* entre as Coreias, não é reconhecida pela RPDC (Lee, 2015, p. 17-18) e será abordada no âmbito das relações intercoreanas na subseção 3.1.2.

A Marinha da República da Coreia é o serviço de guerra naval das Forças Armadas do país, sendo responsável pelas operações navais e anfíbias (KLRI, 2019). Seguindo a divisão estabelecida pelo contra-almirante sul-coreano Cho Youngjoo, desde a sua fundação em 1945, a Marinha sul-coreana concentrou seus esforços e desenvolvimento em quatro principais fases, a saber: i) criação e início da força naval, abarcando o período da guerra fratricida (1945-1953); ii) desenvolvimento e aliança militar com os EUA (1953-1973); iii) desenvolvimento da Marinha e lógica de dissuasão das ameaças norte-coreanas; e iv) modernização com vistas à capacidade de se tornar uma força naval oceânica (1995-presente), período em que também passou a atuar em operações de manutenção da paz (Cho, 2015). Foi a partir de 1995, com o apoio político do ex-presidente sul-coreano Kim Young-sam, que a Marinha alçou sua quarta –

e atual – fase de desenvolvimento, em direção às águas azuis, conceito aprofundado na seção 2.2 desta dissertação.

A Marinha busca transmitir a imagem de uma força naval sólida e lograr o apoio público sul-coreano ao seu anseio de se tornar uma marinha oceânica plena. Nesse sentido, a figura 8 apresenta a logomarca da Marinha sul-coreana, com elementos característicos do anseio pelas águas azuis.

Figura 8 - Logomarca da Marinha da República da Coreia



Fonte: ROKNAVY, 2022.

Na logomarca, o círculo *taegeuk* – presente na bandeira nacional e que representa o equilíbrio – traduz-se na relação do país com o mundo; o mastro simboliza um navio; e o triângulo invertido representa o casco de um porta-aviões, componente fundamental em referência à ambição sul-coreana pelas águas azuis (ROKNavy, 2022). Como observa Moura (2012, p. 471), a Marinha da República da Coreia visa exercer a estratégia naval do país em duas principais frentes, a saber: a) o controle de áreas marítimas litorâneas, a fim de assegurar suas atividades nos âmbitos marítimo e terrestre; e b) o controle de espaços marítimos permanentes e móveis, a fim de assegurar suas linhas de comunicação marítima, atividades marítimas longe da costa e atividades de projeção de poder.

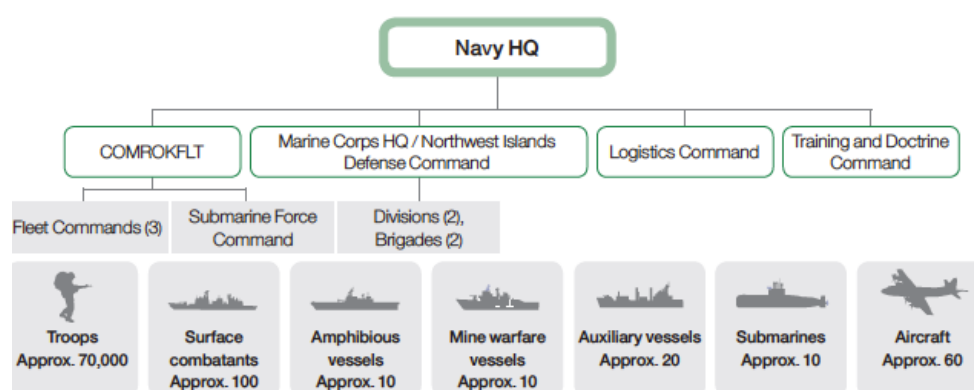
Em tempos de paz, a missão da Marinha se concentra na i) dissuasão, com a demonstração de força por meio de exercícios militares e patrulhamento no domínio marítimo contíguo para deter a infiltração de forças inimigas; ii) proteção da soberania e interesses marítimos sul-coreanos, como as linhas marítimas de navegação (SLOC), fluxo de navios mercantes, proteção de recursos marinhos em sua zona econômica exclusiva, patrulhamento próximo a ilhas em disputa vigente e prevenção de atividades comerciais ilegais; e iii) apoio à política externa sul-coreana e elevação do prestígio nacional, ao participar de Operações de

Manutenção da Paz, de cooperação multilateral de segurança, como o exercício RIMPAC, e realizar visitas de porto (ROKNavy, 2022a, tradução nossa).

Em tempos de guerra, a Marinha objetiva: i) projetar sua força, com tiros navais e ataque de mísseis guiados, visando as principais instalações de comando e controle e alvos estratégicos do inimigo; ii) controlar o mar, a partir do emprego de combatentes de superfície⁷, aeronaves marítimas e submarinos; e iii) proteger suas SLOCs, abatendo submarinos inimigos e escoltando navios por meio do uso de navios e aeronaves ASW e submarinos (ROKNavy, 2022a, tradução nossa).

Atualmente, a Marinha da República da Coreia é formada pelo Quartel-General da Marinha (*Navy HQ*), ao qual estão subordinados, conforme a figura 9: i) a Esquadra da Marinha (COMROKFLT – *Commander Republic of Korea Fleet*), que possui autoridade de comando sobre as operações navais e conduz operações anti-superfície, antissubmarino, minagem e contra-minagem e operações anfíbias; ii) o Comando do Corpo de Fuzileiros Navais (*Marine Corps Headquarters*) – que executa operações anfíbias e de defesa de determinadas áreas e ilhas estratégicas, além de operar uma Força de Emprego Rápido (*Quick Maneuver Force*) – e o Comando de Defesa das Ilhas do Noroeste (*Northwest Islands Defense Command*), com missões de defesa e seguranças destas ilhas; e iii) as unidades de apoio, como o Comando Logístico e o Comando de Treinamento e Doutrina (MND, 2020, p. 64).

Figura 9 - Organização da Marinha da República da Coreia



Fonte: Extraído de MND, 2020, p. 64.

Três descrições se fazem pertinentes quanto à organização da Marinha, na figura 9. A primeira, que a Esquadra da Marinha se subdivide em três comandos: o 1º comando Donghae, responsável pela área do Mar do Leste/Mar do Japão; o 2º comando Pyeongtaek, responsável pela região do Mar Amarelo; e o 3º comando Busan, que resguarda o Estreito da Coreia (The

⁷ Os principais combatentes de superfície da República da Coreia são contratorpedeiros KDX-III, KDX-II e KDX-I, bem como fragatas (THE MILITARY BALANCE, 2022, p. 284; ROKNAVY, 2018).

Military Balance, 2022, p. 284). Ainda, há o comando independente de submarinos, na base naval de Jinhae, tornando a República da Coreia o sexto país no mundo a operar um comando independente de submarinos, ao lado de EUA, Japão, Reino Unido, França e Índia (Jeong; Ser, 2015).

A segunda descrição, que – devido às ameaças de superfície, aéreas e submarinas – a Marinha opera suas forças multidimensionais de forma integrada, utilizando navios de guerra, submarinos, aeronaves e helicópteros de patrulha e operações marítimas. E a terceira, que o Corpo de Fuzileiros Navais possui um efetivo de 29 mil pessoas incluído no contingente total de tropas da Marinha e visa aprimorar suas capacidades para operar em missões multidimensionais e de alta velocidade anfíbia, bem como defender ilhas que são estratégicas ao país asiático. (MND, 2020, p. 64-65).

Como enfatizado por Moreira, a estruturação de uma marinha de guerra pode evidenciar o pensamento estratégico de um país, o qual se molda pelo grau de ameaça percebido pela sua sociedade e a visão de qual inserção o país deve e pretende buscar no cenário internacional (Moreira, 2018, p. 718). Tal compreensão também se enquadra no estudo do caso da Marinha da República da Coreia, embasado no discurso do presidente Moon Jae-in, em 15 de agosto de 2021, em homenagem ao 76º aniversário do Gwangbokjeol, Dia da Libertação da Coreia do domínio colonial japonês. Na ocasião, Moon ressaltou que a República da Coreia busca uma defesa nacional autossuficiente e lembrou que a Marinha da República da Coreia foi criada com barcos de patrulha e navios de guerra enferrujados abandonados pela força naval japonesa e se modernizou para uma marinha que comissionou cerca de 150 navios, contendo 19 submarinos e 09 contratorpedeiros – alguns, inclusive, com o sistema de combate Aegis integrado ao navio de guerra e com capacidade de combater ameaças de mísseis balísticos (Yonhap, 2021). O conceito de modernização e as capacidades adotadas pela Marinha sul-coreana são abordados na subseção a seguir.

2.1.2 Modernização e capacidades C4ISR

O conceito de modernização está diretamente relacionado ao de modernidade. Nas palavras do filósofo brasileiro Danilo Marcondes:

O conceito de modernidade está sempre relacionado para nós ao “novo”, àquilo que rompe com a tradição. Trata-se, portanto, de um conceito associado quase sempre a um sentido positivo de mudança, transformação e progresso. Não é à toa que no discurso político frequentemente encontramos esse termo, quando falamos, por exemplo, em projeto de “modernização” do país. (Marcondes, 2010 p. 141).

Igualmente associado ao conceito de modernidade, está o surgimento da Revolução Industrial, mediante o encontro da ciência com a tecnologia, e posteriormente a adesão da

inovação. De acordo com Moreira, o legado científico e tecnológico da modernidade resultou nos subseqüentes desenvolvimentos da indústria marítima. Segundo o autor, o resultado possibilitou o advento de navios de tamanhos maiores, mais rápidos e de maior grau de confiança (2018a, p. 286). Além disso, para Moreira:

(...) As inovações tecnológicas “de ruptura” no ambiente marítimo não se limitaram a novos recursos para atuação na superfície do mar ou no espaço aéreo subjacente. A Grande Guerra também viu evoluir e se afirmar outra poderosa arma para a guerra no mar: o submarino que, juntamente com o torpedo autopropulsado, alargou ainda mais as fronteiras tecnológicas, agregando mais uma dimensão à guerra naval (Moreira, 2018a, p. 298).

Cabe ressaltar que, no século XXI, em meio à chamada Era do Conhecimento e da Quarta Revolução Industrial, as Marinhas terão ainda mais importância, e o desenvolvimento do Poder Naval de um país resultará de um somatório de tomadas de decisão e esforços – em especial nos âmbitos de capacidades científico-tecnológicas e de indústria de defesa (Moreira, 2018). Como destacam Patalano e Manicom (2014), o poder relativo dos Estados tem sido avaliado pela métrica da capacidade naval. Além disso, o setor naval de um Estado requer grande volume de capital e planejamento detalhado e de longo prazo para o sucesso de seu desenvolvimento, como no caso do setor naval sul-coreano que começou a ser enfatizado na década de 1970.

O governo sul-coreano se revelou como um ator importante na promoção da industrialização nacional com concessão de incentivos baseada no desempenho dos exportadores. Na década de 1970, o país começou a endereçar recursos para a indústria pesada e indústria química, momento em que a indústria de defesa nacional começou a se estabelecer. Antes limitada pela dependência de segurança do aliado estadunidense e por uma economia subdesenvolvida (Moon; Lee, 2008, p. 117), a indústria de defesa sul-coreana começou a ganhar forma, iniciando na produção de armas pequenas e de munição.

Em virtude da Doutrina Guam, de 1969, o enfraquecimento do compromisso de segurança dos EUA com a República da Coreia – somado ao aumento da provocação militar norte-coreana à época – motivou o avanço da indústria de defesa sul-coreana para itens de modernização militar, incluindo capacidade de comando e controle. Dessa forma, desde a década de 1970, o país asiático busca desenvolver sua organização militar, doutrina e sistemas de armas. Como esclarecem Moon e Lee (2008, p. 117-118), a partir do final dos anos 1980, sob o contexto de fim da Guerra Fria e do processo de democratização sul-coreana, a República da Coreia se direcionou ao discurso de “estratégia militar, construção do poder militar, estrutura de forças e sistemas de armas”, culminando, no final da década de 1990, em interesses direcionados à Revolução em Assuntos Militares (RAM).

Conforme apontam Moon e Lee, a RAM se refere a “um novo pensamento sobre estratégia e tática, organização e doutrina militar, estrutura de força e aquisição geral de armas e operações militares”, resultantes do arranjo de “múltiplas inovações em tecnologia, dispositivo, sistema, conceito operacional e doutrina militar” (2008, p. 118, tradução nossa). Para Krepinevich (1994), a RAM:

é o que ocorre quando a implementação de novas tecnologias em um número significativo de sistemas militares combina com conceitos operacionais inovadores e adaptação organizacional de uma forma que fundamentalmente altera o caráter e a condução do conflito (1994, tradução nossa).

Krepinevich (1994) ressalta quatro componentes da RAM: “mudança tecnológica”, “inovação operacional”, “desenvolvimento de sistemas” e “adaptação organizacional”; e ainda expressa que as tecnologias da RAM são geralmente desenvolvidas no âmbito civil para fins civis e posteriormente aplicadas em meios militares. Segundo o Almirante William Owens (1996, p. 1), vice-presidente do Estado Maior Conjunto dos EUA (1994-1996), a RAM possui três principais características: i) Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (ISR), em que o ISR abarca tecnologias de sensores e coleta de inteligência, vigilância e reconhecimento, além de meios que acompanham as atividades da força militar; ii) Comando, Controle, Comunicações, Computadores e Processamento de Inteligência (C4I), em que o C4I possui a função sequencial de captar e compreender o ambiente de batalha e, em seguida, interferir no ambiente de batalha – quer seja para modificar, controlar ou dominar; e iii) uso preciso da força, que coloca em prática as duas características anteriores. Ao serem utilizadas em conjunto, Owens acredita que seria possível identificar e eliminar qualquer alvo inimigo.

Iniciada nos EUA e referindo-se ao futuro da guerra, Raska destaca que o debate acerca do fenômeno da RAM tem se concentrado na dinâmica americana e passou pelas etapas de: i) criação do termo na década de 1970 por observadores soviéticos; ii) adaptação e incorporação ao pensamento estratégico dos EUA no início dos anos 1990; iii) ápice do debate RAM em meados dos anos 1990; iv) preferência pelo termo Transformação Militar, em vez de RAM, no final dos anos 1990 e início de 2000; e v) uso do termo *modernization-plus* em detrimento do paradigma RAM, a partir de 2005. O autor observa, ainda, que “a maioria dos escritos silenciou ou ignorou as implicações da difusão da RAM nas políticas de segurança e defesa de pequenos Estados avançados e potências médias” (2011, p. 369), como o caso da República da Coreia.

A República da Coreia, ainda que não tenha adotado oficialmente a RAM como sua doutrina militar, evidencia elementos característicos do seu conceito ao longo do processo de modernização de suas forças armadas, o qual visa se ajustar aos novos desafios de segurança e alterações na aliança com os EUA (Moon; Lee, 2008, p. 133). Moon e Lee elencam quatro

principais momentos que sinalizaram o fenômeno RAM na República da Coreia, a saber: i) a busca pela modernização militar a partir da industrialização de defesa nativa, na administração presidencial de Park Chung-hee (1961-1979), o qual é visto pelos autores como o pioneiro da RAM sul-coreana. Apesar da possibilidade de aprimoramento de suas capacidades via modernização de produtos por meio de modificação, redesenho e engenharia reversa, a estratégia, estrutura de força militar e doutrina se mantiveram inalteradas devido à dependência da força americana no país (2008, p. 120-123).

Os outros três principais momentos são: ii) a campanha de “coreanização da defesa coreana” sob o governo Roh Tae-woo (1988-1992), indicando o distanciamento da dependência em excesso dos EUA; iii) a criação do Comitê para a Promoção da Reforma da Defesa e o Plano Quinquenal de Reforma da Defesa, enfatizando-se a informatização da defesa e impulsionando a aquisição de ativos de defesa vinculados à guerra centrada em rede e capacidade de vigilância e ataque, sob o governo de Kim Dae-jung (1998-2003); e iv) a criação do plano de Reforma da Defesa 2020 e melhoria das capacidades científicas e tecnológicas sul-coreanas, sob o governo de Roh Moo-hyun (2003-2008), em junho de 2005 (Moon; Lee, 2008, p.120-123). Cabe ressaltar que a Reforma da Defesa 2020 foi impulsionada pelo anseio sul-coreano de retomar o controle operacional (OPCON) das forças armadas sul-coreanas em tempo de guerra, que ainda está sob o controle dos EUA.

Em meio ao processo de modernização das forças armadas e o anseio pelas águas azuis, todavia, um fato marcante provocou dúvidas e críticas da opinião pública sul-coreana em relação à prontidão militar frente ao comportamento norte-coreano mais agressivo: os incidentes de Cheonan e Yeongpyeongdo, em 2010. Em 26 de março daquele ano, a corveta sul-coreana ROKS Cheonan (PCC-772) da classe Pohang foi afundada por um torpedo lançado por um submarino norte-coreano próximo à ilha de Baengnyeong, no Mar Amarelo, ocasionando a morte de 46 marinheiros sul-coreanos. O governo norte-coreano não se responsabilizou pelo ocorrido. Em seguida, em 23 de novembro de 2010, a ilha sul-coreana de Yeongpyeong, na região da NLL, no Mar Amarelo, foi bombardeada em um engajamento de artilharia entre forças norte e sul-coreanas, em meio a um exercício militar sul-coreano. Ambos os fatos foram um divisor de águas e seus efeitos são sentidos até os dias atuais na seara política e de planejamento estratégico-militar da República da Coreia (Bowers, 2019).

A fim de se adaptar aos novos e complexos dilemas de segurança, mudanças em sua aliança militar com os EUA e, sobretudo, após os incidentes de Cheonan e Yeongpyeongdo de 2010, a República da Coreia começou a enfatizar as capacidades de ISR e C4I, resultando na

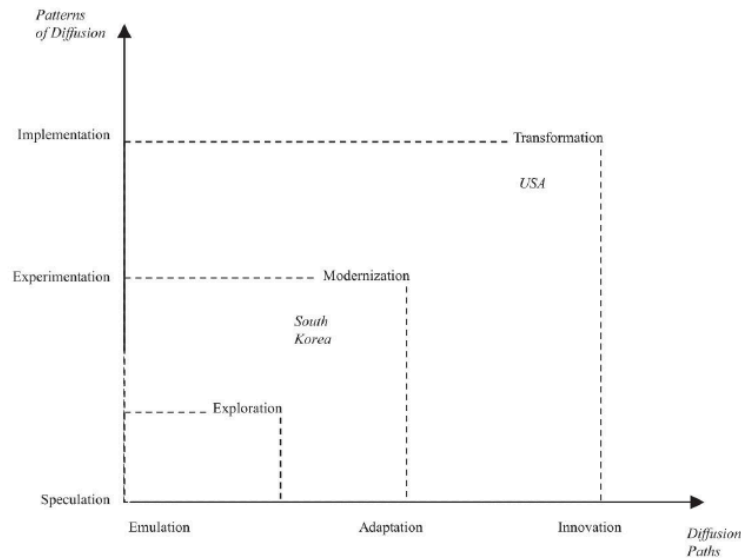
adoção das capacidades C4ISR. O termo C4ISR⁸ foi cunhado pelo Departamento de Defesa (*Department of Defense* - DoD) dos EUA e se refere ao gerenciamento das unidades no decorrer do combate e da tomada de decisão, abrigando os componentes de Comando e Controle, Comunicação, Computadores, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (Ribeiro, 2018), como visto em Owens. Ribeiro (2018) observa que o C4ISR é uma evolução do conceito de comando e controle (C2) em virtude dos avanços na tecnologia da informação e comunicação e do surgimento de novas maneiras de fazer e conduzir a guerra. Dessa forma, as capacidades C4ISR no processo de modernização militar sul-coreana são importantes para proporcionar uma capacidade de resposta sul-coreana mais eficaz à ameaça ou ataque militar, sobretudo atendendo à ambição sul-coreana de estabelecer operações conjuntas e capacidades de Guerra Centrada em Rede (GCR). A GCR é uma doutrina de C2 que visa garantir a superioridade do poder combatente por meio da interação entre sensores, tomadores de decisão e armamentos (Silva, 2011, p. 13).

O atual Plano de Reforma da Defesa 2.0 – que substituiu o plano de Reforma de Defesa 2020 – visa modernizar as capacidades militares qualitativas sul-coreanas para lidar com um ambiente de segurança estratégico em transformação. Nota-se que o Exército é tradicionalmente o ramo de serviço dominante, todavia as últimas décadas têm revelado a ênfase em programas de aquisição na Marinha dentre os anseios políticos, estratégicos e de interesse nacional da República da Coreia. Ao passo que a economia sul-coreana se desenvolveu e sua democracia se consolidou, a força naval do país acompanhou tal crescimento, logrou êxito na construção de navios maiores e apoiou os anseios de sua política externa. Dois exemplos ilustram a modernização da força naval sul-coreana: o programa *Korean Destroyer Experimental* (KDX), dividido em três fases de construção de contratorpedeiros, e o programa de submarinos de ataque (KSS), também dividido em três fases de aquisição (Bowers, 2019). Ambos são tratados na seção 3.2 desta dissertação.

Raska (2011, p. 371-375) explica que os caminhos de difusão da RAM podem ser medidos por meio de: a) caminhos, abarcando as fases de emulação militar, adaptação e inovação; b) padrões, composto pelas fases de especulação, experimentação e implementação; e c) magnitude, contemplando as fases de exploração, modernização e transformação. A figura 10 ilustra a trajetória de difusão da RAM sul-coreana feita por Raska (2011, p. 371-375).

⁸ C4ISR é a abreviação em inglês de *Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance, and Reconnaissance*.

Figura 10 - Trajetória da RAM da República da Coreia



Fonte: RASKA, 2011, p.374; baseado em Mahnken (1999); Farrel, Terriff (2002); Ross (2010).

Conforme a figura 10, Raska ressalta que, ao longo das décadas de 1990 e 2000, a trajetória da difusão da RAM apresentou padrões de especulação (novas formas de solucionar problemas operacionais foram identificadas) e experimentação (novos conceitos, métodos de guerra, tecnologias de armas foram experimentadas) no tocante a conceitos, doutrina e tecnologia, ao passo que a implementação (novas formas de guerra e de conceitos) do uso da força foi limitada (2011, p. 373). O autor expõe que a RAM sul-coreana, apesar de não ter sido adotada expressamente como doutrina militar, desenvolveu-se em dois níveis paralelos: a) adaptativo (externo), delineado pelo entendimento sul-coreano de ameaças e pelas transformações no setor de defesa dos EUA; emulativo (interno), contemplado nas avaliações estratégicas sul-coreanas para o desenvolvimento de capacidades militares autossuficientes. Raska ressalta que a trajetória externa modelou a interna, proporcionando referências para o planejamento de defesa sul-coreano, condições de interoperabilidade e treinamento dos militares sul-coreanos (2011, p. 374).

Raska aponta que o treinamento e as operações conjuntas entre República da Coreia e EUA foram gradativamente influenciados pela RAM dos EUA, como guerra centrada em rede, ataque de precisão e consciência situacional do ambiente de batalha. O autor observa que a RAM sul-coreana na década de 1990 ficou entre as fases de exploração inicial e adoção, ao passo que a década de 2000 demonstrou as fases de emulação e adaptação. Entretanto, Raska pondera que o impulso da RAM sul-coreana não eliminou a força do antigo paradigma sul-

coreano, pautado em restrições orçamentárias e conservadorismo político que dificultaram as reformas de defesa (2011, p. 374).

A busca por vantagem qualitativa, autonomia e autossuficiência em defesa revelam a orientação sul-coreana pela doutrina RAM, somada ao necessário estado de preparação ininterrupta para a guerra e a sempre expectativa de conflito. Dois desafios assimétricos assolam o país: o desenvolvimento do programa de mísseis balísticos norte-coreano e a modernização militar dos países vizinhos (Raska, 2011, p. 370), pontos que são abordados no capítulo 3 deste trabalho. A RAM também promove intensas mudanças na doutrina e organização das forças, além do desenvolvimento na base industrial de defesa (BID) do país. A BID sul-coreana será examinada na seção 4.1 desta dissertação.

2.1.3 Potência Média

Historicamente, diversos autores conferem o uso pioneiro do termo “potência média” ao pensador italiano Giovanni Botero, no século XVI, como Holbraad (1972, p. 56), Marques (2005, p. 47) e Shin (2015a). Mediante o desenvolvimento de diversos conceitos referentes aos Estados em colocação intermediária na escala de poder internacional, Marques observa que não existe consenso na literatura de Relações Internacionais acerca do conceito de potência média (2005, p. 47-48). A autora aponta que a influência regional pode ser considerada como um “ponto de poder” no sistema internacional (*Ibidem*, p. 62). Holbraad destaca papéis exercidos por potências médias, como o de mediador entre as partes em conflito, (1972, p. 60-64), também presente na estratégia de diplomacia da República da Coreia.

Como ressalta Shin (2015a), desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o conceito de potência média está contido nas estratégias de países como Canadá e Austrália, em que ambos buscaram encontrar formas de aumentar suas respectivas influências tendo como base seus apoios aos países aliados. Como exemplo, em 1944, no começo da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), Mackenzie King, ex-primeiro-ministro do Canadá, ressaltou a importância da cooperação mútua entre países de potência média para que pudessem continuar sendo influentes na comunidade internacional (Holbraad, 1972, p. 57-67). A Austrália, por sua vez, com o ex-ministro das Relações Exteriores Herbert Evatt, elucidou o conceito de potência média como forma de garantia dos interesses nacionais australianos no cenário de uma nova ordem mundial pós Segunda Guerra Mundial (Ungerer, 2007, p. 538-51 *apud* Shin, 2015a). Dessa forma, ambos os países transformaram o conceito de potência média em estratégia para suas respectivas políticas externas (Hurst, 2007).

No tocante ao Leste Asiático, em especial desde o fim da década de 1990, os países, sobretudo a República da Coreia e o Japão, analisam suas respectivas política externa e assuntos internos com base no conceito de potência média (Shin, 2012, p. 131-52; Soeya, 2013). Cabe ressaltar a afirmação de Keohane acerca da importância de um país se perceber como potência média para que sua identificação e postura correspondam à presente classificação (1969, p. 295-296), ponto que também se revela presente na estratégia sul-coreana. Além disso, Wight observa que potências menores (incluindo as potências médias) apenas possuem meios para defender limitados interesses, encontram-se em disputas territoriais ou marítimas, porém impossibilitadas de controlar o mercado internacional ou ter domínio sobre o alto mar (1978, p. 65).

Ao buscar identificar as razões de a República da Coreia projetar sua identidade como uma potência média, Kadir Ayhan, em seu artigo “*Rethinking Korea’s Middle Power Diplomacy as a Nation Branding Project*”, primeiramente se concentra em analisar o país por meio das abordagens posicional, comportamental, funcional e de identidade (2019, p. 4). Sob a abordagem posicional das potências médias, o autor revela que a República da Coreia é vista pela comunidade internacional como uma potência média, exemplificando com a sugestão de Neack (1993, p. 350) de que o país tem tido tal status desde a década de 1960 em virtude de suas capacidades econômica, militar e populacional. Porém, Ayhan sinaliza que a República da Coreia apenas reivindicou o status de potência média em 1991 sob o mandato presidencial de Roh Tae-Woo (2019, p. 5-6).

Sob a abordagem comportamental, Ayhan analisa que a maioria dos artigos acerca da diplomacia de potência média se concentram sobretudo na retórica do governo Lee Myung-bak (2008-2013), em áreas de “ação climática, cooperação para o desenvolvimento, ponte entre países desenvolvidos e em desenvolvimento e contribuições para operações de paz”. O autor destaca, por exemplo, que as contribuições de tropas da República da Coreia para operações de paz da ONU⁹ aumentaram¹⁰, mas ainda não são significativas para considerar a abordagem comportamental como a identidade de potência média da República da Coreia (2019, p. 6-10).

Ayhan observa que a abordagem funcional também não caracteriza a República da Coreia como potência média, haja vista o país não liderar algum nicho de governança global.

⁹ Atualmente, a República da Coreia participa de quatro missões de paz da ONU: *United Nations Mission for the Referendum in Western Sahara* (MINURSO), *United Nations Interim Force in Lebanon* (UNIFIL), *United Nations Mission in South Sudan* (UNMISS) e *United Nations Military Observer Group in India* (UNMOGIP) (UNPK, 2021).

¹⁰ Em 2021, a República da Coreia contribuiu com 647 pessoas, entre tropas e funcionários, para as operações de paz da ONU, figurando em 32º lugar; um aumento comparado a 2020, quando o país contribuiu com 574 pessoas (UNPK, 2021; UNPK, 2020).

No tocante à abordagem da identidade, o autor afirma que tal abordagem “considera a política da potência média como uma ideologia de política externa”, compreendendo que pode haver mudanças na transição de governos, o que não representa a República da Coreia, tendo em vista que os governos sul-coreanos subsequentes ratificaram o país como potência média (2019, p. 10-11). Por fim, Ayhan propõe que “a identidade de potência média da República da Coreia tem sido projeto de marca nacional que ocorreu particularmente sob Lee Myung-bak (2008-2013)”, o qual visou projetar uma imagem de potência média para o país e transmitir sua mensagem ao povo coreano, aos governos estrangeiros e à comunidade internacional (*Ibidem*, p. 11).

Nota-se que desde a administração presidencial de Roh Tae-wo (1988-1993), o primeiro do pós-democracia, indícios da ascensão do país no mundo e alusões à posição de potência média da República da Coreia foram feitas, como ressalta Ayhan (2019, p. 11). Ao analisar as atuações de outras potências médias, como Canadá e Austrália, o país buscou contribuir nos nichos de governança global, como o envio de tropas para as operações de paz e assistência ao desenvolvimento (ODA), além de sediar fóruns multilaterais, com o intuito principal de consolidação de sua classificação como potência média (*Ibidem*, p. 12). Mediante a evolução de planos no decorrer das administrações presidenciais sul-coreanas para melhorar a imagem e o status global do país, na década de 2000 surgiu o plano “Coreia Global”, uma estratégia do ex-presidente Lee Myung-bak (2008-2013) para: i) fomentar uma imagem internacional positiva em relação à República da Coreia, o que tornaria o país mais importante na pauta de governança global e aumentaria seu status regional; e ii) ganhar o apoio público sul-coreano na formação da identidade de potência média, de forma a lograr o apoio nacional (Ayhan, 2019, p. 14). Cabe ressaltar que Ayhan reforça que “o processo da República da Coreia de se tornar uma potência média estabelecida é evolucionário”, o qual caminha de forma generalista, sem se concentrar em um nicho específico, todavia o país vem se destacando cada vez mais no cenário internacional (*Ibidem*, p. 17).

Richard Hill, autor da obra “*Maritime Strategy for Medium Powers*”, identifica que uma “potência média” está entre o “pequeno poder” (que “vive sob garantia” para sua segurança) e a “superpotência” (que é “impermeável às ameaças externas”), buscando salvaguardar seus “interesses vitais” e “autonomia” (2000, p. 2-3). O autor aponta que as potências médias não possuem muitos recursos para além do necessário para sua existência e manutenção da soberania de seu território, independência nacional e busca pelo aprimoramento evolutivo de seu governo (2000, p. 3). Uma especial contribuição de Hill para esta dissertação reside na questão marítima como complementar à potência média.

Hill argumenta que a maioria dos países da Ásia-Pacífico se considera marítima, bem como potências médias, e exemplifica com a Austrália como “uma potência marítima média”, em virtude de sua extensão costeira, os recursos e o tamanho de sua zona econômica potencial (2000, p. 4). Portanto, tendo como base o viés de Hill, cabe questionar se a República da Coreia também tem ou poderá ter o status de uma potência marítima média. Neste sentido, Ban Gil-ju (2019), em seu artigo “*Designing the Maritime Strategy of the Middle-Power Korea: The Maritime Access Strategy*”, reconhece a República da Coreia como uma potência média, mas aponta que o país ainda se mantém ligado ao pensamento orientado ao continente, o que representa uma barreira para se tornar uma potência marítima consolidada.

Sukjoon Yoon, em seu artigo “*South Korea: An Emerging Maritime Middle Power*”, inicia caracterizando a República da Coreia como um país insular *de facto*¹¹, em que o oceano passou a ser priorizado para a segurança nacional do país, sobretudo em virtude do interesse sul-coreano em proteger suas SLOCs (2014, p. 104). As SLOCs sul-coreanas vão desde o extremo sul da República da Coreia, cruzam o Mar do Sul da China, passam pelo Estreito de Malaca e o Oceano Índico até chegarem ao Oriente Médio (Lee et al., 2010, p. 27 *apud* Yoon, 2014, p. 104). Yoon ressalta a importância de uma estratégia marítima sul-coreana de potência média que vá além e abarque a região do Indo-Pacífico, a fim de ampliar a perspectiva geoestratégica do país. O ambiente estratégico e de segurança sul-coreano será discutido ao longo do capítulo 3 desta dissertação.

Yoon reconhece o processo de modernização da força naval sul-coreana – em que a Marinha evoluiu de uma força naval costeira e de patrulhamento para uma além-mar e expedicionária – e enfatiza a construção de “uma marinha forte” e bidirecional entre “domínios costeiros” e de “alto mar” (2014, p. 111). O autor conclui que a modernização da Marinha visa estabelecer a “capacidade naval coerente de potência média para a Marinha sul-coreana no século XXI”. Assim como, adotar sistemas de alta tecnologia em seu processo e lograr um “equilíbrio doutrinário em sua política de estratégia marítima entre as perspectivas mahanianas baseadas no mar e as perspectivas corbettianas centradas na terra” (*Ibidem*, p. 114-115).

Na visão de Bowers (2019), em meio à crescente e acirrada rivalidade entre EUA e China, a República da Coreia surge com valor estratégico de potência média. Tendo em vista a ascensão do poderio militar da China, o cenário de constante aprimoramento das Marinhas dos EUA e Japão e a aquisição de novas embarcações e desenvolvimento de capacidades marítimas

¹¹ Devido à hostilidade do governo da RPDC na parte norte da península coreana.

dos países do Sudeste Asiático, a República da Coreia busca salvaguardar seus interesses marítimos e econômicos como uma potência média.

Dois fatos no ano de 2021 revelaram o contínuo desenvolvimento da República da Coreia, alinhado à identidade de potência média e interesses econômicos do país: a) o presidente sul-coreano Moon Jae-in recebeu o convite, ao lado de Austrália e Índia, para participar da 47ª cúpula do G7, grupo dos países mais industrializados do mundo (MOFA, 2021); e b) a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) alterou o status da República da Coreia de “país em desenvolvimento” para “país desenvolvido”, sendo o único país – dentre os países em desenvolvimento – a ter o status elevado desde a fundação da UNCTAD em 1964 (Son, 2021).

Tal desenvolvimento também é observado na esfera militar. A República da Coreia ascendeu ao sexto lugar no ranking das principais forças militares do mundo (Global Firepower, 2021). Dessa forma, somando-se ao *soft power* sul-coreano, que se destaca no cenário internacional com a projeção da cultura sul-coreana, a República da Coreia também pode ser vista como uma “potência média forte”, resultado da soma do *soft power* e do *hard power*, referindo-se ao entendimento e aspiração do ex-presidente sul-coreano Roh Moo-hyun (Son, 2021).

Desde o lançamento do plano “Coreia Global, em 2008, a política externa sul-coreana enfatiza uma diplomacia de potência média, com a participação em ambientes multilaterais (Milani; Pantz, 2020, p. 97). Sob a administração presidencial de Moon Jae-in, a República da Coreia mantém a sua diplomacia de potência média – atendo-se à estratégia de potência média forte – e também busca não adquirir compromissos com um dos lados da competição entre Washington e Pequim que possa prejudicar as suas relações e interesses com o outro lado. A República da Coreia figura em 20º lugar no ranking dos melhores países para se viver e em 7º lugar dentre os que mais possuem influência cultural (U.S.News, 2021). Entretanto, é importante ressaltar que um elemento fundamental para os anseios estratégicos do país e sua identidade de potência média ainda se mantém incerto e não realizado: a retomada do controle operacional (OPCON) das forças armadas sul-coreanas em tempo de guerra (Son, 2021).

Desde a Guerra da Coreia (1950-1953), as forças armadas sul-coreanas estão sob o controle operacional de um general americano. Tal arranjo foi considerado útil no contexto da Guerra da Coreia, fator que assegurou a unidade de comando da guerra. Em 1950, o primeiro presidente sul-coreano Syngman Rhee ofereceu o controle operacional das forças armadas da República da Coreia ao General Douglas MacArthur por meio da carta, em 15 de julho:

Tendo em vista o esforço militar conjunto das Nações Unidas em nome da República da Coreia, no qual todas as forças militares, terrestres, marítimas e aéreas, de todas as Nações Unidas que lutam na ou perto da Coreia foram colocadas sob seu comando operacional, e no qual o senhor foi designado Comandante Supremo das Forças das Nações Unidas, tenho o prazer de atribuir ao senhor a autoridade de comando sobre todas as forças terrestres, marítimas e aéreas da República da Coreia durante o período de continuação do atual estado de hostilidades; tal comando seja exercido pelo senhor pessoalmente ou por comandante militar ou comandantes a quem o senhor possa delegar o exercício desta autoridade na República da Coreia ou em mares adjacentes. O Exército sul-coreano ficará orgulhoso de servir sob seu comando, e o povo e o governo sul-coreanos ficarão igualmente orgulhosos e encorajados por ter a direção geral de nosso esforço de combate combinado nas mãos de um combatente tão famoso e distinto, que também em sua pessoa possui a autoridade militar delegada de todas as Nações Unidas que se uniram para resistir ao infame ataque comunista à independência e integridade de nossa amada terra. Carta do Presidente Syngman Rhee ao General MacArthur, em 15 de julho de 1950. (Finley, 1983, p. 59; UN Digital Library, 1950, tradução nossa)¹².

Em 1994, com o fim da Guerra Fria e a crescente autonomia da República da Coreia, o OPCON em tempos de paz foi transferido do Comando das Forças Combinadas liderado pelos EUA para o Estado-Maior Conjunto da República da Coreia. Desde então, a República da Coreia e os EUA deliberaram a negociação da transferência completa do controle operacional em tempos de guerra das forças militares sul-coreanas, passando do Comando de Forças Combinadas liderado pelos EUA para um novo Comando das Forças Conjuntas da República da Coreia. Segundo Seo, a República da Coreia deve se preparar para diminuir as ameaças e a vulnerabilidade contra a RPDC, prevendo a futura transferência do OPCON (2011, p. 305).

Para além da análise dos conceitos-chave de “Marinha”, “Poder Naval”, “modernização”, “capacidade C4ISR” e “potência média”, o presente capítulo analisa o conceito de “águas azuis” no pensamento estratégico naval, abordado na próxima seção.

¹² *In view of the joint military effort of the United Nations on behalf of the Republic of Korea, in which all military forces, land, sea, and air, of all the United Nations fighting in or near Korea have been placed under your operational command, and in which you have been designated Supreme Commander of United Nations Forces, I am happy to assign to you command authority over all land, sea, and air forces of the Republic of Korea during the period of the continuation of the present state of hostilities; such command to be exercised either by you personally or by such military commander or commanders to whom you may delegate the exercise of this authority within Korea or in adjacent seas. The Korean army will be proud to serve under your command, and the Korean people and Government will be equally proud and encouraged to have the over-all direction of our combined combat effort in the hands of so famous and distinguished a soldier, who also in his person possesses the delegated military authority of all the United Nations who have joined together to resist the infamous communist assault on the independence and integrity of our beloved land. (Texto original em inglês).*

2.2 Águas Azuis no pensamento estratégico naval

Ao longo da história, o mar possibilitou o conhecimento, acesso a recursos, porém também serviu de palco e ponte para colonizações, guerras e influências estrangeiras (Moreira, 2018, p. 716). O temor do desconhecido, do que está além do que é possível enxergar no horizonte, foi gradativamente substituído pela descoberta de novos povos e culturas e a ampliação da compreensão do mundo. O *Non Plus Ultra* (não ir além) deu lugar ao *Plus Ultra* (mais além) com a expansão marítima (Rosenthal, 1971) e descobertas dos navegadores Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, bem como a ciência e a tecnologia impulsionaram o desenvolvimento qualitativo e o alcance das marinhas no decorrer da modernidade (Moreira, 2021, informação verbal¹³).

No século XXI, o uso do mar vai além do desígnio por transporte marítimo, comércio internacional e implantação de cabos submarinos, abarca também lidar com tecnologias de ponta e negação do uso do mar. Conceitos de “domínio” ou “controle dos mares” permeiam os debates acerca de estratégia naval, onde encontram-se pensadores navais que influenciam governantes, elite política, tomadores de decisão, militares e a academia com suas teorias (Moreira, 2018, p. 716). Esta seção trata, de maneira não exaustiva, do conceito de “águas azuis” e dos pensadores navais Alfred Thayer Mahan (1840-1914), Julian Stafford Corbett (1854-1922) e Geoffrey Till com a compreensão de aspectos de suas teorias para o estudo de caso da Marinha da República da Coreia. A escolha de Till se revela, em especial, por sua categorização de marinhas relacionada ao desenvolvimento nacional, como marinha pré-moderna, marinha moderna e marinha pós-moderna. A Marinha da República da Coreia se enquadra na categoria de marinha moderna, todavia com indícios de marinha pós-moderna.

Milan Vego, aponta os historiadores navais Alfred Thayer Mahan (1840-1914) e Julian Stafford Corbett (1854-1922) como os principais pensadores navais da *Blue Water School*, os quais são bastante influentes no desenvolvimento da estratégia naval moderna e do campo de construção naval (Vego, 2009, p. 1). Como ressalta Arthur Marder, a *Blue Water School* advoga a supremacia do poder marítimo (1961 *apud* Lindberg; Todd, 2002, p. 90). A Marinha dos EUA confere sua transição de uma força naval de água marrom para uma de água azul às obras e influência do pensamento mahaniano. Por outro lado, a teoria de Mahan de que o poder naval é fulcral para o bem-estar do país estimulou o processo de expansionismo naval, a exemplo do Japão com a Revolução de Meiji, proporcionando industrialização e modernização militar.

¹³ Informação fornecida por William de Sousa Moreira. Aula 02 – Fundamentos históricos e filosóficos da ciência moderna; modernidade, revoluções científico-tecnológicas; perspectiva crítica da tecnologia. Disciplina de Estudos Marítimos II em 17 de agosto de 2021.

Como exemplo, o Japão possuía uma força naval predominantemente costeira antes da Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) – na qual disputava-se especialmente o controle da península coreana – e, ao final da guerra, a Marinha do Japão passou a ter características de uma força naval oceânica (Lindberg; Todd, 2002, p. 23, 79).

Lindberg e Todd apontam que o tipo de força naval que um país detém é fruto de elementos como a economia nacional, a percepção de ameaças, as alianças, a tradição, a política e a geografia, em especial este último (2002, p. 195). Ao tratarem do conceito de “Águas Azuis”, os autores reconhecem que há critérios geográficos vinculados ao padrão geral de classificação de uma marinha, havendo duas categorias geográficas: o ambiente operacional e o alcance de operação da força naval. Segundo os autores, o ambiente operacional pode ser desmembrado em duas principais categorias: i) “águas azuis”, associada a marinhas de projeção de poder; e ii) “águas não azuis”, a qual se subdivide em “águas verdes” e “águas marrons”. A subcategoria de “águas verdes” representa as águas costeiras e marítimas, ao passo que “águas marrons” se refere às águas de rios interiores. Dessa forma, enquanto as marinhas de defesa costeira regional são associadas às “águas verdes”, as marinhas de defesa ribeirinha e policiamento marítimo se enquadram como de “águas marrons” (2002, p. 196).

No tocante ao alcance, Lindberg e Todd apontam que há a redução da capacidade de uma marinha conforme sua operação se distancia de sua base, fator que sinaliza uma projeção de energia maior para as marinhas de águas azuis do que para as de águas verdes ou marrons. Dessa forma, tal “gradação no alcance” representa uma separação entre tipos de forças navais. De acordo com o sistema classificatório naval dos autores, há ainda uma distinção adicional entre as marinhas de cada categoria, como, no caso das marinhas de águas azuis, serem divididas entre as de alcance global (com diversas operações de projeção de poder no mundo, incluindo as operações conjuntas), as de alcance global limitado e as de projeção mais regional. Tanto o ambiente operacional, como o alcance das marinhas dão indícios acerca de suas capacidades e mostram como a geografia é importante para o desenvolvimento naval (2002, p. 196, 147, 34).

Lindberg e Todd destacam que a geografia também influencia a estrutura de força das esquadras. Enquanto as marinhas de águas azuis possuem robustos navios de guerra, exemplificado por porta-aviões e contratorpedeiros, bem como navios de guerra anfíbios e navios de apoio para reabastecimento; as marinhas de águas verdes são compostas por fragatas de menor porte, corvetas, embarcações de rápida ação e navios de guerra de minas (2002, p. 197). Ao classificar as forças navais, a partir das categorias dispostas por Lindberg e Todd (2002), Kirchberger classifica a Marinha da República da Coreia como uma força naval de

águas azuis, porém de capacidades de projeção de poder regional e alcance limitado para além da sua ZEE (2015, p. 60-61). Portanto, cumpre questionar se tal classificação ainda corresponde à posição da força naval sul-coreana, o que será discutido ao longo dos capítulos 3 e 4 desta dissertação.

De acordo com a tese de Sangyup Lee (2013), a iniciativa de águas azuis está relacionada à compreensão das mudanças na identidade organizacional da Marinha sul-coreana e o seu significado à identidade nacional do país. Para o autor, o principal objetivo da Marinha sul-coreana era conter as ameaças norte-coreanas em águas sul-coreanas. Gradativamente, a visão dos oficiais sul-coreanos deu espaço à promoção de interesses nacionais mais abrangentes e objetivos de política externa, indo além de questões de segurança intercoreana, à medida que o povo sul-coreano percebeu a República da Coreia como um país membro legítimo e soberano da comunidade internacional. Além disso, o contato e a interação com Marinhas estrangeiras mais desenvolvidas corroboraram para o anseio sul-coreano de construir navios mais robustos e de maior alcance e capacidade. Lee (2013) ainda destaca que os líderes navais acreditavam que a República da Coreia deveria cooperar com outras nações avançadas em um ambiente crescentemente globalizado.

2.2.1 Alfred Thayer Mahan

Na obra “*The Influence of Sea Power upon History, 1660-1783*”, Mahan abordou sobre o papel do poder marítimo e propôs as bases da teoria do “controle do mar”, ressaltando que as potências mundiais deveriam possuir Marinhas potentes. Como um dos precursores do pensamento estratégico naval no século XIX, e que se mantém relevante na contemporaneidade, Mahan afirma que “a história do *Sea Power* é em grande parte uma narrativa de disputas entre nações, de rivalidades mútuas, de violência que frequentemente culmina em guerra” (1890, p. 1). O autor ressalta que a história do poder marítimo é majoritariamente uma história militar, abrigando fatores “que tendem a tornar um povo robusto no mar ou junto ao mar” (1890, p. 1). Os professores de Estratégia da U.S. Naval War College, James Holmes e Toshi Yoshihara, inferem que Mahan definiu o *Sea Power* como um resultado de três pontos: do comércio internacional, de bases no exterior e de navios guerra e navios mercantes (The Diplomat, 2011).

Mahan destaca a importância do comércio e do transporte marítimo para o surgimento e continuidade da força naval de um país. Segundo o autor, “o comércio produz riqueza que leva à força marítima”, compreendendo que o comércio é protegido pela força naval (1890, p. 35). No caso sul-coreano, o comércio exterior é feito majoritariamente via transporte marítimo, com cerca de 99,8% em volume (Song; Cullinane, 2017), o que, mediante o pensamento

mahaniano, revela a importância da República da Coreia – um país que tradicionalmente tem o exército como principal força – em aumentar o seu poder naval como força vital ao país. Portanto, para Mahan, o crescimento do *Sea Power* de um país não se condiciona apenas à força militar, mas também ao desenvolvimento do comércio e do transporte marítimo (1890, p. 29).

Como ressalta Alves de Almeida (2019, p. 61), Mahan considerava que um *Sea Power* robusto deveria contar com uma marinha potente com o intuito de lograr o “controle do mar”. Alves de Almeida (2019, p. 59) observa que Mahan utilizava a expressão “controle do mar”, e não “comando do mar” ou “domínio do mar”. Na busca pelo “controle do mar”, o professor destaca o “princípio da ofensiva” mahaniano e a busca pela “batalha decisiva”, em que Mahan almejava a destruição da esquadra oponente, a fim de evitar interferência ou ameaça ao comércio marítimo de interesse de um Estado (Almeida, 2019, p. 61). Paralelo ao “princípio da ofensiva” no anseio pelo “controle do mar”, consta o “princípio da concentração”, sob o lema de não dividir a esquadra, ou seja, mantê-la unida (2019, p. 61). A exemplo de “batalha decisiva”, Alves de Almeida (2019, p. 63) expõe a Batalha de Tsushima durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), a qual também acarretou implicações para a península coreana.

Mahan estabelece seis principais condições que influenciam o poder naval de um país, além de uma esquadra robusta para o “controle do mar”, sendo eles: i) a “posição geográfica”, como o acesso a rotas marítimas, posição da marinha no tocante às linhas de comunicação marítimas e localização de seus inimigos; ii) a “conformação física”, em que os portos se revelam como fonte de força e riqueza, sobretudo se estiverem perto das linhas de comunicação; iii) a “extensão territorial”, possibilitando a obtenção de recursos naturais de apoio ao desenvolvimento naval; iv) o “tamanho da população”, referindo-se à parcela da população ligada às demandas marítimas; v) o “caráter do povo”, em relação à conscientização do povo acerca da importância do mar para o desenvolvimento do país; e vi) o “caráter do governo”, sobre o papel dos governantes no apoio e desenvolvimento de políticas que incentivem o poder naval do país (Mahan, 1890, p. 28-29; Almeida, 2019, p. 76-77). Tais princípios mahanianos também são enfatizados em Lindberg e Todd no tocante à conexão entre a geografia e os tipos de marinhas (2002, p. 196).

Geoffrey Till observa nas obras de Mahan a ênfase nas concentrações de navios de guerra robustos como o elemento definidor do poder naval. Segundo o autor, o foco de Mahan estava na destruição da essencial força de batalha do inimigo, em que o resultado da batalha advinha da “qualidade dos navios presentes, do treinamento, da moral, da eficácia do comando, da disposição tática e do espírito ofensivo” (Till, 2009, p. 52). Till enfatiza que, para Mahan, as forças navais deveriam se concentrar na obtenção do controle do mar, e aponta que o pensador

naval dava importância a uma defesa costeira eficaz, mas em menor grau se comparado à luta pelo controle do mar (Till, 2009, p. 54).

Bowers alerta para o fato de que a República da Coreia estava se privando do que o pensador naval Mahan expôs como o “caráter do povo” e o “caráter do governo” para apoiar o desenvolvimento de uma estratégia naval ampla que fosse para além das águas costeiras da península coreana (2019, p. 165). Ou seja, a falta de consciência no povo coreano e de apoio político expresso sobre a importância do mar para o desenvolvimento do país e de sua marinha a nível de projeção de poder além da região.

O início da década de 1990 na República da Coreia foi pautado pela formação da identidade da força naval sul-coreana, tendo os Almirantes sul-coreanos utilizado expressões como “marinha de águas azuis” e “marinha como ferramenta de política nacional”, além de debates públicos na academia para aproximar a sociedade sul-coreana (Lee, 2013, p. 217-218). Somente em 1995, em período pós-democratização do país, a Marinha da República da Coreia recebeu o apoio político expresso para modernizar a sua força naval e inaugurar uma nova era marítima de águas azuis, estendendo as operações para além do Leste Asiático (KIM, 1995). Também em 1995, durante o *International Sea Power Symposium* (ISPS) de tema “*Sea Power and the Future of South Korea in the Globalization Era*”, o vice-Almirante Archie R. Clemens, Comandante da Esquadra dos EUA para o Pacífico (CINCPACFLT) (1996-1999), fez referência à teoria do pensador naval Alfred Mahan e ao desenvolvimento da Marinha dos EUA, fato que acarretou a reflexão e o apoio da audiência sul-coreana em relação à uma Marinha sul-coreana com capacidades oceânicas (Lee, 2013, p. 219).

2.2.2 Julian Stafford Corbett

Julian Stafford Corbett (1854-1922), autor da obra *Some Principles of Maritime Strategy* (1911), buscava garantir o “comando do mar”, a fim de impossibilitar que o inimigo o obtivesse. Como destaca Alves de Almeida, Corbett - diferente de Mahan e seu pensamento puramente ofensivo - inferia que o “comando do mar” era viabilizado a partir das possibilidades do uso do mar em benefício próprio, e não quando a força naval do inimigo era destruída, como preconizado no pensamento mahaniano. No tocante ao “princípio da concentração” de Mahan, Corbett defendia que a dispersão poderia ser positiva para uma marinha, desde que a esquadra estivesse alinhada entre si. Dessa forma, no pensamento de Corbett, tanto a concentração quanto a dispersão poderiam atuar em conjunto, subordinadas às demandas estratégicas da missão (Almeida, 2019, p. 79-80).

Como expressa Alves de Almeida, o pensamento de Corbett se sustentava em Clausewitz, sendo sua supracitada obra considerada como uma “teoria geral da guerra no mar”. Corbett relacionava a estratégia do mar com a estratégia da terra, a fim de lograr êxito na estratégia geral da guerra. Para o pensador naval, a ação principal ocorria em terra, ao passo que a estratégia marítima tinha uma posição secundária de apoio. Além disso, enquanto Mahan reconhecera a destruição da esquadra inimiga para o controle do mar, Corbett defendia o bloqueio da força naval inimiga como o ponto principal na guerra marítima (Almeida, 2019, p. 81)

Corbett era defensor de operações conjuntas, nas quais a marinha e o exército poderiam aumentar seus respectivos poderes caso atuassem conjuntamente (1911). O pensador naval trouxe a aplicação de Clausewitz para o campo marítimo e estabeleceu conceitos de “guerra limitada”, “defensiva estratégica” e “eficácia das operações conjuntas” (Sprance, 2004, p. 21). Para Corbett, o principal ponto em relação ao objeto da guerra era “a intensidade com que o espírito da nação foi absorvido em sua realização” (1911; Widen, 2016, p. 70).

2.2.3 Geoffrey Till

A obra *Seapower: a Guide for the Twenty-First Century* de Geoffrey Till marca o pensamento naval no século XXI ao trabalhar a importância do mar para a humanidade. Com a premissa de que a globalização é a circunstância essencial do ambiente estratégico no século XXI, o autor divide os Estados em três categorias: os pré-modernos, baseados no segmento agrícola e com pouco desenvolvimento; os modernos, pautados pelo modo de produção industrial e competitivos; e os pós-modernos, desenvolvidos, economicamente ágeis e que desejam a cooperação e dependência mútua (Till, 2009, p. 1). Till ressalta que os países da região Ásia-Pacífico são majoritariamente modernos, havendo casos de países modernos com “tendências pós-modernas”, como o Japão no Leste Asiático (Till, 2009, p. 2).

Ao abordar sobre o desenvolvimento do poder naval, Till afirma que as marinhas se diferenciam refletindo as categorias dos Estados, em que uma marinha pré-moderna busca estabelecer a sua existência, uma marinha moderna já consegue adaptar conceitos clássicos do emprego naval à contemporaneidade e uma marinha pós-moderna consegue realizar transformações (Till, 2009, p. 2). Ao expor sobre a marinha moderna, o autor inicia sua abordagem com a análise de que os Estados modernos têm mais precaução acerca da globalização e seus efeitos na segurança e soberania nacional, protegem mais sua economia e não são tão propensos à colaboração mútua no âmbito do comércio mundial. Dessa forma, como

destaca Till, o Estado moderno se atém à defesa e interesses nacionais, afetando a escolha das missões prioritárias da marinha (Till, 2009, p. 14).

Como missões de uma marinha moderna, Till elenca as seguintes prioridades: i) a dissuasão nuclear e defesa contra mísseis balísticos; ii) o controle do mar, enfatizando-se “conceitos mahanianos de controle do mar”, preparo para exercícios de alta intensidade, guerra antissubmarina marcada por armas e sensores, mísseis antiaéreos e antinavios - Till aponta que países da região Ásia-Pacífico tendem a se ater às movimentações e mudanças dos países vizinhos e sinaliza para o risco de corridas armamentistas entre países com processos de modernização naval concomitantes; iii) manutenção dos tipos mais tradicionais de projeção de poder marítimo, abarcando capacidades de operações anfíbias e, inclusive, posse de dissuasores nucleares baseados no mar; iv) boa ordem no mar, sendo defender especificamente os interesses e a soberania nacionais em águas territoriais e proteger a fronteira marítima nacional; e iv) consenso marítimo, havendo ceticismo em relação à segurança cooperativa no âmbito regional. O autor ainda identifica que manter uma esquadra equilibrada – não especializada em um nicho – e uma base de indústria de defesa marítima nacional apoiam a atividade naval de uma marinha moderna (Till, 2009, p. 15-16). Entretanto, é questionável se a Marinha da República da Coreia seria uma marinha moderna, uma marinha moderna com traços pós-modernos, ou ainda uma marinha pós-moderna.

Till alerta para o fato de que o poder marítimo, diferente dos poderes aéreo e terrestre, encontra-se na essência do processo de globalização, em virtude do sistema do mundo globalizado se fundar no transporte marítimo (2009, p. 6). Lim e Baek afirmam que a globalização contribuiu para que a República da Coreia¹⁴ mantivesse o aumento de seu poder naval como se fosse uma marinha pós-moderna (2012, p. 304). Segundo Till, uma marinha pós-moderna é composta por quatro missões: “controle do mar, operações expedicionárias, boa ordem no mar e manutenção de um consenso marítimo” (Till, 2009, p. 7).

Como controle do mar, Till observa a maior probabilidade de ameaças em áreas litorâneas, pautadas na assimetria das forças e na necessidade de recursos de negação do mar (mísseis, minas marítimas, submarinos costeiros) para as forças operantes em águas costeiras. Como operações expedicionárias, o autor destaca as capacidades de manobra de curta duração a partir do mar, adaptadas do desembarque anfíbio para atuarem contra instabilidades

¹⁴ A República da Coreia importa cerca de 70% do seu petróleo bruto; figura como o 10º principal país proprietário de navios, em termos de toneladas de porte bruto e valor comercial de suas frotas, com 30.340 milhões de dólares no total, em 2021 (UNCTAD, 2021, p. 61); e é o 7º maior proprietário de frota de embarcações no mundo, correspondendo a 4,07% do total global, comparado aos 11,56% da China (2º lugar) e 11,43% do Japão (3º lugar), em 2021 (UNCTAD, 2021, p.62).

consideradas ameaçadoras, exemplificando com a operação liderada pela Austrália no Timor-Leste. Em relação à manutenção da boa ordem no mar, há a ênfase no combate a crimes transnacionais, como pirataria, tráfico humano, degradação ambiental, entre outros. Quanto à manutenção de um consenso marítimo, por sua vez, Till traduz no conceito de diplomacia naval e operações de ajuda humanitária (*Ibidem*, p. 7-11).

Tomando como base as categorias de marinhas de Till, é possível notar características de uma marinha pós-moderna na Marinha da República da Coreia. Quanto às missões de uma marinha pós-moderna, o naufrágio de Cheonan e o bombardeio da ilha sul-coreana de Yeongpyeong, em 2010 podem exemplificar maior probabilidade de ameaças em águas litorâneas. Ao analisar a Força Internacional para Timor-Leste (INTERFET)¹⁵, exemplo de Till acerca de operações expedicionárias, observa-se que a República da Coreia também integrou a INTERFET, tendo contribuído com o envio da unidade Evergreen (ROK BATT VII). Inicialmente com 419 membros, a unidade atuou nos distritos timorenses de Lautém e Oecusse, com tropas de infantaria e materiais de apoio, como transporte, abastecimento, comunicação e equipe médica (IBP, 2016, p. 74; ROKA, 2022; Jo, 2019). Além disso, em 1999, a República da Coreia doou duas embarcações militares para a Polícia Marítima Unida (UPM) e uma para a Força Naval das F-FDTL, a fim de fomentar a cooperação em defesa com Timor-Leste (Tatoli, 2019).

Quanto às missões de manutenção da boa ordem no mar e consenso marítimo, nas categorias de marinha pós-moderna de Till (2009, p. 7-11), a República da Coreia se enquadra com a atuação de sua unidade naval Cheonghae, no Golfo de Áden, próximo à Somália, a qual será abordada na seção 4.3 desta dissertação. Em relação aos aspectos facilitadores da categorização de Till (2009, p. 13), nota-se que uma esquadra equilibrada e uma base de indústria de defesa marítima nacional, ambos da marinha moderna, representam mais a força naval sul-coreana do que os facilitadores da marinha pós-moderna: esquadra de contribuição e mercado de defesa aberto. A subseção 4.1 aborda sobre a construção naval e a indústria de defesa sul-coreanas.

¹⁵ A INTERFET foi a força-tarefa multinacional de manutenção da paz das Nações Unidas, liderada pela Austrália, com o objetivo de lidar com a crise humanitária e de segurança em Timor-Leste, no período entre 1999 e 2000. Após o referendo popular sobre a autodeterminação de Timor-Leste, em 30 de agosto de 1999, que resultou na escolha da população timorense por sua independência, milícias pró-integração indonésia iniciaram ataques em todo o país. Em 20 de setembro de 1999, sob o comando do major-general australiano Peter Cosgrove, as tropas da INTERFET desembarcaram no Timor-Leste. Em 23 de fevereiro de 2000, a INTERFET encerrou sua missão e transferiu a autoridade para a Administração Transitória das Nações Unidas (UNTAET), sob o UNSCR 1272 e o comando do brasileiro representante especial do Secretário-Geral da ONU Sérgio Vieira de Mello, assumindo a manutenção da segurança nacional e transição do país. Timor-Leste restaurou sua independência em 20 de maio de 2002 (Fowler, 2016, p. 113-114).

Lim e Baek, ao proporem uma marinha pós-moderna como estratégia marítima futura da República da Coreia, a partir dos elementos conceituais de Geoffrey Till, baseiam-se no estudo de caso da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) para defenderem sua análise (2012, p. 304). Segundo os autores, tal escolha se concentra em duas principais razões: a primeira, por a guerra ter ocorrido entre países na região da península coreana, os quais também podem representar uma ameaça de segurança à República da Coreia; e a segunda, presente no padrão das operações, que representou uma guerra local e limitada com base no poder naval, em detrimento de uma guerra terrestre mais ampla (2012, p. 287). Todavia, os autores não consideraram a variável de assimetria nuclear.

Lim e Baek argumentam que, antes da guerra, o Japão havia modernizado sua economia e defesa, reforçando suas capacidades militares para obter uma força naval suficiente que pudesse derrotar a Rússia, além de combatê-la como potência continental no nordeste asiático. O Japão combinou seu exército e marinha na construção de uma força estratégica suficiente para negar o comando do mar ao inimigo, pensou na dominação marítima do Leste Asiático por meio da aliança anglo-japonesa de 1902 e contou com operações expedicionárias na península coreana (Lim; Baek, 2012, p. 296-298; Evans; Peattie, 1997, p. 53 *apud* Lim; Baek, 2012, p. 296).

Atendo-se à uma marinha pós-moderna e ao aprendizado extraído da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), Lim e Baek argumentam que a República da Coreia precisa: i) aumentar seu poder naval para equilibrar a manutenção do controle do mar e a negação do mar, reforçando seu programa de submarinos e aeronaves para manter a capacidade de negação do mar; ii) aumentar sua capacidade de conduzir operações expedicionárias, inclusive para a prestação de assistência humanitária e em desastres (HA/DR). Os autores sinalizam a aquisição do navio de desembarque anfíbio LPH Dokdo, mas ressaltam sua insuficiência se comparado às capacidades dos vizinhos China e Japão. Também, expõem o uso de porta-aviões com forças expedicionárias, proporcionando maior alcance à força aérea sul-coreana; iii) aumentar o apoio à Guarda Costeira sul-coreana¹⁶ na manutenção da ordem do mar; e iv) aumentar sua capacidade de autodissuasão fundamentada na segurança cooperativa com vistas à manutenção do consenso marítimo. Os autores observam que o aumento das capacidades marítimas da China e o poder militar do Japão impulsionaram a necessidade da República da Coreia em uma marinha pós-

¹⁶ A Guarda Costeira sul-coreana visa proteger as águas territoriais e soberania marinha, reprimir a pesca ilegal na zona econômica exclusiva (ZEE) sul-coreana, conduzir atividades de segurança na NLL, entre outros (KCG, 2022?).

moderna, em que a força naval sul-coreana vai além da superação das ameaças norte-coreanas (Lim; Baek, 2012, p. 304-306, 308).

A seção a seguir analisa pontos-chave da tradição naval da península coreana que se tornaram legados importantes na história naval da República da Coreia. Muitos nomes dos navios de guerra sul-coreanos contemporâneos e da estação de pesquisa científica na Antártica, por exemplo, são em homenagem a personalidades históricas coreanas.

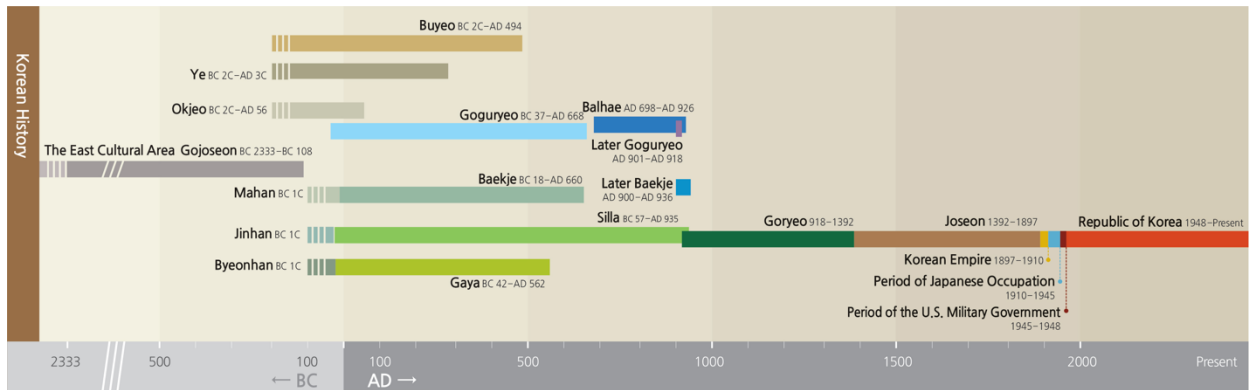
2.3 Legados importantes na história naval da República da Coreia

A história da península coreana (ou Coreia) remonta há cerca de cinco mil anos (Hwang, 2021, p. 28) e advém de inúmeras tribos, reinos, nações e alianças. Sua localização estratégica entre grandes atores como China e Japão também explica sobre a história política, econômica e cultural da região do Leste da Ásia, em que a península coreana foi alvo de diversas tentativas de invasões estrangeiras. Atualmente, divide-se em dois países independentes – mas ainda tecnicamente em guerra –, ao Norte, a República Popular Democrática da Coreia, e, ao Sul, a República da Coreia. Importantes atividades navais precursoras ao estabelecimento da República da Coreia como um Estado e à criação da Marinha da República da Coreia são trazidas à tona na contemporaneidade para fundamentar na mentalidade da sociedade sul-coreana a importância do mar e da força naval do país.

A figura 11 apresenta os períodos históricos de divisão da península coreana, compreendendo i) Gojoseon, o primeiro reino do povo coreano; ii) Os Três Reinos da Coreia, divididos em reinos de Goguryeo, Baekje e Silla, os quais disputavam entre si pela conquista completa da península; iii) Silla Unificado, que unificou a península¹⁷, dominou o Mar Amarelo e as atividades mercantis entre Coreia, China e Japão; iv) Dinastia de Goryeo, que originou o exônimo “Coreia”; v) Dinastia Joseon, com batalhas navais e a criação do navio tartaruga; vi) Colonização japonesa; e vii) Independência, divisão ideológica da península e início do primeiro governo sul-coreano.

¹⁷ Como o reino de Balhae ainda existia, a RPDC reconhece somente a dinastia de Goryeo como a primeira a ter unificado a península coreana.

Figura 11 - História Territorial da Coreia



Fonte: Extraído de National Geographic Information Institute – Ministério da Terra, Infraestrutura e Transporte da República da Coreia, 2007.

Dentre esses períodos, esta dissertação destaca, de forma não exaustiva, três personalidades – bem como suas características e feitos – marcantes na história da península coreana e que se tornaram legados navais para a República da Coreia na contemporaneidade: i) a habilidade da força naval do rei Gwanggaetto O Grande, no século IV; ii) o combate à pirataria por Jang Bogo entre os séculos VIII e IX; e iii) a liderança do Almirante coreano Yi Sun-shin durante as invasões japonesas no século XVI, bem como o uso do navio Geobukseon.

A primeira, entre os séculos IV e V, foi o rei Gwanggaeto o Grande (391-413 dC). Em meio à campanha de conquistas e expansão territorial do reino de Goguryeo, Gwanggaeto ampliou o domínio territorial de seu reino para a Manchúria e as Províncias Marítimas da Sibéria (KCIS, 2015, p. 194). As conquistas de Gwanggaeto acarretaram, inclusive, a homenagem e o batismo do navio sul-coreano líder da primeira classe de contratorpedeiros KDX de “Gwanggaeto o Grande”, a primeira fase do programa de força naval oceânica do país. A seção 3.2.1 desta dissertação aborda sobre o programa KDX.

A segunda é Jang Bogo, importante figura marítima coreana que viveu entre os séculos VIII e IX¹⁸ e era proveniente do reino de Silla. Em 828, após servir no Exército da dinastia chinesa Tang, o comerciante marítimo retornou à Silla para combater a pirataria costeira e salvaguardar as atividades mercantis no Mar Amarelo. Ao propor ao rei Heungdeok a instalação da base Cheonghae em uma região (atual ilha sul-coreana de Wando) que conectava a Coreia, a China e o Japão, Jang Bogo foi nomeado como Comissário Marítimo da Guarnição de Cheonhae e atuou suprimindo piratas chineses, invasores japoneses e tornando a região um centro de comércio marítimo entre os três reinos asiáticos (Chang Pogo Memorial Hall, 2021).

¹⁸ Igualmente chamado de Chang PoGo ou Gung-bok.

A imagem de Jang Bogo é preservada como um rei do mar. Atualmente, a Marinha da República da Coreia nomeou o seu programa de submarinos de ataque em homenagem a Jang Bogo (seção 3.2.2 desta dissertação), bem como a segunda base da missão de pesquisa antártica sul-coreana – chamada Estação Jang Bogo, e ativa desde 2014 (SCAR, 2020?). Além disso, o nome da unidade naval sul-coreana de combate à pirataria que atua sob a *Combined Task Force* 151 (CTF-151) na costa da Somália se intitula Cheonghae em homenagem à base militar de Cheonghae criada por Jang Bogo para o combate à pirataria nas águas dos reinos de Silla e Tang (Cho, 2015, p. 53). A seção 4.2 desta dissertação aborda sobre a unidade naval de Cheonghae.

A terceira figura-chave para a consciência da importância do mar na contemporaneidade da República da Coreia e da força naval sul-coreana data da dinastia Joseon (1392-1910), sobretudo no século XVI, com o Almirante Yi Sun-shin durante a Guerra Imjin. Pautada no neoconfucionismo, a dinastia Joseon aplicou a diplomacia *sadae gyorin*¹⁹ sob o sistema *pax Sinica*²⁰ em suas relações exteriores (Kim, 2005, p. 76), centralizadas nos vizinhos China e Japão. O comércio com a China era feito pela fronteira sino-coreana, ao passo que com o Japão era conduzido via Waegwan – assentamento japonês em Dongnae (atual cidade portuária de Busan) – por onde alimentos, utensílios agrícolas e tecidos eram exportados de Joseon (Woo, 2010, p. 90).

Por desfrutar de um período de paz e estabilidade nas relações exteriores com a China sob o sistema da *pax Sinica* e com o Japão sob o Tratado de Gyehae²¹ de 1443 – de controle da pirataria japonesa²² e legitimação do comércio entre a ilha japonesa de Tsushima e os portos coreanos de Busanpo em Dongnae, Naeyipo em Jinhye e Yeompo em Ulsan – (Korea Maritime Foundation, 2016; Woo, 2010, p. 165), a dinastia Joseon reduziu a tecnologia de fabricação de armas e negligenciou sua defesa nacional, acarretando dificuldades durante o século posterior. Segundo Kim, à exceção dos canhões, a Coreia era inferior ao Japão em termos de forças militares e armas, além de combatentes coreanos não terem treinamento suficiente (2005, p. 80).

No século XVI, a pressão do Japão pelo aumento do comércio com a dinastia Joseon e o número cada vez mais elevado de japoneses residentes em cidades portuárias coreanas passou

¹⁹ Sadae: “servir à grande (China)”, referindo-se às relações da Coreia com a China sob a dinastia Ming. Gyorin: boa vontade para com os vizinhos, referindo-se ao comércio com Jurchen, Japão, Ryukyu, Namman, Sião (atualmente Tailândia) e Java.

²⁰ “Paz chinesa”, em latim. Período de paz na Ásia Oriental sob a hegemonia chinesa durante as dinastias Han, Tang, início da Song, Yuan, Ming e início da Qing.

²¹ Assinado sob o reinado de Joseon, o Grande.

²² Piratas japoneses, também conhecidos como Wokou, Wako e Waegu.

a desagradar a Coreia (Woo, 2010, p. 165). Enquanto a Coreia reduzia suas capacidades defensivas e seu sistema militar, o Japão – sob a regência de Toyotomi Hideyoshi – intencionava conquistar a China e a Coreia e já contava com o apoio de comerciantes japoneses beneficiados pelo comércio com Portugal (*Ibidem*, p. 166). Em 1592, Hideyoshi ordenou à dinastia coreana Joseon o livre acesso para que o Japão pudesse cruzar a península e invadir a dinastia chinesa Ming. A Coreia rejeitou o pedido e o Japão iniciou a Guerra Imjin (1592-1598), também conhecida como a “Primeira Grande Guerra do Leste Asiático”, invadindo parte do território coreano ao longo de sete anos (Woo, 2010, p. 167; Gilbert, 2007, p. 30; Haboush, 2016).

Enquanto o Japão lograva êxito em combates em terra, a Coreia era vitoriosa em alto mar – haja vista seu histórico em enfrentar piratas japoneses. O plano japonês para a Guerra Imjin compreendia o uso de poderes terrestre e naval para dominar a Coreia (Woo, 2010, p. 168). Diferente da Primeira Batalha de Jinju (1592) que culminou no fracasso da tentativa de invasão do Japão, a Segunda Batalha de Jinju (1593) acarretou a vitória japonesa e a aniquilação da cidade, “cuja memória da rendição de Jinju está profundamente marcada na psique coreana”, como observa Halphin (2002). A figura 12 mostra o mapa da península coreana com os pontos de batalha durante a invasão do Japão, ilustrando o avanço japonês e o contra-ataque de reforço da dinastia chinesa Ming em apoio à Coreia.

Figura 12 - Campos de batalhas durante as invasões de Hideyoshi

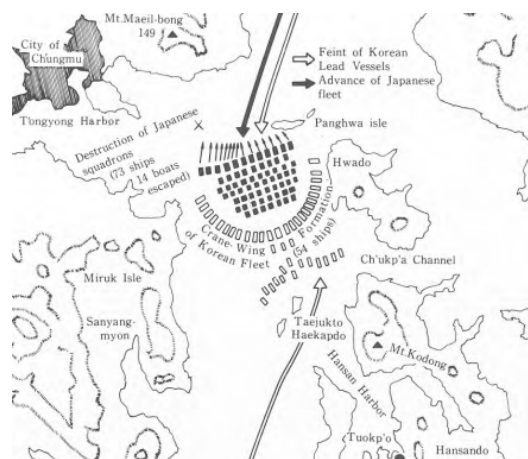


Fonte: Extraído de Woo, Han Young. A Review of Korean History. V.2. 2010.

Em 1592, o Almirante coreano Yi Sun-shin, que havia sido nomeado como Comandante da Marinha Jeolla Esquerda²³, deu início ao preparo e treinamento de sua força naval e desenvolveu o navio de ataque Geobukseon (também conhecido como navio tartaruga), aprimorando as capacidades navais da Coreia (Kim, 2005, p. 87; Woo, 2010, p. 168). A primeira vitória da Marinha de Joseon ocorreu na Batalha de Okpo (atual ilha sul-coreana de Geoje). Em seguida, Yi se uniu com as esquadras coreanas das províncias de Jeolla e Gyeongsang, fazendo com que a Coreia retomasse o controle dos mares (Woo, 2010, p. 168). Além disso, a Coreia recebeu reforço militar da China para reaver os territórios invadidos (*Ibidem*, p. 171).

Yi variava a formação tática de acordo com o local, situação e modo de ataque. Na Batalha de Hansando (1592), o Almirante utilizou a formação Hakikjin²⁴ (Kim, 2018, p. 157), que tradicionalmente era utilizada em combates em terra. Com sua esquadra em operação combinada e com a intenção de destruir a esquadra inimiga, a tática de Yi Sun-shin foi atrair os japoneses para o mar aberto em frente à Hansando. No início da batalha, Yi enviou uma esquadra de 5 para 6 navios para o combate, enquanto outros navios coreanos estavam na retaguarda. Quando a esquadra japonesa seguiu os primeiros navios coreanos, acabaram em área aberta, e então a esquadra coreana cercou a japonesa no formato tático Hakikjin (em formato de “U”) e iniciou o ataque com balas de canhão e flechas de fogo. Dessa forma, Yi impediu um ataque anfíbio japonês e destruiu a linha de reabastecimento para operações na Coreia e na China (*Ibidem*, p. 158-160). A figura 13 ilustra a formação Hakikjin de Yi Sun-shin durante a Batalha de Hansando.

Figura 13 - Formação Hakikjin na Batalha de Hansando



Fonte: Adaptado de KSCPP, 2010, p. 21.

²³ As forças navais da Coreia foram divididas entre os comandos da Esquerda e da Direita (Gilbert, 2007, p. 30).

²⁴ Também chamada de *Crane-Wing*, de acordo com Gilbert, 2007.

A resistência coreana foi colocada em prática, a moral da força naval coreana foi elevada e 73 navios japoneses foram destruídos (Kim, 2018, p.161; Gilbert, 2007, p. 33). Cabe observar que fontes ressaltam que o jornal japonês *History Studies* (maio de 2002) apontou que a formação em “T” do Almirante japonês Togo Heihachiro, empregada na Batalha de Tsushima (1905) durante a Guerra Russo-Japonesa, baseou-se na formação Hajikjin do Almirante coreano Yi Sun-shin (Gilbert, 2007, p. 34; KSCPP, 2010, p. 22).

Posteriormente, o Almirante Yi foi nomeado ao posto de Comandante-Chefe das Três Províncias (Kim, 2018, p. 172). Entretanto, após emboscada de seus inimigos políticos, Yi Sun-shin foi substituído por Won Gyun. Dessa forma, em 1597, o Japão aproveitou para promover uma nova invasão visando a tomada do controle marítimo na região. Em terra, a aliança entre as dinastias Joseon e Ming conseguiram conter o avanço japonês na península. Já no mar, sob o comando de Won Gyun, a Coreia sofreu derrotas nas batalhas seguintes (*Ibidem*, 2018, p. 285-295; Gilbert, 2007, p. 33).

Yi Sun-shin foi, então, restabelecido em sua posição de comando, porém a situação da Marinha de Joseon já era crítica (Kim, 2018, 297-304). Na ocasião em que o rei e os oficiais da corte iriam desistir da força naval da Coreia, argumentando a sua inutilidade, e se concentrariam em reforçar o Exército, o Almirante Yi Sun-shin assumiu a responsabilidade e expressou sua célebre máxima:

Majestade, ainda tenho 12 navios de guerra! Se resolvermos lutar contra o inimigo até a morte, ainda poderemos vencê-lo. Apesar de nossa grave escassez no número de navios, ainda estou vivo. O inimigo não ousará nos ignorar com desprezo. (Kim, 2018, p. 305, tradução nossa)²⁵.

A força naval coreana, liderada pelo estrategista Yi Sun-shin, venceu decisivas batalhas contra invasões japonesas, em muitas delas tendo poucos navios de guerra e suprimentos. O Geobukseon, engenhosidade de tecnologia naval atribuída a Yi Sun-shin, ajudou a Marinha a manter o controle marítimo da península e cortar as linhas de comunicação e de abastecimento do Japão, auxiliando as forças terrestres no combate ao avanço do Japão (Gilbert, 2007, p. 31; Bowers, 2019, p. 144).

Jang (2017, p. 45) afirma que o navio tartaruga é amplamente conhecido entre os coreanos, remetendo à capacidade coreana avançada no campo da construção naval e à vitória contra as invasões japonesas durante a Guerra Imjin. Também, Jang (*ibidem*) apresenta a foto de um modelo pequeno do Geobukseon na sede da Hyundai Heavy Industries (HHI), contendo

²⁵ *Your Majesty, I still have 12 battleships left! If we resolve to fight the enemy to death, we can still vanquish them. Despite our acute shortage in the number of ships, I am still alive. The enemy will not dare to ignore us with contempt.* (Texto original em inglês).

a indicação: “‘*The Hyundai Spirit*’ + ‘*The Scholarization of the Turtle Ship*’ → ‘*The Launch of the Hyundai Heavy Industries*’”, marcando a conexão que a HHI fomenta com o advento do Geobukseon e sua representação em tecnologia naval. A seção 4.1 desta dissertação trata da indústria de construção naval sul-coreana, bem como sua importância para a marinha de guerra do país.

Como ressalta Gilbert (2007), o Almirante Yi estudava as fortalezas e debilidades das práticas navais da Coreia e do Japão, sabendo como explorar tais ganhos. As vantagens se concentravam na velocidade de movimentação no mar, no armamento de diversos canhões e no combate à distância, impedindo o ataque de flechas de fogo no convés e o desembarque de samurais (Gilbert, 2007, p. 31-32). A exemplo, em 1597, durante a Batalha de Myeongnyang contra o Japão, Yi Sun-shin usou da topografia e das fortes correntes de maré na região de seu domínio marítimo para realizar uma emboscada e atrair os japoneses ao estreito de Myeongnyang. Com apenas 13 navios de guerra, o estrategista naval Yi enfrentou os cerca de 130 navios japoneses e obteve uma vitória decisiva, além de cortar as rotas japonesas de abastecimento para o lado oeste da Coreia (Hwang, p. 128; Woo, 2010, p. 172).

Yi Sun-shin se tornou um dos heróis nacionais. Atualmente, sua estátua está localizada em uma praça central de grande importância simbólica da capital sul-coreana. Uma miniatura do Geobukseon também se encontra à frente da estátua de Yi. No lado oposto a Yi, localiza-se a estátua do rei Sejong²⁶, criador do alfabeto coreano Hangul e fomentador da literatura, ciência, tecnologia e filosofia confucionista na Coreia. Ambos são duas das figuras mais respeitadas na República da Coreia e seus nomes também foram homenageados pela Marinha, em seu programa de construção naval. Chungmugong Yi Sun-shin, como o navio líder da classe KDX-II, e Sejong o Grande, como o navio líder da classe KDX-III. A seção a seguir analisa a contribuição de uma figura histórica coreana importante para o fomento da mentalidade marítima na sociedade coreana.

2.4 Choi Nam-seon e a narrativa do mar

Como ressalta Yoji Koda, vice-almirante reformado da Força de Autodefesa Marítima do Japão, “a história das forças armadas marítimas na península coreana se originou com aqueles que lutaram durante a unificação da península” (2010, p. 2), como apresentado na seção 2.3 desta dissertação. Todavia, a Coreia demandou tempo para compreender e se conscientizar da importância do mar para o seu desenvolvimento nacional.

²⁶ Joseon, o Grande foi o quarto rei da dinastia Joseon (1418-1450).

Para Underwood²⁷, dois fatores – físico e cultural, respectivamente – explicavam porque a Coreia não se via como uma nação marítima, apesar de utilizar barcos há mais de três mil anos em sua história: i) toda a linha costeira, portos, baías e ilhas não contrabalançavam a segura e extensa rota terrestre para a China; e ii) de acordo com o autor, o rei coreano Gija²⁸ era originário da China e introduziu a civilização chinesa para o povo coreano durante a era de Gojoseon, reafirmando a influência da China sobre a Coreia (1933, p. 1). Dessa forma, a elite coreana se via mais em termos culturais como integrantes de uma maior civilização cosmopolita centrada na China (1991, p. 226-227; Em, 1999, p. 338).

A respeito de Gija, cabe ressaltar que desde o início do século XX o seu papel na história coreana tem sido contestado, em especial devido à ascensão do nacionalismo coreano. Como destaca Kyung Moon Hwang (2021, p. 4), o sentimento nacionalista na história moderna coreana quase anulou Gija. Todavia, o autor ressalta que a representação de Gija simbolizou a autoconsciência coreana acerca da China desde os tempos antigos (*ibidem*).

Dois traços marcantes na história da Coreia ainda se fazem presentes na memória coreana: a suserania da China e a colonização pelo Japão, os quais se refletem também no poder naval sul-coreano. A China manteve o sistema de tributos e a autoridade suserana sobre a Coreia com a assinatura de Regulamentos Sino-Coreanos para o Comércio Marítimo e Terrestre em 1882, proporcionando aos comerciantes chineses a livre realização de negócios marítimos e terrestres no âmbito das fronteiras coreanas. O tratado foi traduzido como o esforço chinês em demonstrar ao mundo - sob os moldes dos tratados modernos - a habitual relação desigual entre China e Coreia e o controle chinês sobre a península, cujas regulamentações foram elaboradas de forma exclusiva para ambos, não sendo aplicadas a outros tratados e partícipes (Chu; Liu, 1994, p. 183).

O surgimento da *kaehwa* (iluminismo), provocou o anseio pela independência e autonomia coreana. Para Chu e Liu, a forma de abordagem ao termo coreano é discutindo-o em termos de “ocidentalização” e “industrialização” (1994, p. 189). Como afirma Hwang, o iluminismo coreano (1896-1910), provocou certa adaptação e experiência intelectual, tendo em vista as novas ideias que surgiam do Ocidente, bem como da China e do Japão (2000). No final do século XIX, o Leste Asiático lidou com algumas mudanças, como a (volta da) ambição

²⁷ Horace Underwood (1859-1916) foi missionário e uma das reconhecidas figuras estrangeiras dedicadas à Coreia no período de luta pela independência e construção da nação coreana. Fundador da prestigiada Universidade Yonsei, em Seul, na República da Coreia.

²⁸ Gija (1120–194 aC), também conhecido como Jizi, em chinês.

japonesa em relação à Coreia, o crescente poder russo na região sul e a percepção chinesa acerca da importância da Coreia – sobretudo como ponte para a Manchúria (Chu; Liu, 1994, p. 190).

Foi no contexto da ocupação japonesa da Coreia (1910-1945) que surgiu a figura de Choi Nam-seon (1890-1957), historiador, poeta, geógrafo e membro dos movimentos do iluminismo patriótico e da independência coreana. No início do século XX, em meio à perda da soberania nacional coreana devido ao Tratado de Eulsa de 1905, a anexação da Coreia pelo Japão em 1910 e a pressão do imperialismo japonês na Coreia, Choi utilizou a poesia coreana para ampliar sua influência sobre o público coreano e transmitir a mensagem de autoconsciência aos coreanos (Gillies et al, 2009, p. 100). Hwang reconhece que Choi, assim como o proeminente ativista Yi Gwangsu, podem ser vistos como os intelectuais coreanos mais influentes do início do século XX (2021, p. 254).

Para Gillies, Sword e Yao, o primeiro poema de Choi “Do Mar para a Juventude” (*Hae egeso pada ege - From the Sea to Youth*), publicado em 1908, foi considerado como um “auto-despertar” que os coreanos experimentaram, inaugurando uma nova forma de poesia coreana (2009, p. 100). Como salientam Nahm e Hoare, ao regressar dos estudos na Universidade de Waseda, no Japão, Choi foi reconhecido como um dos primeiros a liderar o movimento da nova cultura coreana, tendo publicado em revistas para a juventude coreana, como a *Sonyon* (1908) e a *Chongchan* (1914), com o intuito de trazer conhecimento aos seus semelhantes durante o período de colonização japonesa (2004, p. 23). Em 1919, Choi escreveu a declaração de independência do Movimento de Independência de 1919, acarretando sua prisão por dois anos e oito meses (Hirakawa, 2005, p. 43, 102; Allen, 2004, p. 195; Hwang, 2021, p. 255).

Choi publicou trabalhos de *Joseon's Silhak* (“pensamento prático”) - movimento de reforma social crítico à estrutura confucionista, o qual buscava reformas agrárias, promoção da identidade e cultura nacional coreana, incentivo ao estudo da Ciência e defesa do intercâmbio tecnológico com outros países (Woo, 2010a, p. 110; Lee, 1996, p. 47). Como ressalta Woo, novas formas de romances (*sinsoseol*) e poesia (*sinchesi*) com ideias modernas começaram a surgir na literatura coreana, como obras que traziam a questão da liberdade, igualdade e criticavam as crenças populares (Woo, 2010a, p. 111). Choi buscava encorajar jovens coreanos por meio de suas publicações.

Como infere Pyo (2017), a “autoconsciência geográfica e cultural” no povo coreano era fomentada nas obras de Choi. Crítico à afirmação de que a Coreia é somente a ponta do continente, Pyo expressa a alegação de Choi de que “a Coreia é onde a cultura marítima se inicia e se desenvolve” (2017, p. 1). Choi retratou o mar como tema principal em diversas publicações, e criticava o fato de o povo coreano ter esquecido ou abnegado o caráter

fundamental do mar, mesmo o entorno geográfico coreano sendo composto pelo Mar Amarelo, Mar do Japão (Mar do Leste) e Estreito da Coreia (2017, p. 6). De acordo com Pyo, Choi enfatizou que o povo coreano não deveria mais temer o mar, mas sim tê-lo como o local da gênese, de oportunidades, da origem (2011, p. 9).

Dentre seus feitos, Choi criou a teoria da Forma do Tigre, a qual defende o contorno da península coreana como um tigre poderoso, símbolo da resistência do povo coreano (2017, p. 3). É importante ressaltar que o formato da península coreana como um tigre é utilizado até os dias atuais por ambas as Coreias, como em selo comemorativo e mascote de Jogos Olímpicos.

Em 1949, Choi foi preso acusado de colaborar com o Japão durante o período colonial, mas foi solto no ano seguinte. Em 1954, Choi publicou uma nova edição do *Samguk Yusa*²⁹ (Nahm; Hoare, 2004, p. 23). Como observa Pyo, o objetivo do *Samguk Yusa* era “permitir que o povo coreano experimentasse um sentimento de afeto pelo seu país por meio da narrativa” (2017, p. 4). Além disso, conforme a Coreia iniciou a sua era moderna, a concepção de que a juventude coreana possuía a chave para o futuro do país aumentou (Allen, 2004, p. 201).

O tema sobre o mar se apresentou como revolucionário, pois não era comum na literatura tradicional coreana (Allen, 2004, p. 201). As obras literárias de Choi convocavam a juventude coreana para se ater ao oceano, como no poema a seguir:

Quem pode ser uma grande pessoa sem entrar em contato com o oceano?
A juventude da Grande Coreia,
Cercada por mares e oceanos em três lados,
Deve ser ativa em torno deles no futuro.
Eles deveriam brincar e aprender com os mares e oceanos...
(Choi, 1909 *apud* Allen, 2004, p. 203, tradução nossa)

Pyo (2017) elenca obras de Choi Nam-seon que tratam da literatura e importância do mar para a Coreia, conforme o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Literatura do mar de Choi Nam-seon

Data de Publicação	Revista/Jornal	Obra literária	Tipo de Obra
1908	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“From the Sea to Youth”	Poema
1908	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“Cheonmanri Deep Sea”	Poema
1908	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“Haesangdaehansa” (“História Marítima do Grande Han”)	Prosa
1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“Brave Boy on the Sea”	Poema
1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“Three Sides Facing the Sea”	Poema
1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“The Drifting Story of the Giant Country”	Tradução
1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“The Poem of Observing the Sea”	Poema
1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“Gulliver’s Travels”	Tradução

²⁹ Também conhecido como *Memorabilia of the Three Kingdoms*, representa uma coleção de relatos históricos e lendas acerca dos Três Reinos da Coreia e é um dos tesouros nacionais da República da Coreia.

1909	<i>Sonyeon</i> (juventude) (revista)	“The Drifting Story of Robinson’s Unmanned Railway”	Tradução
1918	<i>Youth</i> (revista)	“The Sea at the Front”	Poema
1926	<i>Dongmyungsa</i> (jornal)	“Baekpalbeonnoe”	Poema
1929	<i>Grotesque</i> (revista)	“Jang Bogo, the Maritime King of the East and Shilla’s Cheonhaejin Ambassador of 1,100 Years Ago”	Prosa
1939	<i>Maeilsinbo</i> (jornal)	“Chosun’s Myth – Marriage with the Marine God”	Prosa
1953	<i>Monthly Marine Korea</i> (revista)	“The Sea and the Nation of Chosun”	Prosa
1953	<i>Local Government</i> (revista)	“Marine and National Life”	Prosa
1953	<i>Seoul Shinmun</i> (jornal)	“Ulleungdo and Dokdo”	Prosa
1954	<i>Seoul Shinmun</i> (jornal)	“The Dokdo Problem and I”	Prosa

Fonte: Adaptado de PYO, 2017, p. 2.

O historiador coreano Choi Nam-seon se ateve a como o mar era representado na literatura coreana no início do século XX. Ao buscar estimular a consciência da cultura e da história do povo coreano por meio do mar, Choi preconizou o que um século depois a República da Coreia começou a demandar em meio à globalização: uma Coreia Global. Suas obras e esforços de resgate contribuíram para a formação da mentalidade marítima sul-coreana.

Em 2021, a autora desta dissertação conheceu virtualmente um dos netos de Choi Nam-seon, o Sr. Choi Hak-joo. Em suas palavras, Choi Hak-joo destaca que “Choi Nam-seon acreditava no globalismo para o futuro da Coreia, em vez da nação continental regional” (informação verbal em 29 de dezembro de 2021, tradução nossa). Choi Hak-joo (2012) é autor da biografia “*Yuktang Ch’oe Nam-son and Korea Modernity*”, que retrata a vida e as contribuições de seu avô Choi Nam-seon durante a primeira metade do século XX. A seção seguinte aborda sobre o Poder Naval da República da Coreia na contemporaneidade.

3 O PODER NAVAL DA REPÚBLICA DA COREIA

O presente capítulo analisa o desenvolvimento do poder naval sul-coreano a partir de suas fases de modernização, enfatizando-se a atual fase de desenvolvimento em direção às águas azuis e a compreensão da relação da República da Coreia com os países vizinhos no ambiente de segurança sul-coreano. A primeira seção trata do ambiente de segurança sul-coreano e analisa a relação da República da Coreia com o aliado militar EUA, com a RPDC, com o Japão e o posicionamento sul-coreano em meio à rivalidade estratégica entre EUA e China. A segunda seção analisa três principais programas no processo de modernização da Marinha sul-coreana, a saber: o programa de contratorpedeiros KDX, o programa de submarinos Jang Bogo e a introdução do projeto de porta-aviões CVX. A terceira seção, por sua vez, analisa a República da Coreia na era da 4ª Revolução Industrial, enfatizando-se o plano SMART Navy.

3.1 O ambiente de segurança sul-coreano

A República da Coreia observa o seu ambiente de segurança sob três diferentes esferas: i) a da segurança global, em que figuram questões como as respostas de combate à Covid-19, a competição estratégica entre EUA e China – com os EUA reafirmando sua Estratégia para o Indo-Pacífico ao passo que a China enfatiza sua expansão pela Nova Rota da Seda –, o advento de ataques cibernéticos, a pirataria, o terrorismo, entre outras; ii) a da segurança no Nordeste Asiático, com os países vizinhos reforçando suas capacidades militares de ponta e seus domínios militares no mar, ar, espaço e ciberespaço; e iii) a da segurança peninsular, em que Seul lida com a imprevisibilidade e as ameaças militares de Pyongyang (MND, 2020, p. 10-15).

Na primeira esfera, a República da Coreia busca atuar em cooperação com a comunidade internacional, optando por respostas multilaterais, como no caso do combate à pirataria no Golfo de Áden, na costa da Somália, onde opera a unidade naval Cheonghae vinculada à Força-Tarefa Combinada 151 (CTF-151). A segunda e a terceira esferas são tratadas neste capítulo, abarcando os principais aspectos de segurança no Nordeste Asiático – especialmente no tocante aos atores Japão, China e a aliança com os EUA – e os aspectos de segurança na península coreana, com o foco na RPDC. Além disso, apresenta a evolução e o atual comportamento do poder naval sul-coreano frente a essas esferas.

3.1.1 “Gachi Gapshida”: a aliança militar com os EUA

Esta subseção se atém a três principais fases de evolução da aliança militar entre a República da Coreia e os EUA: i) a gênese da aliança, na década de 1950, com os EUA

restringindo as capacidades e ações sul-coreanas na esfera marítima e considerando a força naval sul-coreana como irrelevante; ii) o papel naval sul-coreano ainda limitado na visão estadunidense, apesar da fase de industrialização naval nacional sob o governo de Park Chung-hee (1961-1979); e iii) a ascensão da Marinha da República da Coreia como um importante aliado para os EUA na Ásia-Pacífico, na contemporaneidade. Em seguida, analisa questões fundamentais da aliança militar Seul-Washington, como a manutenção de tropas estadunidenses em território sul-coreano, os exercícios militares conjuntos e a transferência do OPCON, controle operacional das Forças Armadas sul-coreanas em tempo de guerra.

Fundada no âmbito da Guerra da Coreia (1950-1953), a aliança militar entre a República da Coreia e os EUA se concentrava em terra, com a ênfase na guerra terrestre, em ameaças à paz na península coreana e no receio de uma incursão norte-coreana pelo sul da península. Com o fim da guerra fratricida – mediante a assinatura do Armistício Coreano³⁰ em 27 de julho de 1953, e não de um tratado de paz – as hostilidades norte-coreanas após 1953 acarretaram a dependência sul-coreana da segurança estadunidense e a manutenção das tropas dos EUA em solo sul-coreano. Em 1º de outubro de 1953, a República da Coreia e os EUA assinaram o Tratado de Defesa Mútua, basilar para a manutenção da presença dos EUA em território sul-coreano.

Como pedra angular do relacionamento de segurança entre a República da Coreia e os EUA, o Tratado de Defesa Mútua fomentou ajuda militar estadunidense para fortalecer o poder militar sul-coreano e apoio em caso de novo ataque ao território sul-coreano (Lee, 1987, p. 57). Todavia, como destaca Bowers (2019, p. 110 e 112), os EUA não apoiavam o conceito de Poder Naval sul-coreano, haja vista o Exército sul-coreano ter sido o foco da modernização militar, a península coreana ter sido considerada como teatro continental e as capacidades navais norte-coreanas terem sido apontadas como limitadas à época. Além disso, os EUA tinham o receio de perder o controle sobre a República da Coreia, o que acarretou a resistência estadunidense em fornecer capacidades além da vigilância costeira para a Marinha sul-coreana (Bowers, 2019, p. 113).

No pós-Guerra da Coreia, o arsenal da Marinha sul-coreana era composto por navios japoneses e estadunidenses da 2ª Guerra Mundial, em que os mais robustos eram quatro fragatas de patrulha da classe *Tacoma* de 1.400 toneladas, como empréstimo pelos EUA (Bowers, 2019, p. 126). Em 1954, as Forças Armadas sul-coreanas foram postas sob o Comando das Nações

³⁰ Acordo militar assinado pelos comandantes combatentes das partes conflitantes, a saber: Exército Popular da RPDC, Exército Voluntário do Povo (força armada expedicionária enviada pela China durante a Guerra da Coreia) e o Comando da ONU (*United Nations Command* - UNC) (Pinkston, 2016).

Unidas (*United Nations Command* – UNC), liderado pelos EUA. Na década de 1960, a Marinha sul-coreana passou a ter 52 navios operantes, majoritariamente da 2ª Guerra Mundial (*Ibidem*, p.112), focados em operações costeiras, limitando-se a reagir contra as capacidades da Marinha norte-coreana. Lee (1987, p. 88) ressalta que a capacidade incipiente de autodefesa sul-coreana estimulou as provocações militares norte-coreanas.

Em meio à ascensão de Park Chung-hee (1961-1979) ao poder sul-coreano, a pressão militar norte-coreana sobre o Sul aumentou, sobretudo quanto à percepção norte-coreana de direitos marítimos no entorno da península coreana. Como exemplo, em 1967, o ROKS Dangpo, navio de patrulha sul-coreano, foi naufragado pela artilharia costeira norte-coreana, no Mar do Leste, ao Norte da NLL (Heo; Roehrig, 2018, p. 272). Em 1968, o USS Pueblo, navio de coleta de inteligência da Marinha dos EUA, foi apreendido pela Marinha norte-coreana no Mar do Leste sob a alegação de ter entrado em águas territoriais norte-coreanas (Welna, 2018), e serve como triunfo norte-coreano mantido no Museu da Guerra Vitoriosa, em Pyongyang. Com o aumento das ameaças navais norte-coreanas, bem como a crescente disparidade entre as capacidades navais norte e sul-coreanas, os EUA tiveram de transferir mais navios de guerra, como dois contratorpedeiros da classe Fletcher de 2 mil toneladas (Bowers, 2019, p. 120). Segundo Bowers (2019, p. 125), a baixa capacidade tecnológica da Marinha sul-coreana e o foco sul-coreano em águas litorâneas resultaram no pouco interesse em cooperação da Marinha dos EUA com a força naval sul-coreana.

Com a declaração da Doutrina Nixon, em 1969, de que os EUA se restringiriam a fornecer assistência técnica, a República da Coreia iniciou o caminho da defesa nacional autossuficiente com Park Chung-hee, culminando no plano Yulgok, em 1974, de desenvolvimento da capacidade militar-industrial do país, sobretudo a produção nacional de navios para a Marinha. O plano Yulgok e o período de desenvolvimento da indústria de defesa sul-coreana são aprofundados na seção 4.1 desta dissertação. O plano Yulgok foi de 1974 a 1981, sendo substituído pelos Planos de Melhoria das Forças (*Force Improvement Plans* – FIP), com duração de 1982 a 1992 (Bowers, 2019, p. 118). Como ressalta Bowers (2019, p. 120), de 1974 a 1992, as capacidades da Marinha sul-coreana foram aprimoradas, em que a força naval aumentou de um contingente de 20 mil para 45 mil pessoas, bem como aumentou para 40 contratorpedeiros e fragatas e 122 navios costeiros e de patrulha.

Mediante o desenvolvimento militar-industrial sul-coreano e o fim da Guerra Fria, a relação entre EUA e República da Coreia evoluiu de uma dependência sul-coreana para uma cooperação (Bowers, 2019, p. 139). A partir da robustez do arsenal da Marinha sul-coreana e a capacidade de participar em operações internacionais, houve o aumento do interesse

estadunidense em dar importância à República da Coreia. Um dos destaques da evolução da aliança militar Seul-Washington se revelou no aumento da cooperação marítima entre ambos e na abordagem a desafios mais amplos de segurança, indo além da península coreana. Em 2009, o presidente sul-coreano Lee Myung-bak e seu homólogo Barack Obama, adotaram a “Visão Conjunta para a Aliança ROK-U.S.”, caracterizada pela busca de uma “aliança estratégica abrangente de âmbito bilateral, regional e global”, com vistas à expansão do escopo da aliança para além da península coreana e à ampliação para temas como o combate à pirataria marítima (Park, 2009).

Roehrig (2010, p. 92) ressalta que a missão principal da aliança Seul-Washington é proteger a República da Coreia contra ataques norte-coreanos, em que lidar com a ameaça de Pyongyang figura como o maior desafio de segurança sul-coreano. Todavia, o autor argumenta que as mudanças no ambiente de segurança e/ou no cenário político de uma ou de ambas as partes da aliança também influenciam nos ajustes que ocorrem no âmbito da aliança (*Ibidem*, p. 93). Um desses ajustes se dá, por exemplo, no debate acerca da manutenção da presença dos EUA em território sul-coreano e do compartilhamento dos custos militares para a alocação de tropas estadunidenses. Como destaca Courter (2019, p. 14), as alianças militares dos EUA são um meio que o país tem de aumentar seu poder, ampliar sua influência, proteger seus interesses nacionais e fomentar a ordem internacional livre e aberta.

No Nordeste Asiático, o Livro Branco de Defesa sul-coreano (MND, 2020, p. 15) afirma que os EUA asseguram uma superioridade estratégica e militar, enquanto a China, o Japão e a Rússia buscam aumentar suas respectivas forças militares, principalmente Marinha e Força Aérea, e competem entre si. Na República da Coreia, a presença dos EUA é representada pelas Forças dos EUA na Coreia (*United States Forces Korea - USFK*). Contemplando o terceiro maior contingente de Forças fora dos EUA, Washington mantém cerca de 28.500 soldados designados para a USFK. Enquanto o Exército dos EUA mantém o USAG Humphreys (maior base militar dos EUA no exterior), em Pyeongtaek, o USAG Yongsan, em Seul, e o USAG Daegu, em Daegu; a Força Aérea dos EUA tem bases aéreas nas cidades sul-coreanas de Osan e Kunsan (USFK, 2022a?).

A Marinha dos EUA, por sua vez, é representada pelas Forças Navais dos EUA na Coreia (*Commander, U.S. Naval Forces Korea - CNFK*) com um efetivo de 450 militares e opera nas bases navais sul-coreanas de Busan e Jinhae. O CNFK proporciona liderança e experiências em assuntos navais, a fim de aprimorar a eficácia operacional e institucional entre as Marinhas dos EUA e da República da Coreia e fomentar esforços de segurança coletiva na península coreana (CNRK, 2022?). O CNFK está sob o comando da 7ª Esquadra dos EUA, em

que esta se localiza em Yokosuka, no Japão. Para a República da Coreia, a maior parcela da cooperação marítima com os EUA dá-se com a 7ª Esquadra dos EUA, encarregada da missão de defender a República da Coreia, além de servir como o comando da força-tarefa para operações militares conjuntas (Roehrig, 2010, p. 106).

Há, ainda, o Comando das Nações Unidas (*United Nations Command* - UNC) e o Comando das Forças Combinadas (*Combined Forces Command* - CFC). O UNC foi criado em 1950 como uma força militar multinacional para apoiar a República da Coreia durante e após a Guerra da Coreia, tendo os EUA na liderança do comando unificado (UNC, 2022?). Atualmente, o UNC se encarrega da manutenção do Armistício Coreano e de regras de engajamento entre as Coreias, facilitando a diplomacia em situações de crises ou conflitos. Cabe destacar que o UNC é composto por 18 países³¹ e o comandante do UNC é o mesmo da USFK e do CFC, um general estadunidense quatro estrelas. O CFC, por sua vez, surgiu como um mecanismo provisório para a retomada gradual do controle operacional das Forças Armadas sul-coreanas pela República da Coreia (Lee, 1987, p. 70), porém o CFC ainda detém o controle operacional sobre os militares da ativa de todas as Forças dos EUA e da República da Coreia em território sul-coreano. O CFC é comandado por um general quatro estrelas dos EUA, com seu homólogo do Exército sul-coreano como vice-comandante (USFK, 2022?).

Sobretudo com o desenvolvimento das capacidades nucleares da RPDC, a cooperação com os EUA se tornou uma prioridade política (Bowers, 2019, p. 126), em que exercícios militares conjuntos foram projetados para trabalhar as capacidades combinadas e demonstrar força perante a RPDC. Como afirma Bennett (2021), a ameaça militar da RPDC faz com que o treinamento militar Washington-Seul seja imperativo, principalmente pelo fato de a RPDC ter quase o triplo do efetivo do Exército sul-coreano, quase o dobro de tanques de guerra, mais que o triplo de submarinos e ameaçar utilizar armas nucleares (MND, 2020, p. 358). Dessa forma, a superioridade militar qualitativa da aliança República da Coreia e EUA é necessária para compensar as vantagens quantitativas da RPDC (Bennett, 2021). O quadro 2 apresenta um comparativo entre as forças norte e sul-coreanas.

³¹ Austrália, Bélgica, Canadá, Colômbia, Dinamarca, França, Grécia, Itália, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Filipinas, África do Sul, Tailândia, Turquia, Reino Unido, EUA, e a República da Coreia, como país anfitrião (UNC, 2022?).

Quadro 2 - Comparativo de poder militar entre RPDC e República da Coreia

	RPDC	República da Coreia
População	25.831.360	51.715.162
Tropas da Ativa	1.280.000	555.000
Exército	1.100.000	420.000
Marinha	60.000	70.000
Força Aérea	110.000	65.000
Forças Estratégicas do Exército*	10.000	-
Submarinos	71**	19 (1 KSS-III, 9 KSS-II e 9 KSS-I)
Combatentes de Superfície	2 fragatas	26 (3 KDX-III, 6 KDX-II, 3 KDX-I e 14 fragatas)
Combatentes Costeiros e de Patrulha	372	78
Navios de Desembarque	10 (<i>Landing Ship Medium</i>)	10 (2 <i>Landing Platform Helicopter</i> Dokdo e Marado, 4 <i>Landing Ship Tank</i> e 4 <i>Landing Ship Tank-II</i>)
Pequenas e Médias Embarcações de Desembarque	255	25
Aeronaves	545	601
Tanques	3.500	2.074
Artilharia	21.600	12.128

* Ramo militar que supervisiona os mísseis estratégicos nucleares e convencionais da RPDC. **Embora muitos sejam pequenos e obsoletos, podem ser usados para efeitos letais, como no caso do naufrágio da corveta sul-coreana Cheonan, em 2010. Fonte: Elaboração própria, com base no The Military Balance (2022).

Roehrig (2010, p. 116) afirma que o nível de apoio público doméstico na República da Coreia e nos EUA é uma dimensão importante para a sustentabilidade da aliança entre ambos. O sentimento do público sul-coreano em relação aos EUA varia em uma escala que vai do antiamericanismo (*banmi*, em coreano) à veneração aos EUA (*sungmi*, em coreano) e pode eventualmente interferir na visão dos sul-coreanos sobre a aliança militar Seul-Washington (Moon, 2015, p. 139). Ao tratar das funções básicas de uma aliança militar, Fedder (1968, p. 67) argumenta que a função aumentativa de uma aliança se revela na equação em que o país A se alia ao país B para conjugarem seus poderes contra um inimigo C ($A+B>C$), em que $A+B$ passa a ser maior que C. Assim, a união dos EUA com a República da Coreia criaria um equilíbrio de poder sul-coreano contra a RPDC, visão acordada pela parcela de sul-coreanos que defende a continuidade da presença estadunidense em território sul-coreano. Por outro lado, o autor também apresenta a função preventiva de uma aliança, em que o país A se alia ao país B para impedir B de se aliar ao país C, inimigo de A (Fedder, 1968, p. 67). Dessa forma, a aliança Washington-Seul seria um obstáculo para as relações intercoreanas, como ocorre quando a RPDC requer o fim dos exercícios militares conjuntos Washington-Seul no entorno da península coreana e a retirada das tropas estadunidenses estacionadas na parte Sul da península. Esta visão é defendida pela parcela de sul-coreanos que busca frear a aliança militar sul-coreana com EUA, como os adeptos da *Sunshine Policy*, política sul-coreana de reaproximação com a RPDC.

Em 2013, uma pesquisa do Pew Research Center (Poushter, 2013) revelou que 78% do sul-coreanos tinham uma visão favorável dos EUA (e 20% com visão desfavorável), comparado aos 46% dos sul-coreanos com visão favorável dos EUA (e 50% com visão desfavorável) em 2003, apontando que em 10 anos a opinião pública sul-coreana mudou drasticamente. Em 2002, houve protestos antiamericanos na República da Coreia contra as bases militares dos EUA na República da Coreia, intensificados pelo nacionalismo sul-coreano. Todavia, a partir de meados dos anos 2000, com a expansão do programa nuclear norte-coreano e o fim da *Sunshine Policy*, a opinião pública sul-coreana se voltou a favor dos EUA. Já em 2022, uma pesquisa administrada pela *Macromill Embrain* (Rich et al., 2022) revelou que 55,83% dos sul-coreanos apoiam parcial ou fortemente a presença das bases militares americanas em território sul-coreano.

Uma das dimensões da aliança Seul-Washington ocorre na realização de exercícios militares com o objetivo de dissuadir ataques à República da Coreia e demonstrar o compromisso estadunidense de defesa do aliado asiático, bem como melhorar a cooperação mútua e o compartilhamento de inteligência (Roehrig, 2010, p. 108 e 114). Os dois principais exercícios militares liderados pela República da Coreia e pela USFK são: *Key Resolve/Foal Eagle* e *Ulchi Freedom Guardian*.

O *Key Resolve* é um exercício anual de comando e controle que trabalha a interoperabilidade entre a República da Coreia e os EUA e envolve o CFC, a USFK e, em menor participação, países membros do UNC. O exercício treina os militares no papel de defesa da República da Coreia, aprimora as capacidades de decisão dos líderes superiores e ensaia o apoio dos EUA em caso de ataque à República da Coreia (USFK, 2015). Realizado por simulação computadorizada, utilizando-se de cenários e eventos simulados, o *Key Resolve* ocorre entre fevereiro e março e é executado em conjunto com o *Foal Eagle* (PACAF, 2022?). O *Foal Eagle* é um exercício combinado de treinamento de campo, com duração de até dois meses, que envolve as forças navais, terrestres, aéreas e operações especiais dos EUA – representado pela 7ª Esquadra dos EUA – e República da Coreia (Engman, 2018).

O *Ulchi Freedom Guardian* é um exercício anual de posto de comando que trabalha cenários gerados por computador para o treinamento de eventuais contingências na defesa sul-coreana (Engman, 2018). Iniciado em 1976, o *Ulchi Freedom Guardian* ocorre entre agosto e setembro e busca melhorar a coordenação, os planos e os sistemas de combate e inteligência para a realização de operações na República da Coreia, envolvendo Exército, Marinha, Força Aérea e Corpo de Fuzileiros Navais, além da participação de civis (*Ibidem*).

É interessante destacar que Roehrig (2010, p. 116) argumenta que, diferente da presença de forças terrestres dos EUA na República da Coreia, a cooperação marítima torna mais fácil a manutenção do apoio político doméstico sul-coreano acerca da aliança militar Seul-Washington, haja vista o público sul-coreano reconhecer a necessidade de proteção do comércio marítimo e de interesses marítimos sul-coreanos. O autor exemplifica com a cerimônia de comissionamento do contratorpedeiro Sejong O Grande, no estaleiro da Hyundai Heavy Industries, em evento televisivo. Para Roehrig (2010, p. 116), há um apoio público sul-coreano para uma força naval estendida e para um maior envolvimento marítimo do país.

Dentre os exercícios marítimos que a Marinha da República da Coreia participa, cabe destacar a crescente atuação sul-coreana no *Rim of the Pacific Exercise* (RIMPAC). O RIMPAC é o maior exercício marítimo multinacional, organizado pela Marinha dos EUA a cada dois anos, com o fito de aumentar a interoperabilidade entre os países participantes na proteção das linhas marítimas de comunicação e no enfrentamento a desafios de segurança marítima no Indo-Pacífico (An, 2022). Para a edição de 2022, a República da Coreia enviou, a partir do Complexo Civil-Militar de Jeju, seu maior contingente militar desde o início da participação do país, com duas fragatas, em 1990: o navio de assalto anfíbio ROKS Marado de 14.500 toneladas com plataforma de pouso de helicóptero, o contratorpedeiro ROKS Sejong O Grande de 7.600 toneladas, o contratorpedeiro ROKS Munmu O Grande de 4.400 toneladas, o submarino ROKS Shin Dol-seok de 1.800 toneladas, quatro equipes da Flotilha Naval de Guerra do país, mil pessoas no total, entre outros (*Ibidem*). Pela primeira vez, a República da Coreia comandou a Força-Tarefa Combinada (CTF) 176, a força-tarefa anfíbia do RIMPAC, na figura do contra-almirante Sangmin An (*Ibidem*). Dessa forma, o aumento da participação da República da Coreia no RIMPAC se traduz no aprimoramento da aliança Seul-Washington, no teste das capacidades, prontidão militar e meios de combate sul-coreanos, bem como no ganho de experiência e aprendizado com outras Marinhas.

Outra dimensão da aliança militar Seul-Washington se relaciona ao OPCON. Com o fim da Guerra Fria e a crescente autonomia da República da Coreia, o OPCON em tempo de paz – treinar, manter e equipar a autoridade das Forças Armadas sul-coreanas – foi transferido do Comando das Forças Combinadas liderado pelos EUA para o Estado-Maior Conjunto da República da Coreia, em 1994 (Minnich, 2020, p. 257). Desde então, a República da Coreia e os EUA deliberaram a negociação da transferência completa do controle operacional em tempo de guerra das forças militares sul-coreanas, passando do CFC liderado pelos EUA para um novo Comando das Forças Conjuntas da República da Coreia. Segundo Seo (2011, p. 305), a

República da Coreia deve se preparar para diminuir as ameaças e a vulnerabilidade contra a RPDC, prevendo a futura transferência do OPCON em tempo de guerra.

Dois fatores representam condições propícias para a transferência do OPCON: a capacidade sul-coreana de liderar o CFC e o gerenciamento sul-coreano das ameaças norte-coreanas contra a aliança Seul-Washington (Minnich, 2020, p. 257); amplos a ponto de possibilitarem novos adiamentos, como os feitos em 2012 e 2015 por governos sul-coreanos conservadores. A tratativa mais recente ocorreu durante o mandato presidencial de Moon Jae-in (2017-2022) e acordou o processo de transferência do OPCON em três fases (Work, 2022, p. 16): i) a verificação estadunidense da capacidade operacional inicial (*initial operational capability* - IOC) sul-coreana para liderar operações de guerra, em agosto de 2019; ii) a avaliação da capacidade operacional total (*full operational capability* - FOC) sul-coreana, em agosto de 2020, porém medidas de mitigação da Covid-19 adiaram ou cancelaram exercícios conjuntos programados; e iii) a capacidade de missão completa (*full mission capability* - FMC), a ser decidida após 2022. Todavia, Minnich (*Ibidem*) critica as sucessivas postergações da transferência e argumenta que o que está em jogo não é a competência de comandantes sul-coreanos para a retomada do OPCON em tempo de guerra, mas o comprometimento dos EUA em ter um comandante sul-coreano assumindo o OPCON em tempo de guerra. Ademais, o atual presidente sul-coreano, de viés conservador, Yoon Suk-yeol, destaca a postura de defesa combinada Seul-Washington em primazia da transferência do OPCON (Ji, 2022), que pode se alinhar à preferência dos EUA pela manutenção do status quo na península coreana, sobretudo em meio à busca estadunidense de coesão entre os aliados dos EUA na Ásia-Pacífico devido ao agravamento das relações entre EUA e China (Work, 2022, p. 17).

Moldada sob o lema “Gachi Gapshida” – “Vamos Juntos”, em coreano – (Minnich, 2020), atualmente a aliança militar Seul-Washington vai além da postura de defesa combinada e abarca, por exemplo, agendas de tecnologia de ponta, cadeias de suprimentos globais e defesa da democracia, tendo evoluído para uma aliança regional e global. Em 2021, a cúpula entre os presidentes Moon Jae-in (2017-2022) e Joe Biden (2021-atual) proporcionou uma atualização da aliança Seul-Washington, com o aprofundamento da cooperação em domínios como o cibernético e o espacial (The White House, 2021). Dentre os resultados, a República da Coreia retomou a “soberania dos programas de mísseis”, alcançando mais autonomia quanto ao desenvolvimento de seu programa de mísseis balísticos. Em 2022, três áreas se destacaram na cúpula entre os presidentes Yoon Suk-yeol e Joe Biden (Okuno, 2022): as ambições espaciais sul-coreanas impulsionadas pela flexibilização estadunidense das diretrizes de mísseis, a

ampliação da cooperação nuclear pacífica e a busca por uma parceria marítima com vistas ao Indo-Pacífico.

3.1.2 A RPDC como uma ameaça complexa

Esta subseção aborda a RPDC como o agente de uma ameaça complexa no ambiente de segurança sul-coreano e adota a tese de sistemas complicados e complexos de Roberto Poli (2013). Ademais, os argumentos da presente subseção se baseiam em experiências de campo da autora desta dissertação, contatos com norte e sul-coreanos e participação em conferências em Seul, Washington DC, Leiden, Kiev e Bogotá, entre 2015 e 2019. Somam-se, ainda, a oportunidade de participação via Escola de Guerra Naval (EGN) no curso de extensão “Políticas e Estratégias frente às Ameaças Complexas” (CPEAC 2022)³² e a pesquisa na Biblioteca da EGN sobre os temas de trabalho final de alunos oficiais sul-coreanos em intercâmbio na EGN.

Antes de abordar sobre a tese de Poli (2013) e sua aplicação para a RPDC, cabe destacar o conceito de ameaça. Ao tratar sobre ameaça, Saint-Pierre (2018) expõe que esta sinaliza o anúncio ou o sinal de um dano e é percebida e interpretada por uma unidade que detém o poder de decisão. O autor ressalta que o conceito de ameaça se constitui para uma determinada percepção, em que o inimigo é o promotor da ameaça e esta, por sua vez, é o anúncio de situação indesejada ou de risco para a parte que a percebe. Nesse sentido, a República da Coreia percebe a RPDC como a promotora da ameaça, especialmente no contexto de mudanças no ambiente de segurança, em que Seul visa se preparar para ameaças potenciais e não militares provenientes de Pyongyang (MND, 2020, p. 51).

Poli (2013, p. 143) analisa as diferenças entre sistemas/problemas complexos e complicados, distinguindo-os pelos tipos a que correspondem, e não pelo grau. O autor (*Ibidem*) argumenta que o sistema complicado se origina de causas que podem ser individualizadas e seus problemas admitem soluções permanentes; já sistemas/problemas complexos são provenientes de “redes de múltiplas causas interativas” e interconectadas – não podendo ser abordadas de maneira fragmentada –, seus problemas precisam ser gerenciados e mesmo uma pequena alteração pode acarretar novos problemas e rearranjo do sistema como um todo. Nesse sentido, por exemplo, a RPDC como uma ameaça complexa advém inicialmente do conjunto e da interligação da política doméstica norte-coreana *byungjin* (combinação de desenvolvimento econômico e capacidade nuclear), com a política *Songun* (que prioriza a alocação de recursos

³² Programa de cooperação acadêmica entre a Escola Superior de Guerra (ESG) e o Centro de Estudos Hemisféricos de Defesa William J. Perry (WJPC) que proporcionou conhecimentos e fomentou a reflexão acerca do impacto de ameaças complexas para a segurança dos Estados modernos.

para as Forças Armadas), com o programa nuclear e de mísseis da RPDC, com a ideologia *Juche*³³ (autossuficiência) cristalizada na perda de confiança na China e na ex-União Soviética como seu guarda-chuva e com as campanhas de propaganda doméstica para a manutenção do regime norte-coreano. Ainda, o fracasso das negociações diplomáticas pela desnuclearização da RPDC nas últimas décadas revela a dificuldade em se obter uma solução permanente; e o fim súbito da cúpula de Hanói de 2019 entre EUA e RPDC (Hwang, 2021, p. 47; KCNA, 2019), em virtude do pedido adicional estadunidense de desmantelamento de outras instalações nucleares para além do complexo nuclear de Yongbyon, sinaliza que intervenções podem resultar em efeitos que comprometem o todo. Uma palavra errada, um integrante não quisto à mesa de negociações, uma tentativa de alterar o resultado pode fazer com que norte-coreanos se retraiam e se retirem abruptamente das negociações.

Poli (2013, p. 144) argumenta que sistemas/problemas complicados são compreendidos principalmente por meio de sua decomposição estrutural, enquanto que os complexos são compreendidos via análise funcional, ou seja, atividades exercidas pelo sistema. Além disso, o autor (*Ibidem*) afirma que é possível controlar e conhecer por completo sistemas/problemas complicados, enquanto que os complexos não podem ser controlados – haja vista serem passíveis de surpresas e incertezas – e sua complexidade não depende da quantidade de dados ou conhecimentos disponíveis. Nesse sentido, como uma ameaça complexa, a RPDC é melhor compreendida mediante suas ações e declarações públicas, não havendo um modelo pré-definido. Apesar dos dados ou conhecimentos disponíveis sobre a RPDC, dos relatos de desertores norte-coreanos e do mapeamento por imagens de satélites, a imprevisibilidade ainda é um fator central sobre a RPDC. Como exemplo, desde março de 2022 especula-se sobre quando ocorrerá o 7º teste nuclear norte-coreano. Dentre as justificativas e tentativas de previsão estão datas simbólicas para a RPDC ou após eventos na região, como o 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China (Ji, 2022).

Para Poli (2013, p. 145), sistemas/problemas complexos são criativos e adaptativos. Como exemplo de aplicação para a RPDC, a capacidade norte-coreana de se evadir das sanções econômicas unilaterais, da União Europeia (UE) e da ONU e de se adaptar é surpreendente e desafia o pacote de medidas adotadas para frear o desenvolvimento nuclear do país, a ponto de descartar o cenário de colapso do regime e submeter norte-coreanos a condições de trabalho

³³A RPDC adotou, oficialmente desde 1969, a ideologia *Juche* de autodefesa, autodependência em assuntos econômicos e autoconfiança na política como a ideologia representativa do país (Woo, 2010, p. 228-229).

forçado no exterior³⁴ para aumentar a geração de receita à RPDC. Em 2016, investigações expuseram o caso de norte-coreanos em condições de trabalho forçado, empregados por intermédio da ARMEX³⁵ nos estaleiros CRIST S.A. e NAUTA S.A., na cidade portuária polonesa de Gdynia³⁶³⁷ (Vice, 2016; Breuker, Gardingen, 2016). Atualmente, em mais um exemplo de adaptabilidade, a RPDC se concentra em suas capacidades ofensivas cibernéticas – seja como forma de armamento assimétrico contra a aliança Seul-Washington, seja para a geração de receita ao regime norte-coreano sob sanções internacionais e financiamento dos programas nuclear e de mísseis balísticos (Kim, 2022). Em relatório da RAND Corporation, Mallory (2021, p. 19-20) ressalta que a RPDC aplica quatro principais técnicas de evasão de sanções para a manutenção do atual regime político e financiamento do programa nuclear e de mísseis: atividades que geram receita em moeda estrangeira, aquisição de tecnologia restrita e de uso duplo, transporte secreto de mercadorias e financiamento secreto; as quais envolvem funcionários do governo norte-coreano em representações diplomáticas no exterior, trabalhadores norte-coreanos no exterior, empresas de fachada e intermediários de confiança.

Por fim, Poli (2013, p. 143) conclui que tomadores de decisão majoritariamente pedem “soluções” definitivas para os problemas, o que não funciona em sistemas/problemas complexos. Segundo o autor (*Ibidem*), “‘aprender a dançar’ com um sistema complexo é diferente de ‘resolver’ os problemas que surgem dele”. Dessa forma, é preciso interagir e lidar com a RPDC, em vez de apenas buscar isolá-la, sendo necessário mudar o pensamento de “problema-solução definitiva” – enraizado em uma lógica binária, de controle e de tudo ou nada com a RPDC – para “padrões-evolução”. Como ressaltou Cho Tae-yong, em sessão de auditoria parlamentar em Washington DC (BYUN, 2022), é preciso haver maneiras “criativas” – e

³⁴ Em geral, empresas norte-coreanas entram em outros países como fornecedoras de mão de obra para empresas locais (KINU, 2016, p. 468-469). Desertores norte-coreanos relatam trabalharem cerca de 16 horas por dia e terem de destinar uma parcela do salário – 60% a 90%, dependendo do país a que foram enviados – à RPDC como lealdade ao país, recebendo aproximadamente US\$1.000 a US\$1.500 por ano (*Ibidem*, p.477-479). A maioria dos trabalhadores norte-coreanos no exterior são enviados para Rússia e China, principalmente para trabalharem em setores de construção e mineração (*Ibidem*, p. 465).

³⁵ Empresa polonesa que atua como agência de recrutamento, vinculada à RPDC. Em 2014, um trabalhador norte-coreano faleceu com queimaduras em mais de 95% do corpo em um acidente no estaleiro CRIST S.A., em Gdynia (p. 9), desencadeando inspeções sobre trabalhadores norte-coreanos na Polônia.

³⁶ Em 2016, a autora desta dissertação esteve em Gdansk e Gdynia, na Polônia, para pesquisar sobre as relações entre Polônia e RPDC e as investigações referentes à situação de norte-coreanos em condições de trabalho forçado. Em seguida, participou como pesquisadora em península coreana da conferência “*Slaves to the Systems: North Korean Forced Labour in the EU*”, realizada em 06 de julho de 2016, na Universidade de Leiden, na Holanda. A conferência abordou sobre o relatório intitulado “*North Korean Forced Labour in the EU, the Polish Case: How the Supply for a Captive DPRK Workforce Meets Our Demand for cheap Labour*” (Leiden Asia Centre, 2016).

³⁷ Em 2017, a Resolução 2397 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), instou os países membros da ONU a repatriar trabalhadores norte-coreanos no prazo de dois anos, além de reforçar medidas marítimas no combate às práticas marítimas enganosas e às exportações e importações norte-coreanas ilícitas de carvão, petróleo e demais itens proibidos (CSNU, 2017). Cabe ressaltar que a Resolução 2397 não se aplica ao projeto portuário e ferroviário Rajin-Khasan, entre Rússia e RPDC (*Ibidem*).

inovadoras – para lidar com a ameaça da RPDC, sobretudo advinda do desenvolvimento dos programas nuclear e de mísseis balísticos do país.

Outro ponto relevante para esta subseção é quanto à escolha do tema de trabalho final de alunos oficiais navais sul-coreanos no Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (CEMOS) ao longo de seus respectivos intercâmbios na EGN. Em pesquisa realizada na Biblioteca da EGN, das turmas de 2010 a 2021, verificou-se que, dos três alunos sul-coreanos participantes, dois relacionaram seus trabalhos finais diretamente ao desenvolvimento do programa nuclear norte-coreano, fato que demonstra a preocupação e a importância do tema para a República da Coreia; e a mais recente aluna se ateu à posição sul-coreana frente à política de fortalecimento marítimo da China, o que revela a ampliação de ameaças e disputas marítimas com atores para além da península coreana, a busca sul-coreana pela cooperação multilateral e o necessário estabelecimento da estratégia marítima da República da Coreia. Cumpre destacar que as três Monografias buscaram encontrar soluções pacíficas e mapear as mudanças no ambiente estratégico sul-coreano nos marcos temporais das pesquisas.

A primeira Monografia, de autoria do Capitão de Corveta (CC) sul-coreano Jeong Oh Lee, realizada em 2011 e intitulada “A Complexidade da Questão Nuclear da Coreia do Norte: mudanças de política externa da China e o dilema dos EUA”, objetivou propor uma alternativa de solução pacífica para a questão do desenvolvimento nuclear unilateral norte-coreano. Lee (2011) indicou uma medida dividida em três etapas, sob a visão sul-coreana: i) o governo norte-coreano não buscar a recuperação econômica nacional a partir do desenvolvimento de seu programa nuclear; ii) EUA e China restabelecerem a confiança mútua; e iii) haver reformas e aberturas no regime interno norte-coreano.

A segunda Monografia foi realizada em 2015, pelo CC sul-coreano Park Jung-heui, com o título “A Ameaça Nuclear da Coreia do Norte: respostas para uma solução pacífica”. Park (2015) buscou analisar as mudanças ocorridas no entorno da península coreana com o objetivo de encontrar uma solução pacífica para a questão nuclear norte-coreana que pudesse ser adotada pelo governo sul-coreano. Park também apontou a questão nuclear norte-coreana como a principal ameaça à paz da península coreana e do Nordeste Asiático e o maior impeditivo para o avanço das relações intercoreanas. Como um caminho de solução, Park elencou: i) a manutenção da estreita cooperação e defesa mútua entre Seul e Washington; ii) a busca pelo apoio da China e da Rússia e estabelecimento de um consenso entre os cinco membros permanentes³⁸ do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) a favor do desarmamento

³⁸ EUA, Rússia, Reino Unido, França e China.

nuclear e contra uma RPDC nuclearmente armada; iii) a cooperação internacional em prol do desarmamento nuclear; e iv) a manutenção da pressão da comunidade internacional em caso de testes nucleares norte-coreanos, como a criação de resoluções de embargos e sanções econômicas.

A terceira Monografia foi elaborada em 2019, pela CC sul-coreana You Nayoung, com o título “Contra medidas da Coreia do Sul à política de fortalecimento marítimo da China: com foco na zona de conflito entre os dois países”. Apesar do foco do trabalho ter sido a disputa de jurisdição marítima entre China e República da Coreia em relação ao rochedo de Socotra, localizado no Mar da China Oriental, You reconhece que, devido ao conflito com a RPDC, ainda é desafiador definir a Marinha sul-coreana como o principal poder militar do país, e sugere a aquisição de submarinos e armamentos de longo alcance para que a República da Coreia atinja uma posição mais simétrica, além da manutenção da aliança militar com os EUA (You, 2019, p. 47 e 50).

Com as três Monografias abordando sobre a RPDC, é importante compreender a estratégia militar adotada pela RPDC, bem como a resposta de defesa da República da Coreia. A estratégia militar norte-coreana é centrada na guerra de guerrilha³⁹, na guerra híbrida⁴⁰ e na *blitzkrieg*⁴¹, além de o país possuir capacidades assimétricas – como armas nucleares, armas de destruição em massa, submarinos, mísseis balísticos, unidades cibernéticas, entre outras (MND, 2020, p. 29). A estratégia militar da RPDC em caso de guerra na península coreana se concentra em três partes: ataque surpresa, no nível estratégico, operacional ou tático; conquista rápida – considerando-se a falta de recursos norte-coreanos para uma guerra extensa – e decisiva⁴², buscando apresentar um fato consumado e nova conjuntura; e táticas mistas, com meios regulares (convencionais) e irregulares (como operações no ciberespaço) (USArmy, 2020, p.1.13). Dessa forma, a ameaça militar da RPDC à República da Coreia gera a necessidade da manutenção de treinamento militar sul-coreano, fortalecimento da aliança Seul-Washington e superioridade qualitativa militar para contrabalancear as vantagens quantitativas da RPDC (Bennett, 2021).

³⁹ Emprego de forças irregulares.

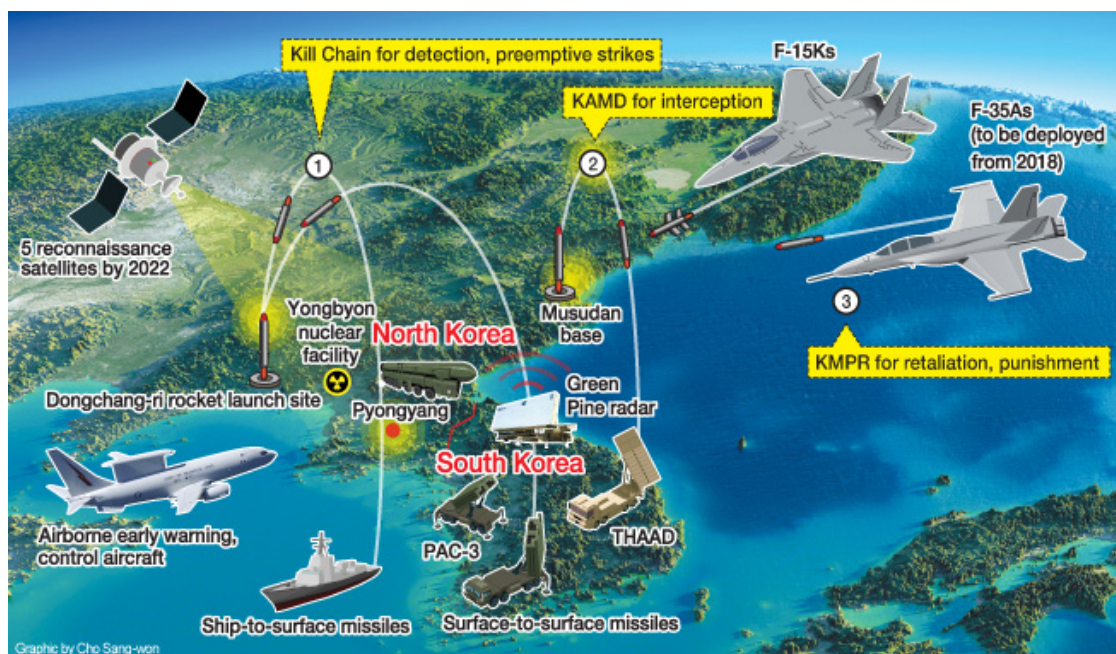
⁴⁰ Forma mista de combate que reúne meios convencionais e não convencionais.

⁴¹ Guerra relâmpago. A invasão da RPDC na República da Coreia, em 25 de junho de 1950 (início da Guerra da Coreia), pode ser considerada como *blitzkrieg*.

⁴² Para o Exército dos EUA (USArmy, 2020, p. 1.13), a RPDC observa que a democracia estadunidense demanda tempo para reagir aos acontecimentos internacionais, o que pode acarretar a preferência estadunidense pela manutenção do status quo, como na anexação da Crimeia, em que a comunidade internacional condenou a Rússia, mas não assumiu medidas práticas para alterar o resultado.

Para combater as ameaças nuclear e de mísseis da RPDC, a República da Coreia desenvolveu o sistema de defesa de “três eixos” composto por três estratégias, conforme a figura 14: o sistema de ataque preventivo Kill Chain, o sistema de Defesa Aérea e de Mísseis Coreanos (*Korean Air and Missile Defense - KAMD*) e o plano de Punição e Retaliação Massiva da Coreia (*Korea Massive Punishment and Retaliation - KMPR*).

Figura 14 - Sistema de Três Eixos da República da Coreia



Fonte: JUN, 2016.

O Kill Chain visa desativar sistemas de operações nucleares e de mísseis norte-coreanos por meio de ataques com mísseis balísticos e de cruzeiro lançados por terra e mar; o KAMD, como um sistema de defesa antimísseis, detecta e intercepta mísseis norte-coreanos por meio de mísseis Patriot, mísseis superfície-ar de médio alcance (M-SAM) e mísseis de longo alcance (L-SAM); e o KMPR visa ataques de precisão a indivíduos na liderança e ao comando militar norte-coreano por meio de mísseis (Lee, 2022, p. 70-71).

A principal preocupação de segurança da República da Coreia se mantém nas ameaças e imprevisibilidade da RPDC, as quais evoluíram para o teatro marítimo. A Primeira e a Segunda Batalhas de Yeongpyeongdo, respectivamente em 1999 e 2002, o naufrágio da corveta sul-coreana Cheonan, em 2010, e a tensão contínua ao longo da Linha Limítrofe do Norte (*Northern Limit Line - NLL*), fronteira marítima intercoreana *de facto*, demonstram a nova ênfase da RPDC e a importância da vigilância da Marinha da República da Coreia quanto às provocações norte-coreanas. Roehrig (2010, p. 95) ressalta que, em meio ao processo de modernização naval da República da Coreia, o aprimoramento das capacidades sul-coreanas

para a defesa costeira permanece como imprescindível, sobretudo quanto à força submarina norte-coreana com capacidade de interromper o transporte comercial sul-coreano e o tráfego de navios de guerra sul-coreanos.

A RPDC tem anseio revisionista quanto à NLL (ilustrada na figura 15), por não reconhecer os limites da fronteira marítima intercoreana *de facto* aquém da costa norte-coreana. Pinkston (2017, p. 100) assevera que a RPDC é um país insatisfeito e revisionista, interessado em alterar o status quo regional e internacional para se beneficiar, o que inclui a busca pelo reconhecimento internacional como um Estado nuclearmente armado e a consequente suspensão das sanções econômicas. Pinkston (2017, p. 98, tradução nossa) argumenta que “a perspectiva legal norte-coreana é que o direito internacional e o direito interno são moralmente inferiores e inválidos se estiverem em conflito com a lei da RPDC”. Dessa forma, o autor (*ibidem*, p. 99) afirma que, na esfera nacional, o sistema jurídico norte-coreano funciona para servir aos objetivos e diretrizes do Partido, assim como o direito internacional e as organizações internacionais. Todavia, do ponto de vista ocidental, a RPDC pratica *lawfare*⁴³ ao manipular ou ser seletiva no cumprimento de compromissos internacionais (incluindo tratados e acordos bilaterais), a fim de conseguir êxito em seus objetivos políticos, a níveis regional e global (*ibidem*).

Figura 15 - Limites da NLL



Fonte: Stratfor, 2010.

⁴³ Esta dissertação adota a definição de Charles Dunlap (2008, p. 146, tradução nossa) sobre o termo *lawfare*, que corresponde a “estratégia de usar – ou fazer mal uso – a lei como um substituto para os meios militares tradicionais, a fim de atingir um objetivo operacional”.

Na figura 15, a linha vermelha representa a fronteira terrestre intercoreana (Zona Desmilitarizada), a linha verde representa a atual NLL e a linha laranja representa a NLL reivindicada pela RPDC, em continuidade à Zona Desmilitarizada. Nota-se que a NLL reivindicada pela RPDC ultrapassa as cinco ilhas sul-coreanas do Noroeste, intituladas: Baekryeongdo, Daecheongdo, Socheongdo, Yeonpyeongdo e Woodo (*do*, em coreano, significa ilha). A NLL foi promulgada unilateralmente em 1953 pelo UNC, traçada aproximadamente entre as cinco ilhas sul-coreanas e a costa norte-coreana, até a RPDC começar a reivindicar o limite de 12 milhas náuticas para as águas territoriais norte-coreanas, em 1973 (Roehrig, 2012). Roehrig (2008, p. 22) afirma que a NLL pode ser uma das áreas mais preocupantes de conflito entre as Coreias e destaca os quatro pontos que estão em jogo na NLL: a pesca, o comércio e o acesso ao Mar Amarelo, a soberania e a segurança. Dessa forma, para monitorar e garantir a segurança e a defesa das cinco ilhas sul-coreanas, a Marinha sul-coreana criou o Comando de Defesa das Ilhas do Noroeste (MND, 2020, p. 64).

Desde a invasão e a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014, a guerra na Ucrânia deve ser acompanhada com atenção pela República da Coreia, tendo em vista o anseio revisionista norte-coreano pela NLL. Snyder (2022) argumenta que o revisionismo russo ao *status quo*, em que um país com armas nucleares busca revisar uma fronteira nacional existente, revela-se como um desafio à República da Coreia, na medida em que a RPDC pode compreender como um precedente às suas próprias aspirações em relação à NLL. O aumento dos lançamentos de mísseis balísticos e disparos de artilharia norte-coreanos próximos à NLL, sobretudo em 2022, sinalizam um novo ciclo de provocação militar da RPDC.

Jang (2016, p. 315) afirma que a RPDC estabelece a provocação militar como base de longo prazo da política externa do país, orientada em três etapas: provocação, marcação de posição e manutenção do novo status. O autor (*ibidem*) destaca que a execução das etapas ocorre por meio do desenvolvimento de armas nucleares, na seara internacional, e por meio de provocações navais, na seara entre as Coreias. Portanto, enquanto a RPDC existir como uma ameaça no ambiente de segurança sul-coreano, a República da Coreia, ainda que visando se tornar uma marinha de águas azuis, precisa continuar modernizando suas Forças Armadas e aprimorando a postura de defesa do país para manter a dissuasão contra a RPDC no entorno da península coreana.

3.1.3 Uma guerra de memórias: as disputas marítimas com o Japão

As relações bilaterais entre a República da Coreia e o Japão são afetadas por conflitos históricos e memórias da colonização da Coreia pelo Japão (1910-1945), fatores que diminuem

a confiança mútua e aumentam a complexidade da cooperação no setor de Defesa na região. Esta subseção visa compreender os três principais pontos de conflito das relações coreano-japonesas no domínio marítimo do Leste Asiático, divididos em três partes, a saber: i) as disputas pelos rochedos de Liancourt (Dokdo/Takeshima), administradas pela República da Coreia e reivindicadas constantemente pelo Japão; ii) a contraposição do nome da área marítima entre a península coreana e o Japão, em que a visão japonesa defende o uso legítimo de Mar do Japão, ao passo que a República da Coreia defende o uso concomitante de Mar do Japão e Mar do Leste; e iii) a sobreposição das zonas econômicas exclusivas de ambos os países. Por fim, a presente subseção visa abordar sobre o Acordo Geral de Segurança de Informações Militares (*General Security of Military Information Agreement - GSOMIA*) entre Seul e Tóquio.

O primeiro ponto de conflito entre a República da Coreia e o Japão no domínio marítimo do Leste Asiático se revela na disputa pelos rochedos de Liancourt, conhecidos como Dokdo, na visão sul-coreana, e como Takeshima, na visão japonesa. Os rochedos de Liancourt consistem em duas ilhas principais – Dongdo e Seodo – e 89 ilhotas no entorno, abarcando a área total de 188 km² (K-Dokdo, 2023?). As ilhas se localizam na área marítima entre a península coreana e o arquipélago do Japão e, atualmente, estão sob a soberania sul-coreana, conforme a figura 16.

Figura 16 - Localização de Dokdo/Takeshima



Fonte: Kim e Cho, 2011.

A partir do fim da 2ª Guerra Mundial, a República da Coreia e o Japão iniciaram uma rivalidade em relação à propriedade dos rochedos de Liancourt (Fern, 2005). Ambos contestam a reivindicação um do outro, baseando-se em fatores como fatos históricos, geográficos e no direito internacional. Ao passo que a República da Coreia argumenta que a sua soberania das

ilhas Dokdo se baseia em fatos históricos, geográficos e no direito internacional, o Japão alega a aquisição das ilhas Takeshima como *terra nullius* (Kim, 2009). Ao passo que o Japão sustenta o interesse em solucionar a disputa no âmbito da Corte Internacional de Justiça (CIJ), a República da Coreia mantém o entendimento de que a soberania sul-coreana de Dokdo não é contestada, impossibilitando a CIJ de interferir na questão entre ambos.

A República da Coreia possui uma unidade da Guarda Costeira em Dokdo, desde 1954, a fim de demonstrar seu controle efetivo sobre a ilha e, a partir de 1986, iniciou exercícios militares na região, como o exercício anual de Proteção do Território do Mar do Leste, em que participam a Marinha, a Força Aérea e a Guarda Costeira sul-coreanas. Tal exercício se baseia no cenário de liderança da Guarda Costeira em impedir ou conter infiltrações estrangeiras em águas territoriais dos rochedos de Liancourt ou em tentativas de pouso na ilha (Yonhap, 2021b). O contratorpedeiro Sejong O Grande de 7.600 toneladas, equipado com sistema de combate Aegis, da *Maritime Task Flotilla 7* participou pela primeira vez em 2019 (Yoo, 2019), sinalizando a preocupação sul-coreana com a manutenção da proteção da soberania do país no Mar do Leste.

Ainda, outros dois fatos relevantes ocorreram envolvendo Seul e Tóquio quanto à disputa territorial sobre os rochedos de Liancourt. Em 2021, durante uma visita oficial à Espanha, o presidente sul-coreano Moon Jae-in (2017-2022) visitou a biblioteca do Senado espanhol, em Madri, e consultou o documento histórico Mapa da Dinastia Joseon (Korea, 2021) – que retrata a Coreia na década de 1730. Segundo Moon Jae-in, trata-se de um documento constatando que Dokdo é parte integrante do território coreano. Em 18 de junho de 2021, o Gabinete do Estado-Maior Conjunto do Japão sob as Forças de Autodefesa publicou um vídeo militar sobre a visão indo-pacífica do Japão, no qual apresenta Dokdo como um território em disputa. Em resposta, Seul apresentou queixa a Tóquio e sustenta a defesa de que Dokdo é território inerente histórica e geograficamente e pelo direito internacional da República da Coreia (Yonhap, 2021a).

O segundo ponto de conflito coreano-japonês se dá quanto à disputa pelo nome do corpo d'água entre a península coreana e o arquipélago do Japão. A República da Coreia intitula a área como Mar do Leste, enquanto o Japão a nomeia unicamente como Mar do Japão. A fim de encontrar uma solução para a disputa, a República da Coreia busca que os dois nomes – Mar do Japão e Mar do Leste – sejam utilizados juntos, de acordo com a sua interpretação da resolução da Conferência das Nações Unidas sobre a Padronização de Nomes Geográficos e da Resolução Técnica A.4.2.6 da Organização Hidrográfica Internacional (IHO, em inglês) (Lee, 2002). Enquanto a República da Coreia – e em paralelo à RPDC – contestou pela primeira vez

o uso exclusivo de “Mar do Japão” durante a 6ª Conferência das Nações Unidas sobre Padronização de Nomes Geográficos, em 1992, solicitando a troca de nomes ou a inserção de Mar do Leste; o Japão, por sua vez, somente aceita a nomeação do mar da região como Mar do Japão, haja vista argumentar que, desde o início do século XIX, e oficialmente em 1929 pela IHO, o nome Mar do Japão tem sido largamente adotado na comunidade internacional (Park, 2017, p. 202).

O terceiro ponto de conflito entre a República da Coreia e o Japão ocorre devido à sobreposição das Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE) de cada um. Os mares que permeiam o Nordeste Asiático são pequenos em comparação à extensão territorial dos países da região, somado ao fato de haver diversas ilhas rochosas que são alvos de disputa de soberania offshore (Fern, 2005). República da Coreia, Japão e China ratificaram a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar em 1996 e, em seguida, reivindicaram suas ZEEs (Kim, 2003). Os três países adotaram acordos de pesca bilaterais, criando zonas de pesca conjunta nas áreas sobrepostas (*ibidem*). A República da Coreia reconhece a necessidade de garantir a sua soberania marítima no entorno da península coreana e, portanto, mantém a presença em sua ZEE (Bowers, 2019, p. 209).

Os pontos de disputas coreano-japonesas, sobretudo a questão de Dokdo/Takeshima, reduzem a confiança mútua entre Seul e Tóquio e aumentam a complexidade de uma maior cooperação no setor de Defesa na região. Um exemplo se dá no contexto do Acordo de Segurança GSOMIA. Em 2016, a República da Coreia e o Japão assinaram o GSOMIA com o objetivo de compartilharem entre si informações sobre atividades militares e nucleares da RPDC, otimizando o processo sem precisar informar aos EUA primeiramente (CHA, 2020). Entretanto, em 2019, a República da Coreia ameaçou rescindir o GSOMIA⁴⁴ como forma de retaliação ao Japão por questões históricas, o que poderia beneficiar países opostos ao sistema de aliança dos EUA, como RPDC, China e Rússia (CHA, 2020). Ainda que o GSOMIA seja um acordo bilateral entre Seul e Tóquio, é relevante aos EUA também, por buscar fomentar a aliança trilateral com a República da Coreia e o Japão.

Roehrig (2010, p. 117) expõe que o aumento das capacidades marítimas sul-coreanas somado à cooperação Seul-Washington pode contribuir para a cooperação marítima trilateral Seul-Washington-Tóquio. O autor destaca que o histórico do colonialismo japonês e a disputa por Dokdo/Takeshima permanecem como entraves para uma maior cooperação entre os dois aliados dos EUA, entretanto argumenta que soluções devem ser exploradas para superar as

⁴⁴ O GSOMIA é anualmente renovado de forma automática, exceto se uma das partes notificar a outra de decisão contrária (MOFA Japan, 2019).

barreiras que impedem uma maior cooperação trilateral. Roehrig (*Ibidem*), ressalta que a cooperação no âmbito das operações da CTF-151 (abordada na seção 4.3 desta dissertação), que envolve os três países em questão e outros, tem o potencial de permitir o trabalho conjunto entre República da Coreia, EUA e Japão em atividades marítimas.

3.1.4 “Um camarão entre as baleias”?

Há um antigo provérbio coreano que diz que “quando as baleias brigam, é o camarão que se machuca”. Na contemporaneidade, esse provérbio traduz a posição da República da Coreia como o camarão, e as baleias como a rivalidade estratégica entre EUA e China, em meio ao avanço tecnológico e militar, sobretudo no domínio marítimo. Koo (2020, p. 1) destaca a mudança no equilíbrio de poder e os interesses marítimos na Ásia – com a reivindicação de áreas marítimas, exploração intensa de recursos marinhos e artificialização e militarização de recursos offshore em disputa – o que colocou a região Indo-Pacífico no centro da competição geopolítica e militar entre EUA e China. Dessa forma, a presente subseção visa analisar como a República da Coreia se posiciona em meio à rivalidade estratégica entre EUA e China.

Koo (2020, p. 3) ressalta que a China busca “desafiar o *status quo* na Ásia marítima” com o aumento de suas capacidades navais para operações militares além de suas fronteiras marítimas, como o lançamento dos porta-aviões chineses na década de 2010 e os exercícios navais no Mar do Sul da China. Sob a estratégia Nova Rota da Seda (*Belt and Road Initiative - BRI*), a China busca conectar a Ásia aos continentes africano e europeu para desenvolver projetos de infraestrutura e investimentos e aprimorar a integração regional. Além disso, a estratégia chinesa evoluiu para o espaço aéreo, quando a China, em 2013, estimou uma zona de identificação de defesa aérea (ADIZ) no Mar do Sul da China (Koo, 2020, p. 4).

Em resposta ao avanço chinês, os EUA lançaram a Estratégia Indo-Pacífico, a fim de conter a expansão da China na região (Koo, 2020, p. 2). Os EUA reconhecem a região do Indo-Pacífico – que se estende desde a costa estadunidense do Pacífico até a costa do Oceano Índico – como vital à segurança e aos interesses estadunidenses e buscam moldar o ambiente estratégico em que atuam junto aos parceiros e aliados na região (The White House, 2022, p. 5). A visão dos EUA é garantir um Indo-Pacífico livre e aberto, mais conectado e resiliente contra ameaças transnacionais, além de modernizar as alianças na região, fortalecer as parcerias emergentes e investir em organizações regionais (The White House, 2022, p. 7).

Enquanto os EUA são o principal aliado militar da República da Coreia, a China é o principal parceiro comercial sul-coreano. Para a República da Coreia, como um país que busca a política de potência média e a autonomia diplomática em política externa, estar entre os dois

países mais poderosos do mundo se torna um desafio de equilíbrio e posicionamento cada vez maior. Sobretudo nas três administrações presidenciais mais recentes, a República da Coreia vem revelando o seu posicionamento quanto à rivalidade sino-estadunidense.

Park Geun-hye (2013-2017) trabalhou a dissuasão contra a RPDC por meio da aliança estratégica com os EUA. Todavia, a implantação do sistema de defesa antimísseis estadunidense THAAD (*Terminal High Altitude Area Defense*) gerou sensibilidade na China e retaliação chinesa às empresas sul-coreanas em território chinês. Moon Jae-in (2017-2022) acordou a colaboração com os EUA na estratégia Indo-Pacífico e abordou o Indo-Pacífico como uma complementariedade a sua Nova Política do Sul, todavia permaneceu com a política de ponderação e em defesa da diplomacia equilibrada EUA-China, sem antagonizar Pequim. Yoon Suk-yeol (2022-atual), por sua vez, busca laços mais estreitos com os EUA e enfatiza um maior engajamento sul-coreano no Indo-Pacífico.

No tocante ao Indo-Pacífico, em 2022, a República da Coreia publicou a sua própria estratégia para a região, intitulada “Estratégia para um Indo-Pacífico Livre, Pacífica e Próspero” (MOFA, 2022). O Indo-Pacífico é uma região importante para a República da Coreia, onde se localiza os vinte principais parceiros comerciais do país, representa o destino de 78% das exportações sul-coreanas e de onde chega 67% das importações sul-coreanas (MOFA, 2022, p. 5). A maior parte do comércio sul-coreano depende das linhas de comunicação marítimas, com uma parcela transitando pelo Estreito de Ormuz, Oceano Índico, Estreito de Malaca e Mar do Sul da China. Dessa forma, a República da Coreia cada vez mais visa proteger suas linhas de comunicação marítimas e interesses marítimos na região.

Com a necessidade de proteger suas SLOCs e interesses marítimos para além da península coreana, a República da Coreia tem gradualmente aumentado o orçamento de defesa. Como exemplo, em 2019, o orçamento de defesa sul-coreano foi de 39,5 bilhões de dólares, 8,2% a mais que em 2018 e com 28% do orçamento total direcionado à Marinha sul-coreana para o investimento especialmente em novos submarinos e navios de guerra (Koo, 2020, p. 8). Bowers (2019, p. 211) afirma que a República da Coreia reconhece não ser tão poderosa quanto a China – e o Japão – e, por isso, busca desenvolver forças assimétricas para a dissuasão. O contra-almirante sul-coreano Cho (2015, p. 58) ressalta que a Marinha sul-coreana está em processo de conversão para uma Marinha de águas azuis, porém ainda inferior às potências navais da região. Para Roehrig (2010, p. 117), há o receio de que a China compreenda o desenvolvimento das capacidades sul-coreanas – e japonesas – como um esforço para conter os interesses marítimos chineses, assim o autor sugere a necessidade de incluir a China nos esforços de aumento da segurança marítima.

A região do Indo-Pacífico também vem se tornando um ambiente dinâmico para a inovação em Defesa, como avanços em drones militares, caças furtivos, armas hipersônicas, mísseis balísticos, entre outros. Como exemplo, a República da Coreia, devido às violações do ADIZ sul-coreano (KADIZ) pela China, visa desenvolver até 2027 um radar de vigilância de longo alcance com tecnologia local para monitorar o seu KADIZ e detectar aeronaves com tecnologia furtiva (Shim, 2021). Cohen (2013, p. 140) já considerava que, teoricamente, a ascensão da China em oposição ao domínio dos EUA no Indo-Pacífico poderia ser vista como o surgimento de uma nova era tecnológica na guerra. O autor (*ibidem*, p. 141-143), inclusive, expõe características desta nova era, como: o advento da “qualidade sobre a quantidade”, em que a época do exército em massa chegou ao fim e há o aumento de gastos em treinamento militar e vantagens tecnológicas no combate; e a “especialização do equipamento militar”, com o desenvolvimento de novos sistemas de armas e plataformas integradoras. Dessa forma, a República da Coreia também buscou modernizar sua Marinha e se preparar para o futuro da guerra.

3.2 A modernização da Marinha no pós-democracia

O advento da democracia sul-coreana em 1988 anunciou o início de uma nova era de transformação na República da Coreia. Desde então, com o estabelecimento de eleições livres e diretas, as administrações presidenciais se intercalaram entre conservadores e liberais de dois em dois mandatos presidenciais, com exceção do atual presidente conservador Yoon Suk-yeol que sucedeu o liberal Moon Jae-in.

Lee (2021b) explica que a sociedade sul-coreana pode ser dividida em quatro grupos demográficos, a saber: i) idosos, geração que atingiu a maioria durante a Guerra da Coreia e os nascidos no pós-guerra, em rápido crescimento no país; ii) geração da democratização, nascidos na década de 1960 e com notoriedade pelo ativismo durante o processo de democratização do país na década de 1980; iii) geração pós-democratização, a primeira do período democrático sul-coreano; e iv) nova geração, altamente educados e tecnologicamente adaptáveis, com potencial de impulsionar a inovação tecnológica do país. A autora (*ibidem*) ressalta que, apesar dos diferentes pontos de ênfase, as quatro gerações apoiam a democracia sul-coreana.

A transição política para um regime democrático, o anseio de política externa de se tornar um ator com mais responsabilidades internacionais e o aumento da importância econômica do mar para a República da Coreia, proporcionaram à Marinha sul-coreana espaço para estruturar o processo de modernização, como o desenvolvimento de uma força naval oceânica (Bowers,

2019). Para Roehrig (2010, p. 95), a República da Coreia se compromete a desenvolver uma força naval de águas azuis por quatro principais razões, a saber: i) preocupação em relação à RPDC; ii) dependência sul-coreana de exportações e a busca pela proteção de seu comércio marítimo, o que faz o país buscar fornecer sua própria segurança marítima; iii) desafios de segurança global, como pirataria e pesca ilegal, que demandam maior cooperação e capacidade marítima; e iv) ascensão da China e perspectiva de que, em virtude da geografia da região, uma competição regional enfatizaria o componente marítimo.

A presente subseção se concentra em três importantes programas de modernização da Marinha no pós-democracia, em específico para o plano de águas azuis, a saber: o programa *Korean Destroyer Experimental* (KDX); o programa Jang Bogo, de submarinos de ataque; e o programa CVX, de construção do primeiro porta-aviões leve do país.

3.2.1 Contratorpedeiros KDX

A República da Coreia iniciou seu plano de transição de uma força naval de águas verdes, focada na defesa costeira, para uma força naval de águas azuis por meio do programa de construção naval de contratorpedeiros modernos intitulado *Korean Destroyer Experimental* (KDX), que se dividiu em três fases, em que a fase seguinte se revela como uma modernização da fase anterior: i) KDX-I; ii) KDX-II; e KDX-III (Roehrig, 2010, p. 97). Os KDX-I e KDX-II também são chamados de *Destroyer Helicopter* (DDH), enquanto o KDX-III também é chamado de *Destroyer Guided-missile* (DDG). Como destaca a Marinha da República da Coreia (ROKNAVY, 2018, p. 2), os contratorpedeiros, como um componente fundamental da força tarefa marítima, foram configurados para realizarem não apenas missões de guerra antissubmarina (*anti-submarine warfare - ASW*), mas também missões de guerra anti-superfície (*anti-surface warfare – ASuW*) e guerra anti-aérea (*anti-air warfare – AAW*). O quadro 3 apresenta as capacidades das três fases do programa de contratorpedeiros KDX.

Quadro 3 - Fases do Programa de Contratorpedeiros KDX

Fases do Programa	Nomes dos Contratorpedeiros*	Capacidades
KDX-I (DDH-I)	Gwanggaeto O Grande (DDH-971 - líder) Ulchi Moonduk (DDH-972) Yang Manchoon (DDH-973)	3.200 toneladas 135 m de comprimento 220 tripulantes Alcance de 8.300 km 55 km/h / 30 nós (velocidade máxima) Torpedos e mísseis SSM/SAM CIWS
KDX-II	Yi Sun-shin (DDH-975 - líder) Munmu O Grande (DDH-976)	4.400 toneladas 150 m de comprimento

(DDH-II)	Daejo Yeong (DDH-977) Wang Geon (DDH-978) Kang Gam-chan (DDH-979) Choe Young (DDH-981)	230 tripulantes Alcance de 10.200 km 54 km/h / 29 nós (velocidade máxima) Torpedos e mísseis SSM/SAM, SAAM CIWS ASROC
KDX-III (DDG-III)	Lote 1: Sejong O Grande (DDG-991 - líder) Yulgok Yi I (DDG-992) Seoae Ryu Sung-ryong (DDG-993)	7.600 toneladas 166 m de comprimento 300 tripulantes Alcance de 10.200 km 55 km/h / 30 nós (velocidade máxima) Mísseis SSM/SAM, SAAM e ASROC CIWS Radar SPY-1D Sistema de combate Aegis
	Lote 2: Jeongjo O Grande (DDG-995) (DDG-996 e DDG-997 em construção)	8.200 toneladas 170 m de comprimento 300 tripulantes Radar SPY-1D Sistema de sonar integrado K-VLS Sistema de combate Aegis

*Os contratorpedeiros do programa KDX são nomeados em homenagem a personalidades históricas, como reis e heróis de guerra coreanos, que foram determinantes para a superação de crises e salvação da pátria (ROKNavy, 2018, p. 2). Fonte: Elaboração própria, com base no ROKNavy (2018).

A primeira fase do KDX, intitulada KDX-I, produziu três contratorpedeiros de aproximadamente 3.200 toneladas cada um, fabricados pela construtora naval sul-coreana Daewoo Heavy Industries, equipados com armamentos e sensores avançados estrangeiros e com a possibilidade de atuarem sozinhos ou como parte de uma força tarefa (Roehrig, 2010, p. 97). O sistema de gerenciamento de combate a bordo do KDX-I, intitulado SSCS MK-7, foi desenvolvido em meados da década de 1990, de modo comercial, pela inglesa BAE Sema, responsável pela parte de comando e controle, e pela holandesa Signaal (atual Thales), responsável pela parte de controle de armas (Kim, 2005a, p. 180). Kim (2005a, p. 181) argumenta que o sistema SSCS MK-7 recebe informações de sensores de bordo do navio e realiza avaliação de ameaças, priorização de alvos, planejamento de engajamento e lançamento automático, semiautomático ou manual de armas.

O primeiro KDX-I, o ROKS Gwanggaeto O Grande (DDH-971), foi comissionado em 1998; seguido do comissionamento do ROKS Ulchi Moonduk (DDH-972), em 1999, e do ROKS Yang Manchoon (DDH-973), em 2000 (Roehrig, 2010, p. 97). Cada um dos três contratorpedeiros possui 135 metros de comprimento, capacidade para tripulação de cerca de 220 pessoas, velocidade de 55km/h, alcance de 8.300km, capacidade de disparar mísseis

superfície-superfície (*surface-to-surface missile* - SSM) e mísseis superfície-ar (*surface-to-air missile* - SAM) e sistema naval contra míssil anti-navio, morteiros e aeronaves de ataque (*Close-in Weapon System* – CIWS) (ROKNavy, 2018, p. 2). Desde 2016, os três contratorpedeiros do KDX-I passam por um programa de atualização e melhoria de desempenho, intitulado PIP (*Performance Improvement Programme*), em que o sistema de gerenciamento importado SSCS MK-7 é substituído pelo sistema sul-coreano da Hanhwha (Lee, 2021). O ROKS Yang Manchoon foi atualizado em 2020, o ROKS Gwanggaeto O Grande e o ROKS Ulchi Moonduk foram atualizados em 2021 (*ibidem*). Dessa forma, o novo sistema localizado da Hanhwha, por exemplo, aprimora as capacidades de comando e insere um sistema de sonar rebocado⁴⁵ (*Towed Array Sonar System* - TASS) capaz de melhorar o rastreamento e detecção de submarinos hostis, tornando os contratorpedeiros operacionais por mais uma década (*ibidem*).

A segunda fase do KDX, intitulada KDX-II, produziu seis contratorpedeiros de aproximadamente 4.400 toneladas cada um, maiores que o KDX-I, com fabricação intercalada entre as construtoras navais sul-coreanas Daewoo Shipbuilding and Marine Engineering (DSME) e Hyundai Heavy Industries (HHI), 150 metros de comprimento, capacidade para tripulação de cerca de 230 pessoas, velocidade de 54km/h, sistema de míssil antissubmarino (*anti-submarine rocket* - ASROC) e sistema SAAM (*surface-to-air anti-aircraft and anti-missile* – SAAM), além das capacidades de mísseis do KDX-I (ROKNavy, 2018, p. 2). Para os contratorpedeiros KDX-II, o sistema de combate SSCS MK-7 recebeu a função adicional de controlar o lançamento de mísseis de defesa aérea a partir do navio (*Standard Missiles 2* - SM-2) (Kim, 2005a, p. 181).

O primeiro KDX-II, o ROKS Chungmugong Yi Sun-shin (DDH-975), foi comissionado em 2003, seguido pelo ROKS Munmu O Grande (DDH-976) em 2004 e o ROKS Daejo Yeong (DDH-977) em 2005 (ROEHRIG, 2010, p. 98). Em seguida, o ROKS Wang Geon (DDH-978) foi comissionado em 2006, seguido pelo ROKS Kang Gam-chan (DDH-979) em 2007 e o ROKS Choe Young (DDH-981) em 2008. Roehrig (2010, p. 98) ressalta que o ROKS Chungmugong Yi Sun-shin (DDH-975), assim como os demais KDX-II, possui design de casco furtivo para despistar o radar inimigo e que os contratorpedeiros KDX-II podem operar como o principal navio de guerra em uma força-tarefa de combate.

⁴⁵ O sonar rebocado é um sistema formado por “um conjunto de hidrofones rebocados por meio de um cabo, por submarino ou navio, com o objetivo de mantê-los distantes das fontes de ruído próprio da plataforma”, o que torna a detecção, a classificação e o acompanhamento de sinais e ruídos mais eficazes (Aragão, 2021).

A terceira fase do KDX, intitulada KDX-III, produziu, no primeiro lote, três contratorpedeiros de aproximadamente 7.600 toneladas, também com fabricação intercalada entre as construtoras navais sul-coreanas DSME e HHI (ROKNavy, 2018, p. 2). Para o KDX-III, em vez de utilizar ou atualizar o sistema de combate SSCS MK-7, a Marinha da República da Coreia optou pelo uso do sistema Aegis da Marinha dos EUA (Kim, 2005a, p. 181). Roehrig (2010, p. 98) argumenta que a aquisição de sistemas da Marinha dos EUA aumenta a interoperabilidade da Marinhas da República da Coreia e dos EUA, bem como as chances de futura cooperação marítima.

O ROKS King Sejong O Grande (DDG-991), fabricado pela HHI, foi comissionado em 2008, possui radar SPY-1D que possibilita o rastreamento de aproximadamente 900 alvos e o engajamento simultâneo com 17 alvos (Roehrig, 2010, p. 98). O ROKS Yulgok Yi I (DDG-992) foi comissionado em 2010, seguido pelo ROKS Seoae Ryu Sung-ryong (DDG-993) em 2012. Em junho de 2022, a Marinha da República da Coreia lançou o ROKS Jeongjo O Grande (DDG-995), o primeiro contratorpedeiro do segundo lote KDX-III, em cerimônia no estaleiro sul-coreano da HHI, em Ulsan (Arirang, 2022). O objetivo é que o KDX-III sirva como pilar para o sistema de três eixos sul-coreano e possa auxiliar na defesa sul-coreana contra mísseis balísticos norte-coreanos (*ibidem*).

Há uma quarta fase do programa KDX, aprovada pelo governo sul-coreano desde 2018 como um novo plano para desenvolver uma nova classe de contratorpedeiros até o final da década de 2020: o *Korea Destroyer Next Generation* – KDDX (Min, 2020, p. 8). O KDDX terá cerca de 6 mil toneladas (estando entre o KDX-I e o KDX-II), também com capacidade furtiva e deverá ser mais avançado do que os contratorpedeiros KDX-I, KDX-II e KDX-III (Bowers, 2019, p. 104). Dessa forma, o programa de construção de contratorpedeiros KDX figura como um dos elementos de modernização da Marinha da República da Coreia com vistas ao plano de águas azuis. No processo de modernização da força naval sul-coreana, para além do programa de contratorpedeiros, há também o programa de submarinos de ataque que é abordado na subseção a seguir.

3.2.2 Jang Bogo: o programa de submarinos de ataque

Ao passo que a Marinha sul-coreana se debruça na construção de navios maiores e mais equipados, sob a missão de proteção dos direitos marítimos e apoio à política externa do país, um setor chama a atenção: o desenvolvimento do programa de submarinos sul-coreanos. Como afirma Roehrig (2010, p. 102), a esquadra submarina representa a principal fraqueza na Marinha da República da Coreia. Dessa forma, a partir do final da década de 1980, o país buscou

modernizar sua esquadra e desenvolver seu programa de submarinos de ataque (Yu; French, 2020, p. 88).

O programa de submarinos de ataque da Marinha da República da Coreia (KSS) – também conhecido como Jang Bogo – é dividido em três fases que objetiva construir 27 submarinos de ataque no arsenal da Marinha da República da Coreia, de 1993 até 2029 (Gady, 2019). O nome do programa de submarinos é em homenagem a Jang Bogo (787-846), uma importante figura marítima coreana que teve o controle do Mar Amarelo (Tagliacozzo, 2015). Antes do programa Jang Bogo, a Marinha sul-coreana tinha submarinos anões, como as classes SX 756 Dolphin e Dolgorae, de capacidades limitadas em operações costeiras. Dessa forma, com o advento do programa Jang Bogo, a Marinha enfatizou a aquisição de submarinos mais desenvolvidos e de maior alcance. O Quadro 4 apresenta as capacidades das três fases do programa de submarinos Jang Bogo.

Quadro 4 - Fases do Programa de Submarinos Jang Bogo

Fases do Programa	Nomes dos Submarinos*	Capacidades
Jang Bogo-I (KSS-I)	Jang Bogo (SS-061 - líder) Yi Cheon (SS-062) Choi Museon (SS-063) Park Wi (SS-065**) Lee Jong-moo (SS-066) Jung Woon (SS-067) Yi Sun-shin (SS-068) Na Dae-yong (SS-069) Yi Eokgi (SS-071)	1.200 toneladas 56 m de comprimento 40 tripulantes Alcance de 21 mil km 37 km/h (velocidade máxima) Torpedos e minas navais Propulsão diesel-elétrico (convencional)
Jang Bogo-II (KSS-II)	Son Won-yil (SS-072 - líder) Jeong-ji (SS-073) An Jung-geun (SS-075) Kim Jwa-jin (SS-076) Yun Bong-gil (SS-077) Yu Gwan-sun (SS-078) Hong Beom-do (SS-079) Lee Beom-seok (SS-081) Shin Dol-seok (SS-082)	1.800 toneladas 65 m de comprimento 40 tripulantes Alcance de 22 mil km 37km/h (velocidade máxima) Torpedos e minas navais Propulsão AIP
Jang Bogo-III (KSS-III)	Ahn Chang-ho (SS-083 - líder) Ahn Mu (SS-085; em teste) (mais 7 planejados)	3 mil toneladas 82 m de comprimento 50 tripulantes Alcance de 22 mil km 37km/h (velocidade máxima) Propulsão AIP Sistema VLS SLBM

*Em homenagem a históricas figuras marítimas coreanas e personalidades coreanas que contribuíram para a independência nacional. **A Marinha sul-coreana não utiliza o número 04 na identificação de seus ativos.

Fonte: Elaboração própria, com base no ROKNavy (2018).

Na primeira fase, Jang Bogo-I (ou KSS-I), a Marinha adquiriu nove submarinos da classe Jang Bogo de 1.200 toneladas, comissionados anualmente de 1993 a 2001 (Madden, 2018, p. 94). Os submarinos Jang Bogo-I são submarinos de design *Type 209*, da Alemanha, desenvolvidos para a exportação (Madden, 2018, p. 93). O primeiro Jang Bogo-I, SS-061, foi construído pela empresa alemã *Howaldtswerke-Deutsche Werft* (HDW). Sob licença da HDW, os demais submarinos Jang Bogo-I foram construídos na República da Coreia pela empresa sul-coreana DSME (Bitzinger, 2019; NTI, 2022?).

Na segunda fase, Jang Bogo-II (ou KSS-II), a Marinha adquiriu nove submarinos da classe Son Won-il de 1.800 toneladas, comissionados de 2007 a 2018 e construídos na República da Coreia pela DSME e pela HHI (NTI, 2022?). Dessa vez, o modelo de design alemão utilizado foi o *Type 214* da HDW (Madden, 2018, p. 94). Os submarinos Jang Bogo-II possuem propulsão independente do ar (*Air Independent Propulsion - AIP*), o que permite um submarino de propulsão convencional ficar submerso e silencioso por mais tempo, de aproximadamente três semanas (Bitzinger, 2019).

Já na terceira e atual fase, Jang Bogo-III (ou KSS-III), a Marinha subdividiu a aquisição em três lotes sequenciais: i) três submarinos de três mil toneladas; ii) três submarinos de 3.600 toneladas; e iii) três submarinos de quatro mil toneladas, a serem construídos até 2029 (Okuno, 2020b; Jung, 2020). Para Bitzinger (2019), a aquisição de submarinos com mais de três mil toneladas sinaliza que a Marinha sul-coreana pode utilizá-los em operações de longas distâncias em águas oceânicas. Além de sistema de propulsão AIP, os submarinos Jang Bogo-III possuem (ou são previstos) um sistema lançamento vertical (*Vertical Launching System - VLS*) de seis tubos para mísseis de cruzeiro e balísticos (Bitzinger, 2019).

O Dosan Ahn Chang-ho é o navio líder do primeiro lote da terceira fase, foi construído pela DSME e comissionado pela Marinha em 2021 (NTI, 2022?). O Dosan Ahn Chang-ho possui capacidade de lançamento de mísseis balísticos (*submarine-launched ballistic missile - SLBM*) e utiliza tecnologia local, reforçando as capacidades de defesa subaquática do país. Dessa forma, a República da Coreia vem alcançando o patamar de um país que pode operar submarinos construídos localmente e com capacidade de implantação de SLBMs. É importante notar que a primeira fase do Jang Bogo-III pode ser vista como uma espécie de esboço para a construção de submarinos de propulsão nuclear de 4.000 toneladas (Jung, 2020).

Há o debate acerca da construção de submarinos de propulsão nuclear, a fim de compensar a assimetria militar, as ameaças SLBM e capacidades subaquáticas da RPDC. Entretanto, faz-se necessária a revisão do acordo de cooperação nuclear pacífica entre EUA e República da Coreia, o qual proíbe o uso do urânio enriquecido para fins militares. A crítica

gira em torno de se os submarinos seriam adequados para a área restrita de operações no entorno da península, além dos custos políticos e financeiros. Dessa forma, os críticos alegam que a alternativa poderia ser o desenvolvimento da capacidade de guerra antissubmarino e investimento em novas tecnologias, como drones e inteligência artificial.

A República da Coreia observa a necessidade de adquirir submarinos nucleares para compensar a assimetria militar e as ameaças da RPDC, sobretudo durante o mandato presidencial de Moon Jae-in (Yu; French, 2020). Entretanto, há críticas aos anseios da Marinha, como: a) o debate se os submarinos nucleares seriam adequados para as operações no entorno da península coreana; e b) os custos políticos e financeiros de tal desenvolvimento. Como bem ressalta Moura (2012):

A Marinha da RPDC é costeira e voltada para defesa do litoral, podendo realizar incursões anfíbias e conta com meios rápidos de ação tal que podem operar na costa do Japão. Conta com duas esquadras, uma em cada litoral, e com grande número de navios pequenos (navios patrulha, torpedeiras, lanchas lança mísseis, etc), 70 submarinos (vários obsoletos), incluindo submarinos de bolso, grande número de navios de desembarque pequenos, cerca de 30 navios varredores e duas brigadas de peritos atiradores (“snipers”) (Moura, 2012, p. 465; Republic of Korea, 2008, p. 33 item B).

Além disso, Moura (2012, p. 465) observa a possibilidade tecnológica da República da Coreia em desenvolver um submarino de propulsão nuclear. Ao todo, o plano de Defesa e as estratégias até então adotadas revelam que a República da Coreia continua comprometida com a aparência, o status e o desenvolvimento da Marinha sul-coreana. Assim, é possível notar a ênfase em uma marinha que solucione questões táticas, específicas à RPDC, bem como atue na esfera de uma força naval oceânica respeitável, omnidirecional.

Hahm (2015) defende uma forte liderança política sul-coreana que apoie a aquisição de submarino de propulsão nuclear para a Marinha da República da Coreia, a fim de manter uma postura firme contra a ameaça nuclear norte-coreana em virtude do desenvolvimento de suas capacidades nucleares. O autor ressalta que a República da Coreia buscava a construção de três submarinos de propulsão nuclear sob o projeto “362” e, em 2004, criou o Grupo de Projetos de Submarinos Nucleares no Quartel-General Naval para pesquisar acerca dos métodos de aquisição. Entretanto, segundo Hahm, tal anseio foi suspenso devido a empecilhos como problemas com o teste de enriquecimento de urânio no Instituto de Pesquisa de Energia Atômica da Coreia (2015, p. 26).

Yu e French (2020) elencam alguns riscos para um programa de submarinos de propulsão nuclear sul-coreano, como: i) uma resposta chinesa⁴⁶ sensível ao ver um aliado estadunidense vizinho fortalecendo as capacidades militares (2020, p. 88-89); e ii) o alto custo de aproximadamente 2,5 bilhões de dólares para a aquisição de um submarino nuclear da classe Virgínia, se comparado a outros ativos importantes para a República da Coreia, como um contratorpedeiro KDX-III Sejong o Grande de aproximadamente 923 milhões de dólares ou um submarino Jang Bogo-III de aproximadamente 900 milhões de dólares (2020, p. 93).

Em todo caso, o debate acerca de uma “República da Coreia nuclear” retoma de tempos em tempos. Na hipótese de o país buscar efetivamente desenvolver o seu programa de submarinos de propulsão nuclear, o primeiro passo deve ser revisar o acordo de cooperação nuclear pacífica com os EUA, assim como, em 2021, a República da Coreia reviu com os EUA o acordo das diretrizes mísseis de 1979 para retomar a “soberania dos programas de mísseis” e estender o alcance e o desenvolvimento de mísseis balísticos sul-coreanos (Okuno, 2021a, p. 12). Para além do programa de contratorpedeiros KDX e de submarinos Jang Bogo, outro programa figura como elemento-chave no processo de modernização naval sul-coreana: o do porta-aviões CVX, analisado na subseção a seguir.

3.2.3 A introdução do porta-aviões CVX

Um porta-aviões é um ativo marítimo ofensivo que simboliza a robustez militar de um país e a capacidade de projetar força no mar em longas distâncias. Ban (2021, p. 55-56) destaca cinco funções desenvolvidas por um porta-aviões, a saber: capacidade de poder aéreo, para além das plataformas de superfície; integração operacional, por concentrar todas as plataformas em um grupo de ação de porta-aviões (*Carrier Strike Group* - CSG); projeção de poder no mar, indo além da projeção de energia limitada de outros ativos; sustentabilidade operacional, por possibilitar operações marítimas com navios de apoio e navios de combate; e alcance de longas distâncias, do porta-aviões e do alcance operacional estendido das aeronaves.

Em virtude das funções que os porta-aviões desempenham no domínio marítimo, grandes potências do Nordeste Asiático buscam desenvolver e modernizar seus porta-aviões, como a China – que comissionou o primeiro porta-aviões, *Liaoning*, em 2012 e o segundo, *Shandong*, em 2019, almejando um equilíbrio de poder com os EUA – e o Japão – que remodelou seus porta-helicópteros da classe *Izumo* em porta-aviões para operarem caças F-35B, a fim de

⁴⁶ Cabe lembrar a própria reação chinesa à cooperação entre República da Coreia e EUA no tocante à implantação do THAAD, em 2017, culminando em coerções econômicas veladas contra a República da Coreia e queda no turismo chinês em território sul-coreano.

contrabalancear a crescente ameaça offshore da China (Ban, 2021, p. 44). Segundo Ban (2021, p. 45), o programa de porta-aviões sul-coreano segue a lógica de “equilíbrio funcional no mar”, em que a República da Coreia visa preservar os interesses marítimos que possui, manter a política de potência média e adotar uma política minimalista – por não ter a intenção de desafiar a hegemonia dos EUA ou confrontar a China. Dessa forma, no contexto em que os países vizinhos continuam reforçando suas capacidades militares e aumentando as aquisições navais, a República da Coreia busca preservar seus interesses marítimos e precisa acompanhar tal desenvolvimento.

Os dois maiores navios de guerra da República da Coreia são os navios de assalto anfíbios⁴⁷ da classe Dokdo, de 14.500 toneladas cada um: o ROKS Dokdo (LPH-6111) e o ROKS Marado (LPH-6112), construídos sob o programa *Landing Platform eXperimental* (LPX, antigo *Landing Platform Helicopter* - LPH). Os navios de assalto anfíbios transportam forças de desembarque para a Área de Objetivo Anfíbio (AOA) – que corresponde a uma área geográfica para a condução de operações marítimas, aéreas e terrestres de acordo com os objetivos definidos pela força anfíbia –, além de serem implantados no exterior para a realização de missões de Assistência Humanitária e Resposta a Desastres (HA/DR), alinhadas à política externa (ROKNavy, 2018, p. 5). Como continuação do programa LPX, a Marinha da República da Coreia iniciou o programa *Landing Platform eXperimental II* (LPX-II), posteriormente substituído pelo programa de porta-aviões leve CVX – o primeiro programa de porta-aviões da Marinha da República da Coreia.

Para Ban (2021, p. 59), a República da Coreia busca ter a capacidade de operar um porta-aviões, todavia um porta-aviões leve, com deslocamento de aproximadamente 30 mil toneladas, respeitando-se a lógica do “equilíbrio funcional no mar” e sem buscar a ambição chinesa de diversos porta-aviões completos de médio porte. Segundo o autor, a República da Coreia visa um porta-aviões para operar caças de decolagem curta e pouso vertical (*Short Take Off and Vertical Landing* - STOVL), como o F-35B.

O CVX visa funcionar como uma base militar móvel com potencial de lançamento de ataques em situações emergenciais e integra o processo de desenvolvimento de uma marinha de águas azuis sul-coreana, ao lado dos contratorpedeiros da classe Sejong O Grande (KDX-III), Chungmugong Yi Sun-shin e Gwanggaeto O Grande, das fragatas de classe Incheon e dos submarinos Tipo 214 (Okuno, 2021). A figura 17 ilustra o projeto artístico do CVX.

⁴⁷ Como navios de assalto anfíbios, para além da classe Dokdo, a Marinha da República da Coreia possui embarcações de desembarque de alta velocidade (*Landing Ship Fast-II* – LSF-II) e navios de desembarque de tanques (*Landing Ship Tank* - LST e LST-II) (ROKNavy, 2018, p. 5).

Figura 17 - Projeto do porta-aviões leve CVX



Fonte: LEE, 2021.

O CVX foi apresentado em fevereiro de 2021, com o custo de construção de cerca de 2 bilhões de dólares e 45 milhões de dólares por ano para a manutenção, bem como previsão de lançamento de operações para 2033 (Lee, 2022a). Durante a Exposição Internacional da Indústria de Defesa Marítima (*International Maritime Defense Industry Exhibition - MADEX*) de 2021, na cidade sul-coreana de Busan, a Hyundai Heavy Industries (HHI) e a Daewoo Shipbuilding and Marine Engineering (DSME) apresentaram suas concepções de projeto de design do CVX. A proposta de design da HHI contempla as capacidades técnicas de deslocamento de 30 mil toneladas, 270 metros de comprimento, duas ilhas gêmeas, acomodação de oito helicópteros de operações marítimas, 20 caças F-35B, sistema de lançamento vertical e sistema *Close in Weapon System* (CIWS) para defesa de ponto (Seo, 2021). Em 2021, a HHI assinou um memorando de entendimento com a empresa aeroespacial e de defesa inglesa Babcock International Group, visando a colaboração, e a experiência da empresa na Aircraft Carrier Alliance – consórcio que construiu os porta-aviões da classe Queen Elizabeth, da Marinha Real (Babcock, 2021).

A proposta da DSME, por sua vez, contempla um deslocamento de 45 mil toneladas, 263 metros de comprimento, 16 caças F-35B, seis helicópteros de médio porte, duas ilhas gêmeas (Hoon, 2021). A DSME assinou um contrato de prestação de serviços de apoio com a construtora naval italiana Fincantieri para o design conceitual do projeto CVX, visando adquirir dados técnicos, experiência e o projeto da DSME ser similar ao porta-aviões Trieste. Para o almirante italiano Dario Giacomini (2021), o apoio do estaleiro italiano ao estaleiro sul-coreano

da DSME se deve ao fato de a Fincantieri já ter construído três porta-aviões leves, como o Garibaldi, Cavour e Trieste, em que este último também opera como um navio anfíbio.

O debate no âmbito doméstico sul-coreano acerca da necessidade de um porta-aviões não é pacífico. Os críticos questionam o alto custo e a real necessidade de se ter um porta-aviões, além das alegações de ser um exagero para lidar com a RPDC, de ser insuficiente para deter China ou Japão e de que a aliança militar com os EUA poderia suprir uma eventual necessidade de uso. A Marinha sul-coreana ressalta a necessidade e a construção nativa, além de ver o CVX como carro-chefe da Marinha sul-coreana e peça-chave para uma força naval oceânica. O debate também contempla as diferentes visões das recentes administrações presidenciais da República da Coreia. Enquanto o governo de Moon Jae-in (2017-2022) buscou a autonomia sul-coreana em detrimento dos ativos estadunidenses e iniciou as bases para o projeto CVX, o governo de Yoon Suk-yeol (2022-presente) visa melhorar as relações com o Japão e estreitar a aliança com os EUA, o que poderia implicar na superfluidade de um porta-aviões sul-coreano, acarretando a visão de que os EUA poderiam fornecer o que é necessário.

Apesar das críticas, o Ministério da Defesa Nacional da República da Coreia seguiu com o programa. A Marinha realizou campanhas de relações públicas para angariar o apoio do público e da Assembleia Nacional em prol da utilidade do programa. O financiamento de 6,1 milhões de dólares para o programa foi aprovado em 2021. Durante o 133º Comitê de Promoção de Projetos de Defesa, em 2021, o Ministério da Defesa Nacional e a Administração do Programa de Aquisição de Defesa (DAPA) deliberaram acerca da estratégia de promoção do projeto CVX. Entretanto, os fundos para o porta-aviões leve CVX foram retirados do orçamento de defesa para 2023, devido a reavaliações dos principais ativos do CVX, como o uso de caças F35-B.

Assim como o projeto do navio de assalto anfíbio ROKS Marado (LPH-6112) – que foi inicialmente planejado para entrar em serviço em 2010, mas teve o orçamento cancelado devido à recessão econômica de 2008, e apenas em 2012 o orçamento foi restabelecido em virtude do aumento das tensões regionais, para então começar a ser construído em 2016 e comissionado em 2021 – respeitando-se as proporções, o debate do orçamento para o CVX pode ser retomado futuramente. Esta retomada pode ocorrer especialmente em meio às correções do projeto ao longo do mandato presidencial de Yoon Suk-yeol, ao aumento das tensões no domínio marítimo que evoquem a imprescindibilidade do porta-aviões CVX, ou em meio às próximas eleições presidenciais – haja vista o mandato presidencial na República da Coreia ser fixado em cinco anos, sem possibilidade de reeleição, o que pode trazer candidatos presidenciais favoráveis ao plano de águas azuis.

Para a República da Coreia, construir um porta-aviões serve para proteger as linhas de comunicação sul-coreanas, dissuadir a RPDC em tempo de guerra, atuar em operações de ajuda humanitária e funciona como uma força combinada da Marinha, Exército e Força Aérea operando em uma mesma plataforma. Além disso, um porta-aviões impulsiona as capacidades da Marinha sul-coreana frente a potências na região que demonstraram atenção pelos porta-aviões e corrobora os esforços sul-coreanos para a retomada do OPCON em tempo de guerra. Como ressaltam Catellier e Garlauskas (2022, p. 10), mesmo que custoso, ambicioso e ineficiente para lidar com a RPDC, um programa de porta-aviões leve sul-coreano pode valer o investimento para desenvolver a capacidade da República da Coreia de operar a níveis regional e global, incorporando tecnologias que permitam uma maior atuação da Marinha sul-coreana junto a forças-tarefa multinacionais.

3.3 A 4ª Revolução Industrial e o arsenal sul-coreano

A 4ª Revolução Industrial, também chamada de Indústria 4.0, surgiu na década de 2010 como um novo paradigma que trouxe tecnologias digitais, como inteligência artificial, big data, IoT, 5G, realidade virtual, robótica, aprendizagem de máquinas, impressão 3D, entre outras. Três importantes transformações precederam a nova era de mudanças tecnológicas, a saber: i) a mecanização, desde o final do século XVIII, com instalações mecânicas usando água a vapor; ii) a industrialização, no início do século XX, possibilitando a produção em massa; e iii) a informatização, a partir dos anos 1970, impulsionada por computadores e pelo advento da Internet (PCFIR, 2017; Schwab, 2016). Atualmente, alguns países fomentam o conceito da 4ª Revolução Industrial nas políticas de inovação do governo, buscando criar estratégias e planejamento para se adaptarem ao novo paradigma industrial e tecnológico, a fim de manter ou aprimorar a competitividade de suas indústrias. Em 2017, a República da Coreia estabeleceu o Plano para a 4ª Revolução Industrial, a fim de estimular o crescimento inovador do país; lançou o Comitê Presidencial da 4ª Revolução Industrial, composto por civis e funcionários públicos para o debate de políticas governamentais sobre a nova era; e desenvolveu a marca I-Korea 4.0, em que enfatiza aspectos de inteligência, inovação, inclusão e interação (Okuno, 2020c).

Para Park Dong-sun (2020), a 4ª Revolução Industrial surge como um paradigma transformador que determina o futuro da competitividade nacional por meio da inteligência e da convergência, demandando novas mudanças e desafios na área de Defesa. Lee e Jang (2019) destacam que o setor de Defesa requer constante mudança e inovação; que, historicamente, o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia também influenciou mudanças na guerra e no

resultado da guerra; e que é preciso estar preparado para as próximas mudanças e refletir sobre as mudanças necessárias para a Marinha, afirmando que a 4ª Revolução Industrial pode ser determinante para a ascensão e a queda de um país. Park Gang-soo et al. (2020) argumentam que o contínuo aprimoramento de poder de fogo e o alcance de mísseis e submarinos da RPDC, exigem que a Marinha sul-coreana detecte as ameaças mais cedo e responda mais rapidamente. Além disso, os autores ressaltam a redução de mão de obra e do alistamento de jovens sul-coreanos.

Visando o preparo do poder naval sul-coreano em meio às mudanças no futuro ambiente de segurança e da guerra, a Marinha da República da Coreia criou o plano *ROK Navy Vision 2045*⁴⁸ - com a “SMART Navy” como elemento central -, de modo a apoiar a política doméstica para o fortalecimento do poder naval sul-coreano e o plano de águas azuis do país (Park Dong-sun, 2020, p. 7; ROKNavy, 2020). A “SMART Navy” é a abreviação de “*Strong Maritime Forces Accomplished with Revolutionary Technology*”, ou seja, trata-se de apoiar o poder naval sul-coreano com base em tecnologias de ponta da 4ª Revolução Industrial, para além da mera tradução do termo “inteligente” (*Ibidem*). Lee e Jang (2019) ressaltam que a SMART Navy aplica as principais tecnologias da 4ª Revolução Industrial – como inteligência artificial, big data e tecnologia de comunicação móvel de alta velocidade – a diversas áreas para a operação de energia naval. Dessa forma, Lee e Jang (2019) e Park Dong-sun (2020, p. 8) explicam que SMART Navy significa o conjunto: “navio de guerra SMART, operações SMART e cooperação SMART”.

Para um navio de guerra SMART, com capacidade de defesa aprimorada e menos recursos humanos, Park Dong-sun (2020, p. 8) considera a adoção de iniciativas tais quais: i) maximização do poder de combate por meio de sistemas marítimos não tripulados (USV, UAV, UUV)⁴⁹, visando “operação combinada de forças tripuladas e não tripuladas e guerra de sacrifício mínimo que enfatiza a vida humana”; ii) operações militares de economia de força a partir de um sistema integrado de navios, em que o estabelecimento de um ambiente de computação total do navio (*Total Ship Computing Environment* – TSCE) permite a integração de “funções de combate, funções de navegação/comunicação e funções de controle de motor/danos” em um sistema único a bordo do navio; iii) estabelecimento de um sistema automático de armazenamento de munição para navios, capaz de identificar, carregar e

⁴⁸ Ano em que a Marinha da República da Coreia completa 100 anos de existência.

⁴⁹ Veículos de Superfície Não Tripulados (USV – *Unmanned Surface Vehicles*); Veículos Aéreos Não Tripulados (*Unmanned Aerial Vehicles* - UAV); e Veículos Subaquáticos Não Tripulados (*Unmanned Underwater Vehicles* - UUV).

descarregar automaticamente a munição, a fim de dar suporte ao disparo rápido de tiro; iv) implementação de uma rede sem fio para o compartilhamento instantâneo de informações entre navios e unidades terrestres e aprimoramento da eficiência de gerenciamento de pessoal/equipamentos a bordo.

Como ressaltam Park Gang-soo et al. (2020, p. 69), o TSCE é baseado em Arquitetura Aberta (*Open Architecture - OA*), ou seja, em estrutura que permite adicionar, trocar e melhorar a arquitetura de software ou computadores. Segundo os autores, a Marinha sul-coreana realiza pesquisas acerca do método de integração de sistemas de navios, buscando reduzir o número de tripulantes, aumentar a operacionalidade e melhorar o desempenho de combate necessário no futuro. Park Gang-soo et al. (2020, p. 69) observam o desenvolvimento doméstico sul-coreano dos principais sistemas de armas e equipamentos de detecção e rastreamento para a integração do sistema do navio com base no ambiente de computação como um avanço, em comparação aos sistemas de armas e de combate de navio adquiridos do exterior anteriormente, cuja a integração de sistemas enfatizava apenas os sistemas de combate. Inclusive, a Marinha sul-coreana vem instalando um sistema de combate desenvolvido nacionalmente nos novos navios após o LPX, todavia o nível de integração do sistema de navio é baixo em comparação com outros países avançados, com os EUA, que já operam uma alta integração geral do sistema de navios no contratorpedeiro Zumwalt (DDG-1000) (Park Gang-soo, 2020, p. 70).

Ao lado do navio de guerra SMART, está o segundo elemento da SMART Navy: as operações SMART. Para operações SMART, Park Dong-sun (2020, p. 9) resalta iniciativas como sistema de vigilância subaquática orientado para o porto/costa, a fim de ampliar a capacidade de vigilância de área, fortalecer o domínio marítimo e transpor os limites de alcance de vigilância do radar terrestre; aprimoramento da capacidade de comando e controle a partir de um sistema de tomada de decisão inteligente, que reduza os erros advindos de fatores humanos entre a detecção do alvo e a identificação no radar; criação de um sistema de processamento de alvos a partir do uso de inteligência artificial e big data; estabelecimento de um sistema integrado de treinamento tático naval baseado em simulação LVC (*Live, Virtual, and Constructive*), visando potencializar o poder de combate a partir de um sistema de ensino e treinamento que use tecnologia de ponta; e estabelecimento de um sistema de ensino e treinamento baseado em realidade virtual/realidade aumentada (*Virtual Reality/Augmented Reality - VR/AR*) para aprimorar as capacidades de aprendizado e habilidades com equipamentos mais custosos.

Por fim, para uma cooperação SMART, Park Dong-sun (2020, p. 9) destaca iniciativas como a adoção de um sistema internacional de compartilhamento de informações marítimas e

operações militares combinadas. Lee e Jang (2019) argumentam que a cooperação SMART significa fortalecer a capacidade de resposta a ameaças não militares e proteção da soberania marítima, a partir de um sistema cooperativo entre países e organizações nacionais e internacionais. Os autores (*ibidem*) exemplificam com o caso das operações de proteção de rotas de tráfego marítimo que a Marinha sul-coreana realiza com a unidade naval Cheonghae, a fim de proteger a vida e a propriedade dos sul-coreanos no exterior. A unidade naval Cheonghae é abordada na seção 4.3 desta dissertação.

O objetivo final da SMART Navy é melhorar a eficiência para responder às ameaças de defesa e segurança, bem como preparar a Marinha para o futuro da guerra. Lee e Jang (2019) reconhecem a SMART Navy como um novo marco para o avanço da Marinha sul-coreana na era da 4ª Revolução Industrial. Koo (2020, p. 8) também ressalta que o *ROK Navy Vision 2045* e a SMART clamam pelo resgate da identidade sul-coreana como uma nação marítima, que visa se tornar uma marinha de águas azuis plena em 2045, ano do centenário da força naval sul-coreana.

4 RUMO ÀS ÁGUAS AZUIS?

A República da Coreia alcançou um notável patamar em Defesa em cerca de cinquenta anos, a partir de uma postura equilibrada entre a aliança com os EUA e o anseio pela defesa autossuficiente. A busca por uma Marinha de águas azuis, com capacidade naval de longo alcance, também visa contribuir para a segurança marítima. Nesse sentido, este capítulo analisa o desenvolvimento da indústria de defesa sul-coreana e a evolução do setor de construção naval nacional da República da Coreia como partes do plano para uma “Coreia Global”, a contribuição da unidade naval Cheonghae no combate à pirataria marítima e a atuação do complexo civil-militar de Jeju. Por fim, este capítulo traz lições do caso sul-coreano para a Marinha do Brasil.

4.1 Defesa e construção naval como partes da “Coreia Global”

A presente seção analisa o desenvolvimento da indústria de defesa sul-coreana, passando por pontos centrais de seu surgimento na década de 1970 – vista com a função de apoio à segurança nacional sul-coreana – até a contemporaneidade, fase em que a República da Coreia se tornou um importante ator no mercado global de Defesa. Além disso, esta seção destaca o setor de construção naval sul-coreano e analisa a indústria de defesa e o setor de construção naval da República da Coreia como partes integrantes da “Coreia Global”, plano de maior projeção e inserção internacional do país.

A indústria de Defesa da República da Coreia foi impulsionada pela ambição sul-coreana em reduzir a dependência de ativos militares fornecidos pelos EUA e pela incerteza na garantia estadunidense de proteção ao país asiático. Em meio à Doutrina Nixon de redução da presença militar estadunidense na Ásia, em 1969, e à adoção norte-coreana da ideologia estatal Juche de autodefesa, autodependência em assuntos econômicos e autoconfiança na política (Woo, 2010, p. 228), a República da Coreia, sob a administração presidencial de Park Chung-hee (1963-1979), buscou o caminho da “defesa nacional autossuficiente”, intitulado *jaju gukbang* na literatura coreana (Kwon, 2016).

A partir da década de 1970, com Park Chung-hee, a República da Coreia passou por reformas militares, somadas aos esforços de desenvolvimento econômico e industrialização nacional, como a ênfase nas indústrias químicas, de construção naval civil e militar e de alta tecnologia. Primeiramente, em agosto de 1970, criou-se a Agência para o Desenvolvimento da Defesa (ADD), a fim de fomentar pesquisa e desenvolvimento (P&D) e testes com armas, adquirir tecnologias militares estrangeiras e realizar tarefas relacionadas ao desenvolvimento de produtos militares (MUCH, 2022). Todavia, a falta de tecnologia, capital e mão de obra

especializada para a produção se revelaram como impasses, resultando na estratégia sul-coreana de desmontagem e cópia de componentes de antigas armas dos EUA por meio da engenharia reversa (MUCH, 2022). Em seguida, em 1974, ocorreu o lançamento do Plano Yulgok, com o objetivo de estabelecer as estratégias militares da República da Coreia e resgatar a visão de prontidão de combate de Yulgok Yi I⁵⁰, um dos mais proeminentes estadistas e ministros da Defesa da era Joseon (MUCH, 2022).

Com Planos Quinquenais, de 1962 a 1996, a República da Coreia fomentou políticas de desenvolvimento econômico no país, sobretudo oferecendo subsídios para a modernização das indústrias sul-coreanas. Sob Park Chung-hee (1963-1979), destaca-se a mudança da política de industrialização por substituição de importações para a política de industrialização orientada para a exportação, fomentando a estratégia de indústria exportadora (Koo Yangmi, 2013). Setores como aço, metais não ferrosos, máquinas, eletrônica, construção naval e engenharia química foram escolhidos como estratégicos, com leis de promoção industrial seletiva – como a Lei de Promoção da Indústria de Construção Naval (*ibidem*). Outro importante marco ocorreu a partir da década de 1990, com a reestruturação industrial baseada na economia de mercado (Koo Yangmi, 2013), bem como a ênfase em pequenas e médias empresas e em P&D nas indústrias.

A República da Coreia passou por uma série de modernizações em defesa e busca pela produção nacional nas décadas de 1980, 1990 e 2000, como: i) o Plano 818, em 1988, com vistas à redução da dependência militar sul-coreana dos EUA e à “coreanização da defesa coreana” (Han, 2006, p. 114); ii) a criação do Comitê para a Promoção da Reforma da Defesa e o Plano Quinquenal de Reforma da Defesa, em 1998 (Han, 2006, p. 115); e iii) a elaboração da Reforma da Defesa 2020, com vistas ao aumento da capacidade de defesa militar e uso de tecnologias mais avançadas, em 2005, bem como a criação da Administração do Programa de Aquisição de Defesa (DAPA) para gerenciar projetos de aquisição de defesa e aumentar a eficiência do processo, em 2006 (Han, 2006, p. 127).

Como ressalta Bitzinger (1995, p. 234), a República da Coreia iniciou sua indústria de defesa com quase nenhuma produção de armas no início da década de 1970 e chegou a meados

⁵⁰ No século XVI, Yulgok Yi I - atento à segurança e defesa nacional, e em meio à ascensão de Toyotomi Hideyoshi ao poder no Japão - acreditava que a nação coreana precisava passar por transformações para sobreviver e propôs reformas no setor de defesa nacional, como a proteção das fronteiras coreanas e o treinamento de militares para uma eventual emergência nacional (Korean Spirit & Culture, 2014, p. 125-157). Yulgok previu falhas na defesa nacional coreana, mas suas propostas foram criticadas e não adotadas, somado à época à não priorização das capacidades de defesa (Woo, 2010, p. 166). Em 1592, a Coreia começou a ser reiteradamente invadida pelo Japão, período chamado de Guerra Imjin (1592-1598) e no qual a atuação do almirante coreano Yi Sun-shin foi decisiva para combater as incursões japonesas e manter a unidade nacional da Coreia (Jho, 1970).

dos anos 1990 com uma extensa base industrial de defesa. A indústria de defesa da República da Coreia – que inicialmente produzia cópias de armas estrangeiras para atender à demanda militar doméstica – reestruturou e desenvolveu sua capacidade nacional de produção para atingir o mercado de exportação, fomentar tecnologia nacional e passou a lidar com sistemas mais sofisticados e avançados.

Imbuído pelo processo de redemocratização, pela ambição de se tornar membro legítimo e soberano da comunidade internacional e pela melhoria de sua imagem e status global, o país assumiu a identidade de potência média como projeto de marca nacional (Ayhan, 2019, p. 3 11). Em seguida, o surgimento do plano “Coreia Global” como uma estratégia de projeção de poder permitiu o país estar presente em outras regiões do mundo e disputar a liderança global de áreas como a construção e reparação naval.

No tocante ao setor de construção e reparação naval, a HHI é uma das construtoras navais da República da Coreia que fabrica navios de guerra para a Marinha sul-coreana, contribuindo para a modernização da esquadra sul-coreana, e figura como uma das maiores empresas de construção naval do mundo. Com sede em Ulsan, a HHI já construiu cerca de 80 navios de guerra, incluindo os contratorpedeiros KDX-III da classe Sejong O Grande, de 7.600 toneladas, destinados à Marinha sul-coreana (Okuno, 2020a). Dentre as fabricações internacionais, a HHI se destaca pela construção do navio-tanque neozelandês AOTEAROA de 26 mil toneladas, o maior navio operado pela Marinha da Nova Zelândia e que, comissionado em 2020, servirá como navio de reabastecimento de combustível da Marinha neozelandesa na Antártica (*ibidem*; NZDF, 2020).

Atualmente, a República da Coreia figura como o oitavo maior exportador do mundo no setor de defesa, responsável por 2,8% das vendas internacionais entre 2017 e 2021 e tendo Filipinas, Indonésia e Reino Unido como principais destinatários (SIPRI, 2022). Também entre 2017 e 2021, as exportações sul-coreanas em Defesa foram 177% maiores do que o período de 2012 a 2016 (*ibidem*). Além disso, dentre as cem maiores empresas de defesa mundiais, o país é representado por quatro, sendo estas: Hanwha Aerospace Co. (50^a), Korea Aerospace Industries (63^a), LIG Nex1 Co. (73^a) e Hanwha Corp. (85^a) (SIPRI, 2021), refletindo o desempenho progressivo de sua indústria de defesa observado pela indústria de defesa global.

Um dos principais objetivos da política de defesa sul-coreana é enfatizar a indústria de defesa como “indústria estratégica nacional de alta tecnologia” (MND, 2023?), de forma a apoiar as exportações de defesa em meio à competitividade global. Para isto, o Ministério da Defesa sul-coreano estimou cinco principais iniciativas, a saber: reforçar o sistema de apoio à exportação de defesa, aumentar a cooperação da indústria de defesa via Acordo de Aquisição

Mútua de Defesa Coreia-EUA, expandir a cooperação na área de Ciência e Tecnologia de Defesa com os EUA, fomentar P&D para ajudar a competitividade tecnológica das empresas nacionais de defesa e desenvolver sistemas de apoio às exportações da indústria de defesa sul-coreana (*ibidem*).

Para Moreira (2018, p. 306), o futuro de uma Marinha, dentre diversos fatores, depende estruturalmente da base industrial de defesa e da capacidade científico-tecnológica nacional, bem como do pensamento político-estratégico nacional, de P&D e da mentalidade marítima do país. Em especial, a administração presidencial de Moon Jae-in (2017-2022) chama a atenção para esse conjunto de fatores. Ao longo do mandato Moon, o país iniciou a Reforma de Defesa 2.0, uma atualização da Reforma de Defesa 2020, que busca modernizar suas forças armadas com ferramentas da 4ª Revolução Industrial, impulsionar a indústria de defesa sul-coreana e diminuir a dependência de tecnologia de defesa estrangeira (MND, 2020, p. 53-58; Kwon, 2021, p. 31). Além disso, em 2020, o Ministério da Defesa Nacional investiu cerca de 37 milhões de dólares para a criação de um cluster de inovação da indústria de defesa, na cidade de Changwon, fomentando a participação de pequenas empresas sul-coreanas na produção localizada e a redução da importação de sistemas e componentes (SCK, 2021).

Apesar da ênfase nos poderes terrestre e aéreo, a atual administração presidencial de Yoon Suk-yeol mostra dar continuidade e ampliar algumas diretrizes do governo de Moon. Sob Yoon, o governo sul-coreano busca avançar no ranking dos maiores exportadores de defesa do mundo. Ressalta-se que o Plano de Defesa de Médio Prazo 2022-2026 anunciou gastos de 271,5 bilhões de dólares, em face do aumento da ameaça nuclear norte-coreana e do desenvolvimento militar de países na região. De modo a continuar a Reforma da Defesa 2.0, o Plano se destina a operações militares, modernização das forças, P&D e aquisições, enfatizando-se tecnologias, produtos e indústrias locais (Bin, 2021). O aumento das capacidades navais sul-coreanas, investimentos em Defesa – sobretudo no Poder Naval – possibilitam o país a ampliar sua atuação no cenário internacional, como o caso da unidade naval Cheonghae e o combate à pirataria, sob a CTF-151.

4.2 Cheonghae e o combate à pirataria

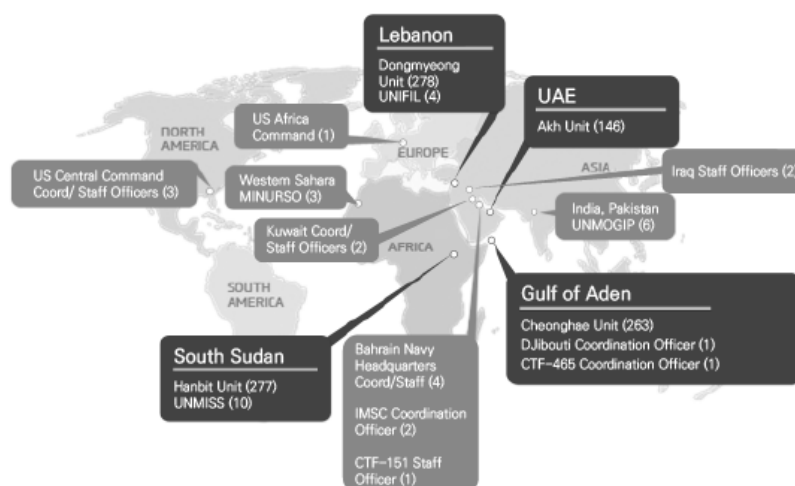
A presente subseção analisa a atuação da unidade naval sul-coreana Cheonghae, implantada no Golfo de Áden, sob a CTF-151, e sua contribuição para o combate à pirataria na região da costa somali junto a outras Marinhas amigas. Como destaca Hszieh et al. (2012, p. 12), as coalizões no mar não são uma novidade, todavia a globalização fez com que muitos países se unissem em prol da manutenção da segurança e da estabilidade do domínio marítimo.

Assim, a globalização influencia no domínio marítimo, haja vista acontecimentos em uma parte do mundo poderem impactar com rapidez pessoas e sociedades em todo o mundo (*Ibidem*).

É comum representantes governamentais sul-coreanos enfatizarem que a República da Coreia evoluiu de um país receptor de ajuda – que emergiu das cinzas da Guerra da Coreia (1950-1953) com a ajuda da comunidade internacional, entrada de capital estrangeiro e desenvolvimento de políticas econômicas nacionais a partir dos anos 1960 – para um país doador. Além de contribuir com Assistência Oficial ao Desenvolvimento (*Official Development Assistance* - ODA) a 27 países parceiros, sobretudo na Ásia e na África e priorizando as áreas da saúde, infraestrutura e ciência e tecnologia (OECD, 2022), a República da Coreia também atua em operações internacionais de manutenção da paz. A primeira atuação do país foi em 1993, na Somália, com o envio da unidade Sangnoksu, como parte da UNOSOM II (*United Nations Operation in Somalia*), para a proteção e o reparo de instalações de infraestrutura (MND, 2022).

Atualmente, a República da Coreia possui quatro unidades para operações internacionais de manutenção da paz, ilustradas na figura 8, a saber: Dongmyeong, desde 2007 no Líbano, para esforços de Observação do Desengajamento Líbano-Israel e conta com 278 pessoas em serviço; Akh, desde 2011 nos Emirados Árabes Unidos, para fornecer educação e treinamento combinado com as Forças Armadas emiradenses, proteger cidadãos sul-coreanos em situações emergenciais e conta com 146 pessoas em serviço; Hanbit, desde 2011 no Sudão do Sul, para a promoção da paz e estabilidade por meio da reabilitação e conta com 277 pessoas em serviço; e Cheonghae, desde 2009 nas águas da Somália, para proteger embarcações sul-coreanas e rotas marítimas estratégicas de transporte e conta com 263 militares sul-coreanos (MND, 2022).

Figura 18 - Unidades de Manutenção de Paz da República da Coreia



Fonte: Extraído de MND, 2022.

Devido à instabilidade política na Somália e o aumento de piratas e navios sequestrados no Golfo de Áden, na costa somali, desde 2008, o CSNU adotou a resolução 1838, que solicitou aos países membros o envio de Forças Armadas, sobretudo com navios de guerra e aeronaves, para o combate à pirataria na região do Golfo de Áden (MND, 2017). Em resposta, em 2009, a Assembleia Nacional da República da Coreia aprovou o envio da unidade naval Cheonghae (também chamada de Grupo de Trabalho de Escolta Marítima da Somália), sob a CTF-151, para assegurar a passagem de navios sul-coreanos e embarcações de nacionalidades do Golfo de Áden, bem como participar de operações de segurança marítima e combate à pirataria na região (Cho, 2015, p. 52).

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS, 1982, p. 61, tradução nossa) define a pirataria como:

- a) quaisquer atos ilegais de violência ou detenção, ou qualquer ato de depredação, cometidos para fins privados pela tripulação ou passageiros de um navio ou aeronave particular, e dirigidos:
 - i) em alto mar, contra outro navio ou aeronave, ou contra pessoas ou bens a bordo desse navio ou aeronave;
 - ii) contra um navio, aeronave, pessoa ou propriedade em local fora da jurisdição de qualquer Estado;
- b) qualquer ato de participação voluntária na operação de um navio ou de uma aeronave com conhecimento de fatos que o tornem navio ou aeronave pirata;
- c) qualquer ato de incitar ou facilitar intencionalmente um ato descrito no subparágrafo (a) ou (b).

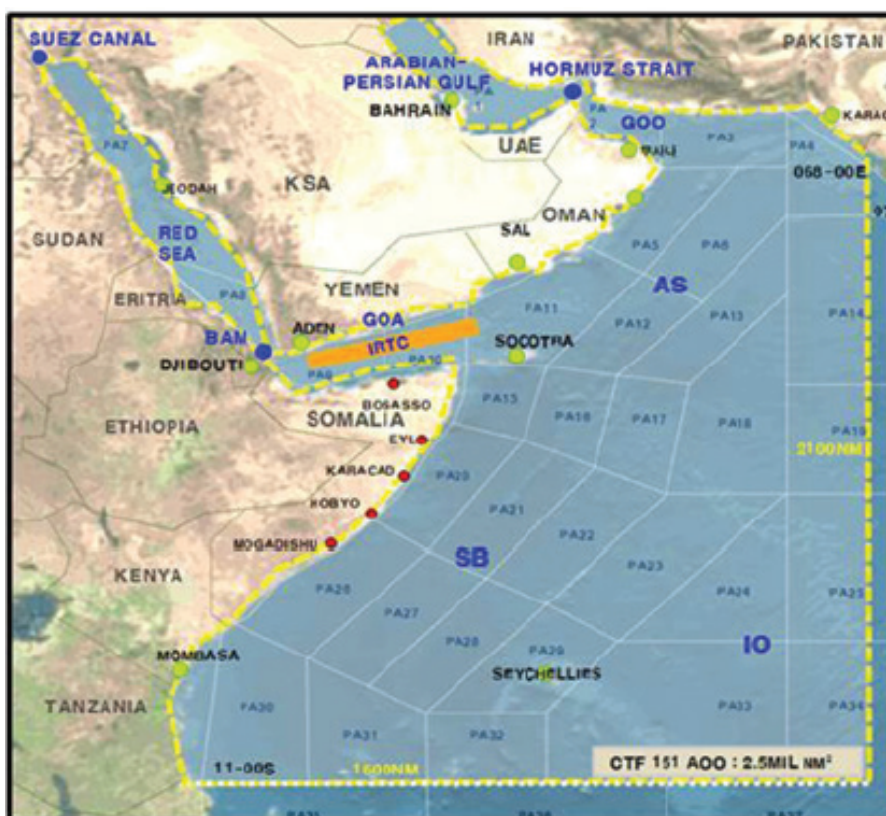
A pirataria na costa da Somália e no Golfo de Áden é vista como uma ameaça ao transporte internacional, sendo um desafio à segurança marítima regional e, conseqüentemente, global (Cho, 2015, p. 51). Com cerca de 90% do comércio mundial via modal marítimo, 55% do petróleo mundial e 40% do gás mundial localizados nos Estados do Golfo, formando o Estreito de Ormuz (*ibidem*), a região também possui importância estratégica para a República da Coreia. O Golfo de Áden responde a 29% do volume marítimo total da República da Coreia (MND, 2017). Aproximadamente, 60% das importações de petróleo sul-coreanas são provenientes do Oriente Médio, o que torna o país dependente de regiões específicas para suprir suas demandas de energia e recursos (MOFA, 2022a?).

Para o combate à pirataria no Golfo de Áden e na costa da Somália, existem três forças navais multinacionais, a saber: CTF-151 (das Forças Marítimas Combinadas - CMF⁵¹), CTF-

⁵¹ A CMF (*Combined Maritime Forces*) é uma parceria marítima multinacional de combate a atores ilícitos não estatais em alto mar, buscando garantir segurança e estabilidade em uma área de cerca de 3,2 milhões de milhas quadradas de águas internacionais (CMF, 2023?). Além disso, a CMF abarca quatro Forças-Tarefa Combinadas (entre elas, a CTF-151) e possui 34 países membros, entre eles Brasil e República da Coreia (*ibidem*).

465 (da União Europeia) e CTF-508 (da OTAN), além da participação individual de países, como China, Japão, Rússia e Indonésia, que visam assegurar o transporte de suas respectivas embarcações (Cho, 2015, p. 60). A CTF-151 estabeleceu uma Área de Patrulha de Segurança Marítima (*Maritime Security Patrol Area – MSPA*) e Corredores de Trânsito Recomendados Internacionalmente (*Internationally Recommended Transit Corridors - IRTC*) no Golfo de Áden (*ibidem*), conforme ilustrado na figura 19.

Figura 19 - Área Operacional da CTF-151



Fonte: Extraído de Cho, 2015, p. 60.

A Marinha da República da Coreia conduz comboios pelo Golfo de Áden, sobretudo para navios sul-coreanos (Roehrig, 2012a, p. 33) e, sob o controle tático da CTF-151, realiza patrulhas de combate à pirataria no IRTC para ajudar a garantir a segurança marítima na região (Cho, 2015, p. 60). A prioridade da unidade naval sul-coreana Cheonghae é proteger embarcações sul-coreanas que cruzam o Golfo de Áden, a partir dos cronogramas de embarque dos navios informados pelo Estado-Maior Conjunto sul-coreano (Roehrig, 2012a, p. 33). Caso não haja navio sul-coreano trafegando, a CTF-151 direciona Cheonghae a uma área específica do IRTC para a realização de “patrulha aberta ou missão de varredura”, a fim de proteger navios de qualquer nacionalidade contra ataques piratas (*ibidem*).

Cumprir destacar que Cheonghae é composta por um contratorpedeiro furtivo KDX-II da classe Chungmugong Yi Sun-shin⁵², um helicóptero Lynx⁵³, fuzileiros navais, destacamento da WARFLOT⁵⁴ (*Naval Special Warfare Flotilla*) e membros da *Sea Salvage and Rescue Unit* (Lee, 2022). Os contratorpedeiros KDX-II são centrais para a participação da Marinha sul-coreana na CTF-151, construídos para operarem como navio de comando em uma força-tarefa de combate, com sistemas de combate avançados, heliponto e espaço extra para acomodar contingente adicional, como o WARFLOT (Roehrig, 2012a, p. 31).

Desde a implantação em 2009, Cheonghae atuou em diversas operações navais de resgate e combate à pirataria. Em 04 de maio de 2009, recém chegada na costa da Somália, Cheonghae resgatou o navio cargueiro norte-coreano, intitulado Dabaksol, de um ataque pirata no IRTC (Cho, 2015, p. 60). Cheonghae, sob a operação do contratorpedeiro sul-coreano KDX-II Munmu O Grande, de 4.400 toneladas, enviou o helicóptero Lynx da Marinha sul-coreana até a localização do Dabaksol (*ibidem*). Atiradores a bordo do Lynx efetuaram disparos contra os piratas, que cessaram o ataque e se retiraram da embarcação norte-coreana (Cho, 2015, p. 61). Em virtude da eficiência e resposta rápida da Marinha sul-coreana, Cheonghae foi designada, ainda em 2009, para operar ao norte de Bosasso, área mais atacada por piratas na costa da Somália (Roehrig, 2012a, p. 34).

Quatro outras operações navais são memoráveis na atuação de Cheonghae. A primeira em 2011, sob a Operação *Dawn of the Gulf of Aden*, em meio ao sequestro do navio petroleiro químico sul-coreano *Samho Jewelry* por piratas somalis a 600km a sudeste de Mascate, em Omã (Cho, 2015, p. 63). À época, Cheonghae, sob o contratorpedeiro KDX-II Choe Young, conduziu a operação de retomada do *Samho Jewelry* e resgate de 21 marinheiros e captura de cinco piratas (Cho, 2015, p. 63-65). Os piratas capturados foram enviados a cidade portuária sul-coreana de Busan para julgamento em primeira instância e, em seguida, pela Suprema Corte da República da Coreia, representando a primeira ação legal do país para a punição de piratas. Acusados de tentativa de homicídio, sequestro de navio e roubo marítimo, um pirata foi condenado a prisão perpétua e os outros quatro condenados a penas entre 13 e 15 anos de reclusão cada um (Busan, 2011; Lee Seokwoo, 2013).

⁵² A classe Chungmugong Yi Sun-shin conhecida como KDX-II, é composta por seis contratorpedeiros de aproximadamente 4.400 toneladas (ROKNavy, 2018, p. 2). O primeiro KDX-II, Chungmugong Yi Sun-shin, homônimo da classe, foi comissionado em 2003; e os outros cinco KDX-II foram comissionados anualmente até 2008, como apresentado na subseção 3.2.1 da presente dissertação.

⁵³ Transporta equipes marítimas, aéreas e terrestres e sistemas adicionais de armas para atingir os alvos, ampliando o tempo de ação de resposta do contratorpedeiro (Roehrig, 2012a, p. 32).

⁵⁴ Também conhecidos como ROKN UDT/SEAL, equipes marítimas, aéreas e terrestres da Marinha sul-coreana.

A segunda operação naval em destaque ocorreu durante a crise na Líbia, em que, em 2011, Cheonghae evacuou 37 sul-coreanos para países próximos e, em 2014, evacuou 18 sul-coreanos e 86 estrangeiros para países próximos à Líbia (MND, 2017). A terceira, durante a crise no Iêmen, em 2015, em que Cheonghae evacuou 6 sul-coreanos e 6 estrangeiros para Omã (*ibidem*). E a quarta, em 2020, quando a atuação da unidade naval Cheonghae foi ampliada para cobrir o Estreito de Ormuz, como ilustrado na figura 20.

Figura 20 - Expansão da área de operação da unidade Cheonghae



Fonte: Extraído de Yonhap, 2020.

Em 2020, em meio a escalada de tensão entre EUA e Irã, a Marinha sul-coreana, após pedido dos EUA a países aliados, decidiu ampliar as operações da unidade naval sul-coreana Cheonghae (Oh, 2020), conforme a figura 22. Cheonghae expandiu seu teatro de operações do Golfo de Áden ao Golfo de Omã, todavia operando de modo independente, sem se unir à coalizão do *International Maritime Security Construct* (IMSC), liderada pelos EUA (IMSC, 2023?). Esta postura, que também foi adotada pelo Japão, indicou a cautela sul-coreana em não se alinhar aos EUA em meio à tensão com o Irã, o cuidado em preservar as relações diplomáticas Seul-Teerã e buscou resguardar os interesses nacionais sul-coreanos.

Em dezembro de 2022, a Marinha da República da Coreia completou 39 missões de escolta de navios no Golfo de Áden, apoio à navegação segura e combate à pirataria na região com a unidade naval Cheonghae (Koreanet, 2022). Ainda em 2022, o contratorpedeiro KDX-II

Gang Gam-chan, de 4.400 toneladas, assumiu a liderança da unidade naval sul-coreana (*ibidem*). Cabe destacar que a Marinha da República da Coreia já comandou por cinco vezes a CTF-151: em abril de 2010, junho de 2012, junho de 2014, junho de 2016 e junho de 2019 (CMF, 2023). Em fevereiro de 2023, a Marinha da República da Coreia iniciou o seu sexto comando da CTF-151, transmitido pela Marinha do Brasil (USNavy, 2023).

Como ressalta o contra-almirante sul-coreano Cho (2015, p. 57), que assumiu o comando da CTF-151 em 2014, o envio da unidade naval Cheonghae, em 2009, representou o primeiro envio de um contratorpedeiro ao exterior para operações de combate à pirataria, superando desafios provenientes da história continental coreana e abrindo um novo capítulo na história naval da República da Coreia. Além disso, a República da Coreia experienciou realizar o primeiro julgamento de pirataria no país, que trouxe o debate do tema para o sistema jurídico sul-coreano e atualizações para o processo penal sul-coreano. Como destaca Cho (2015, p. 67-68), a República da Coreia, por meio das operações de combate à pirataria no Golfo de Áden, aprendeu lições, como a eficácia dos comboios navais, a necessária coordenação e unidade de comando, bem como o estabelecimento de uma legislação eficaz para processar piratas.

Operar em meio a uma força multinacional distante da costa requer certa capacidade naval. Roehrig (2012a, p. 31) argumenta que esta capacidade se trata de recursos de águas azuis para a operação em mar aberto e por longas distâncias. O esforço sul-coreano que começou desde a concepção do pensamento estratégico no início da década de 1990, avançando com o programa de construção de contratorpedeiros KDX e com os investimentos em Defesa, também se reflete no estabelecimento do Complexo Civil-Militar de Jeju, na ilha sul-coreana de Jeju.

4.3 O Complexo Civil-Militar de Jeju e a *Maritime Task Flotilla 7*

Reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Reserva Mundial da Biosfera em 2002, Patrimônio Natural Mundial em 2007 e Reserva Mundial de Geoparques em 2010, a ilha sul-coreana de Jeju se localiza estrategicamente ao sul da península coreana, na confluência entre China, Rússia, Japão, República da Coreia e o acesso ao Sudeste Asiático. Configurando-se como a maior ilha da República da Coreia - em uma área de cerca de 2 mil km² - e a única Província Autônoma Especial do país, o local abriga um vulcão inativo, conhecido como monte Halla, e a economia local é oriunda da agricultura, pesca e turismo, com elevada recepção de turistas provenientes da China.

Além dos intocados recifes de corais, a ilha sul-coreana é o lar das lendárias *Haenyeo* - mulheres que mergulham sem máscara de oxigênio até aproximadamente dez metros abaixo da

superfície para a pesca de frutos do mar em Jeju, um dos principais símbolos da pesca subaquática do país e reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (Markelova, 2017). A ilha de Jeju, situada no Nordeste Asiático como um ponto de conexão entre o Mar Amarelo ao norte, o Mar da China Oriental ao sul e o Estreito da Coreia a leste – o qual dá acesso ao Mar do Japão/Mar do Leste – encontra-se próxima à região onde China, República da Coreia e Japão têm disputas territoriais vigentes, e os quais vêm modernizando suas forças navais e aprimorando suas capacidades marítimas. Dessa forma, em 2007, a ilha de Jeju foi escolhida para abrigar o Porto do Complexo Civil-Militar, na vila de Gangjeong, também conhecido como base naval de Jeju. Inaugurada em dezembro de 2015, a base possui a capacidade de acomodar submarinos de ataque e até 30 navios de guerra, além de abrigar o comando da *Maritime Task Flotilla 7* (MTF-7), a qual já participou de operações de evacuação de não combatentes no Iêmen e na Líbia e contribuiu para o combate à pirataria no Oceano Índico (Graham, 2016).

Tendo em vista a estratégia naval sul-coreana buscar o controle de áreas marítima litorâneas e o controle de espaços marítimos permanentes e móveis (Moura, 2012, p. 471), a ilha de Jeju representa um ponto estratégico de garantia de proteção das rotas marítimas do país, transporte de suprimentos e operações móveis de emergência na região. Como apresentado em Panda (2011, p. 4), a decisão do governo sul-coreano em instalar uma base naval na ilha de Jeju se deu especialmente devido à presença e capacidade naval chinesa na região. As águas próximas a Jeju, no Mar Amarelo, são repletas de recursos naturais, como a pesca de caranguejo azul, alvo de constante desentendimento entre China e República da Coreia. No tocante ao Estreito da Coreia, há a presença de hidrocarbonetos e reservas de gás natural. Além disso, a maior vantagem da localização de Jeju se revela por estar defronte às águas abertas do Mar da China Oriental, proporcionando acesso sem obstrução às linhas de comunicação marítima sul-coreanas que transitam pela região do Pacífico Ocidental (Graham, 2016).

Como ressalta Lee (2016), a República da Coreia se transformou de um país agrícola para um país comercial, tendo passado de um Estado continental para um marítimo. Ao figurar entre as 15 maiores economias do mundo, a importância do mar – que já era latente – se consolidou para o país asiático, acarretando a necessária ênfase em estratégia nacional marítima para a sua sobrevivência, economia e segurança nacional. Lee (2016) aponta seis ameaças de rotas marítimas na região, contra as quais uma base naval em Jeju representa um esforço inicial de resposta, sendo elas: a) ameaças provenientes da RPDC; b) ameaças da China no tocante à soberania da Coreia do Sul; c) o tratamento da China em relação à pesca coreana; d) ameaças do Japão; e) ameaças às rotas marítimas sul-coreanas; f) e ameaças de isolacionismo dos EUA.

Assim, a construção de uma base naval na ilha representou a ampliação estratégica da presença marítima da República da Coreia ao sul da península coreana, monitorando a presença e respondendo a eventuais ameaças dos vizinhos China, RPDC e Japão.

Além de contribuir para a proteção da soberania nacional e de recursos naturais e energéticos nas águas do entorno da península coreana, a partir de Jeju é mais viável e rápido realizar o monitoramento e o acesso a Ieodo (também conhecido como rochedo de Socotra) - recife abaixo da superfície do mar, de jurisdição marítima da República da Coreia, mas também reivindicado pela China. São 176 km de deslocamento da base naval de Jeju até Ieodo, comparados aos 467 km da base naval sul-coreana de Jinhae e aos 398 km da base naval chinesa de Ningbo. A China considera Ieodo como parte de sua soberania e exige a extinção da base científica sul-coreana no local. Para Lee (2016, p. 153), a atual política agressiva e provocativa da China em direção às Filipinas e ao Vietnã também pode se desdobrar contra a República da Coreia em relação a Ieodo, por exemplo. Ao comparar poderes navais na região, Lee (2016, p. 158) mostra que a Marinha sul-coreana ainda precisa garantir um poder militar suficiente para não ser influenciada pelos vizinhos, sendo seu poder naval inferior à Marinha chinesa, à Esquadra dos EUA para o Pacífico e à Força de Autodefesa Marítima do Japão.

Outro ponto a ser destacado é quanto à zona de identificação de defesa aérea (ADIZ). Em novembro de 2013, a China projetou a sua ADIZ para se sobrepor às ADIZ dos vizinhos Japão, República da Coreia e Taiwan. No mês seguinte, o governo sul-coreano expandiu a sua própria ADIZ para incluir a área de Ieodo (Trent, 2020, p. 9). Kim e Kang (2013), esclarecem que uma ADIZ não configura território ou reivindicação marítima em si, entretanto, quando há disputas territoriais ou marítimas em questão, a deliberação sobre a ADIZ também se torna uma variável de tensão. Tendo em vista tais circunstâncias, Kim e Kang (*ibidem*) enfatizam que a presença naval sul-coreana na ilha de Jeju ganha importância, haja vista o tempo de resposta até Ieodo ser de aproximadamente 08 horas, em vez de 23 horas da base naval de Busan, 13 horas saindo do porto de Xangai e 21 horas para as forças japonesas.

A necessidade da presença naval em Jeju começou a ser deliberada em 1993, sob a presidência de Kim Young-sam, quem também apoiou o plano de modernização da Marinha sul-coreana com vistas a operações em águas oceânicas. Entretanto, foi sob a administração de Roh Moo-hyun que a decisão de construção da base em Jeju foi concluída, em 2007, passando a configurar-se – após protestos e oposição de moradores locais - principalmente como um porto civil de uso também militar. Para Graham (2016), a necessidade de demonstrar ganhos econômicos para a ilha também se traduziu em redesignar a base naval para um complexo civil-militar. Ainda, segundo Roh, “a paz sem armamento não pode existir”, salientando a

importância da base naval para a segurança nacional (Joongang Daily, 2011; Panda, 2011, p. 2).

Cabe salientar que a ilha de Jeju tem uma história conturbada em relação à península e possui uma tendência não militar em sua identidade, entendimento este expresso pelos próprios residentes da vila de Gangjeong, os quais, em diferentes momentos da história da Coreia, se viram à margem das decisões e proteção do governo central. Como destaca Panda (2011, p. 2), a ilha já foi utilizada para trabalho forçado durante a Segunda Guerra Mundial por tropas japonesas e aproximadamente 30 mil moradores foram declarados comunistas por não apoiarem a divisão da península em Norte e Sul e assassinados por tropas sul-coreanas durante a Guerra da Coreia (1950-1953). Em 2006, o presidente sul-coreano Roh Moo-hyun fez um pedido de desculpas pelo massacre e declarou Jeju como a Ilha da Paz Global (Steinem, 2011).

Com um orçamento de US\$ 86 milhões, o projeto da base naval levou 23 anos para ser concluído e inaugurado, entre trocas de lugares de sede e suspensão devido a protestos locais. De acordo com a Marinha sul-coreana, a base naval de Jeju funcionaria para abrigar submarinos e navios de guerra avançados, como contratorpedeiros KDX-III Aegis de 7.600 toneladas e KDX-II furtivos de 4.300 toneladas (Jung, 2007). Além disso, dois navios de cruzeiro de 150.000 toneladas poderiam ser ancorados. É importante destacar que Panda (2011, p. 4) argumenta que a base naval para a ilha de Jeju se deu pela mudança de ênfase da Marinha sul-coreana, a qual migrou de uma defesa costeira para uma força naval oceânica com vistas à proteção de suas vias marítimas de comunicação.

A Marinha sul-coreana opera a MTF-7 da ilha de Jeju, a qual é composta por dois esquadrões de contratorpedeiros de um KDX-III e três KDX-II e que receberão o apoio de submarinos, navios anfíbios e aeronaves (Suchyta, 2013, p. 8). Dentre as responsabilidades da MTF-7 está o patrulhamento regular nas instalações científicas da República da Coreia em Jeodo, onde a China, por sua vez, realiza contra patrulhas (Graham, 2016). Assim, a Marinha pretende construir uma Frota Móvel Estratégica (SMF), a qual, com acesso ao mar aberto ao sul da península, pode atuar na ampliação das capacidades oceânicas da República da Coreia, como a proteção das linhas de comunicação marítimas do país. Em paralelo à base naval em Jeju, a força aérea naval sul-coreana também opera na ilha com o Esquadrão 615 da Marinha, o qual possui helicópteros Lynx e aeronaves de patrulha marítima P-3C/CK (Suchyta, 2013, p. 9). A base naval está em operação desde 2016 e abriga cerca de 3 mil militares. A Marinha dos EUA não possui presença permanente, mas eventualmente atraca na base naval (Kim, 2021a).

Como destaca Yeo (2013, 2017), dentre as razões principais para a presença de uma base naval em Jeju, a Marinha sul-coreana apresentou: a) o anseio de se tornar uma força naval

oceânica do século XXI; b) oferecer uma base para a paz na região do Nordeste Asiático; e c) fornecer um porto de origem de navios de guerra. Além disso, obter o acesso direto ao mar aberto e promover sua presença e capacidade marítima.

Duas visões se chocam a respeito da base naval na ilha de Jeju. A visão favorável afirma que tal feito proporcionaria prosperidade econômica para a ilha, como fomento ao investimento local, além dos pontos abordados na seção anterior. Além disso, o posicionamento da Marinha na ilha de Jeju também se revela como elemento partícipe de fomento ao plano de águas azuis do país. Entretanto, a oposição alega que a ilha está sendo militarizada e faz paralelo à ilha japonesa de Okinawa, onde tropas estadunidenses mantêm presença. De acordo com a pesquisa de Kim (2021), um dos principais incentivos para a construção da base naval foi quanto à promessa de desenvolvimento da economia local, todavia a oposição contra argumentava com a não compensação dos danos ambientais na ilha. Kim (2021) conclui que o esforço para abranger as partes interessadas no processo de existência de uma base naval na ilha foi insuficiente.

Durante o período de construção da base naval, ativistas, aldeões, representantes de organizações não governamentais e líderes religiosos se reuniam em frente à entrada do complexo na vila de Gangjeong, em Jeju. Cartazes pintados, mensagens de solidariedade, faixas amarelas com a frase “*NO naval base*” compunham o cenário da cidade próximo à entrada da base naval. Uma corrente de manifestantes pacíficos, em pé ou sentados em cadeiras de plástico, se formava em frente à entrada da base naval bloqueando a passagem de caminhões, até a chegada da polícia para dispersá-los e liberar a entrada. Em seguida, os manifestantes voltavam para a frente da entrada até serem retirados no posterior trânsito de veículos⁵⁵.

Os residentes de Gangjeong se queixam do afluxo de turistas provenientes da China e investimentos na ilha. Dentre as principais preocupações do movimento anti-base estão a transformação da base sul-coreana em uma base militar dos EUA ou com seu uso constante; e o impacto ambiental durante a construção e a operação da base naval, como o receio da poluição, em especial a possibilidade de vazamento de produtos químicos e combustíveis no mar. Em 2012, a rocha vulcânica de Gureombi - de 1,2 km de comprimento, cerca de 250 metros de diâmetro e conhecida por sua biodiversidade - foi confiscada e implodida pela Marinha sul-coreana (Huh, 2012).

Em 2012, a declaração da ex-presidente Park Geun-hye de “tornar a ilha de Jeju como o Havaí, famoso por sua base naval” também incomodou a população local. As águas próximas

⁵⁵ Relato baseado na experiência da autora durante sua visita à vila de Gangjeong, na ilha de Jeju, em novembro de 2015.

a Pearl Harbor estão contaminadas por mercúrio e material radioativo, além de espécies nativas estarem em fase de extinção (KYLE, 2012). O cenário de importação de produtos marinhos vivido pelos residentes do Havaí preocupa os aldeões de Gangjeong, na ilha de Jeju.

Nas águas da costa de Gangjeong se encontram o leito de coral mole (Monumento Natural n. 442) e a ilha de Beom (Monumento Natural n. 421). O canteiro de obras da base naval de Jeju, o leito rochoso de Gureombi e as águas da costa de Gangjeong foram designadas como Zona de Preservação Absoluta, devendo seu desenvolvimento ser restrito. Todavia, em 2009, o Conselho da Província Autônoma Especial de Jeju suspendeu tal designação sem a concordância dos moradores locais.

Outro ponto de crítica é quanto ao protetor de Iodo instalado de forma insuficiente. A Administração do Patrimônio Cultural e a Província Autônoma Especial de Jeju aprovaram a construção da base naval nas águas costeiras da vila de Gangjeong desde que os protetores de Iodo fossem instalados. Entretanto, o bloqueio completo da água contaminada por parte dos protetores não funciona de maneira adequada (Kim, 2021a).

De um lado, o contínuo ressentimento e a memória da população local; de outro, a paciência do governo sul-coreano. Como ressalta Panda (2011), observa-se que ambos já chegaram ao limite e uma resolução de ganho para ambos não parece possível. O processo de tomada de decisão para a implantação da base naval na ilha foi controverso. A escolha da vila de Gangjeong para sediar a nova base naval sul-coreana se deu em 2007, mediante votação popular, e a qual tem sua legitimidade questionada pelos moradores de Gangjeong. Entretanto, uma parcela dos moradores de Gangjeong ainda se opõe à presença da base naval na ilha sul-coreana, mesmo após sua inauguração, receando uma militarização da ilha. Dentre os opositores estão aldeões, agricultores, pescadores e grupos de direitos civis. Um dos argumentos da população local se refere à declaração de Jeju como a Ilha da Paz Mundial, memorando o espírito *Sammu* do povo coreano no local (CSPS, 2021).

O historiador naval Alfred Mahan (1890) salienta a importância para países considerados potências mundiais de deverem ter grandes forças navais. Neste sentido, a Coreia do Sul - que figura como a sexta maior potência militar (Global Firepower, 2021) - anseia pela modernização de sua Marinha em direção às águas azuis e torna este processo como parte de seus anseios políticos, estratégicos e de interesse nacional. Com a Marinha visando também participar em operações internacionais de manutenção da paz e de resgate em desastres naturais, a existência – e continuidade – de uma base naval em Jeju possibilita o acesso direto ao mar aberto na região ao sul da península.

Para Bowers (2019), um dos fatores de restrição do desenvolvimento da Marinha sul-coreana se justificava na presença da 7ª Esquadra dos EUA transmitir segurança aos sul-coreanos, não estimulando a necessidade de o governo sul-coreano priorizar a ampliação e desenvolvimento de sua própria força naval. Ao aprofundar a fase de modernização e integração, Bowers enfatiza que a Marinha buscou uma modernização de força qualitativa, com o intuito de substituir as capacidades antigas e estabelecer novas, em virtude do ambiente de segurança peninsular e regional e de seu anseio por uma postura de defesa autossuficiente. No cenário de Bowers (2019), de que a competição estratégica no século XXI acontecerá nas águas da região do Indo-Pacífico, a presença da base naval sul-coreana na ilha de Jeju se ratifica por contribuir para o aumento do poder naval e da segurança marítima do país, diretamente relacionado à afirmação dos interesses marítimos sul-coreanos no relacionamento, em especial, com a China na região.

4.4 Contribuições relevantes da experiência sul-coreana

Esta subseção elenca pontos da Marinha sul-coreana destacados ao longo da pesquisa que merecem a atenção de marinhas de médio porte, a exemplo da Marinha do Brasil. Como ressalta Moreira (2018, p. 718), as “marinhas de guerra são instituições de Estado voltadas ao uso ou ameaça do uso da força no mar, primordialmente em prol da defesa nacional, da segurança marítima e dos interesses marítimos do país”. Dentre as similaridades, os processos de desenvolvimento naval e as visões de futuro, há contribuições da trajetória da Marinha da República da Coreia que podem servir para a Marinha do Brasil, ainda que esta tenha surgido anteriormente.

Não obstante Brasil e República da Coreia tenham contextos geoestratégicos diferentes, a trajetória histórica e a visão e o preparo da Marinha da República da Coreia para o centenário de sua força naval em 2045 podem trazer elementos inerentes à atuação em geral de Marinhas. Dentre as áreas em que é possível extrair pontos de reflexão para o pensamento estratégico naval, elencadas na presente subseção, constam: visão de futuro para a construção naval nacional, apoio governamental e investimento em P&D, vigilância de pontos geográficos estratégicos e combate à pirataria e atuação na CTF-151.

A primeira contribuição se refere à visão de futuro para o setor de indústria de defesa, sobretudo de construção naval nacional, baseada em planejamento estratégico de longo prazo e continuidade de evolução. A República da Coreia, ao longo do processo de desenvolvimento de sua indústria de defesa, passou do uso de engenharia reversa e cópias para a produção licenciada de ativos e, em seguida, para a produção nativa e com alta tecnologia, em busca da

autonomia tecnológica. No tocante ao Brasil, a promoção da autonomia tecnológica e produtiva no setor de defesa já consta como um dos objetivos nacionais estabelecidos na Política Nacional de Defesa (Brasil, 2020, p. 25), todavia ainda carece de efetividade da capacidade brasileira em projetar e construir navios mais robustos e com tecnologia nacional.

A segunda contribuição reside no fator tempo. Em que pese ter iniciado apenas na década de 1970, a indústria de defesa da República da Coreia levou apenas cerca de cinco décadas para ascender ao ranking dos maiores exportadores mundiais de defesa e, cada vez mais, o país busca se tornar menos dependente de tecnologia de defesa estrangeira. Cabe destacar a contribuição de dois elementos impulsionadores: o primeiro, de cunho cultural, o “*pali pali*” (“rápido, rápido”) – expressão sul-coreana que traduz o dinamismo do país e significa que tudo deve ser feito o mais depressa possível, exemplificada pela rápida industrialização do país; e o segundo, político-estratégico, a aliança militar com os EUA, uma potência ocidental que forneceu ajuda militar, mas que também suscitou o receio sul-coreano de perda da garantia de segurança do aliado e o anseio pela redução da dependência estadunidense por equipamentos militares.

O êxito da indústria de defesa sul-coreana também é atribuído ao apoio governamental recebido, sobretudo mediante subsídios ao longo dos planos quinquenais de desenvolvimento econômico do país, até o início da década de 1990. Em seguida, a República da Coreia passou a fomentar o setor de P&D. Desde 2017, o país concentra mais de 4% do PIB em P&D (Banco Mundial, 2022), tendo atingido 4,81% do PIB em 2020, cerca de 75,4 bilhões de dólares. No tocante a P&D no setor de defesa, a República da Coreia investiu cerca de 2,9 bilhões de dólares (KRIT, 2021, p. 108). Dessa forma, o investimento sul-coreano em P&D e o apoio governamental também se revelam como uma terceira contribuição na trajetória sul-coreana que merece a atenção de países emergentes, como o Brasil.

A quarta contribuição se concentra na vigilância de pontos geográficos estratégicos. A República da Coreia possui pontos geográficos estratégicos ao país, como os rochedos de Liancourt⁵⁶, localizados no Mar do Leste, e o rochedo de Socotra, situado no Mar da China Oriental. Ainda que não se tratem especificamente de ilhas oceânicas – e que a realidade geoestratégica das ilhas sul-coreanas seja diferente da brasileira –, a vigilância e uma maior atenção da Marinha sul-coreana sobre os rochedos de Dokdo e de Socotra também servem como exemplo para a Marinha do Brasil acerca das ilhas oceânicas brasileiras na Amazônia Azul. A crescente presença de atores extrarregionais no Atlântico Sul e o aumento da preocupação com

⁵⁶ Também conhecidos como Dokdo, na visão coreana.

a pesca ilegal, não regulada e não reportada acarretam a necessária prontidão e resposta adequada da Marinha do Brasil.

Por muitas décadas, a República da Coreia negligenciou a importância do Poder Naval para o país. Quando, finalmente, o país começou a se ver como uma nação marítima, no final do século XX, a República da Coreia tratou de trabalhar duas das principais condições mahanianas que influenciam o Poder Naval (1890, p. 28-29): a conscientização da população sobre a importância do mar para o desenvolvimento do país e o apoio das administrações presidenciais em prol da modernização da Marinha sul-coreana. O contínuo apoio governamental de sucessivas administrações presidenciais sul-coreanas, sobretudo a partir da redemocratização do país, contribuiu para o processo de modernização da Marinha da República da Coreia. Dessa forma, a ênfase na (construção da) mentalidade marítima da sociedade sul-coreana visando o apoio à modernização da força naval nacional, bem como a continuidade de projetos e investimentos no setor naval não limitados a um mandato presidencial, figuram como importantes no processo evolutivo, e caracterizam a quinta contribuição.

O sexto ponto extraído da experiência sul-coreana que merece atenção encontra-se no campo da pirataria marítima. A Marinha da República da Coreia assumiu, em fevereiro de 2023, o comando da CTF-151 pela sexta vez, transmitido pela Marinha do Brasil. Além de operar no combate à pirataria no Golfo de Áden com a unidade naval Cheonghae, a República da Coreia passou pela experiência de realizar o primeiro julgamento de pirataria marítima no país, trazendo o debate do tema para o sistema jurídico sul-coreano e atualizações para o campo do processo penal sul-coreano. Dessa forma, tal experiência proporcionou à República da Coreia a prática de capturar piratas e processá-los no âmbito do direito interno sul-coreano, revelando-se também como uma das contribuições para a Marinha do Brasil e para o ordenamento jurídico brasileiro.

Dessa forma, os pontos de reflexão acima apresentados merecem a atenção de Marinhas em geral, à medida que refletem o processo exitoso de desenvolvimento de uma Marinha de médio porte. A conscientização da elite política e da sociedade sul-coreana, traduzida em políticas públicas consistentes e continuadas, viabilizou a trajetória ascendente de uma Marinha que atualmente figura entre os poderes navais mais robustos do mundo.

5 CONCLUSÃO

A modernização da Marinha da República da Coreia é fruto de um conjunto de fatores que contempla planejamento estratégico em longo prazo, necessidade de prontidão e de defesa frente ao ambiente de segurança sul-coreano, política nacional de Estado e apoio público doméstico. Em um processo complexo, a modernização do poder naval sul-coreano requereu ênfase na indústria de defesa – sobretudo no setor de construção naval –, desenvolvimento tecnológico nacional e investimento em P&D. A análise do desenvolvimento e da modernização do poder naval da República da Coreia ao longo de sua história, enfatizando-se a atual fase em direção às águas azuis, permitiu compreender a ambição do poder naval sul-coreano frente às vulnerabilidades do ambiente estratégico em que se insere. Dessa forma, este trabalho respondeu à pergunta de pesquisa sobre quais capacidades e recursos a Marinha da República da Coreia efetivamente possui para se tornar de águas azuis.

Nesse sentido, o exame das tipologias de Marinhas, com destaque para a classificação de Todd e Lindberg (1996), permitiu identificar que a Marinha da República da Coreia encontra-se em estágio inicial da classificação de águas azuis tal como proposta por Todd e Lindberg, haja vista possuir características de projeção de poder regional, além de sua zona econômica exclusiva, e operação, por exemplo, na região do Golfo de Áden com um navio de guerra do tipo contratorpedeiro integrando a unidade naval sul-coreana, sob a Força Tarefa Combinada 151 (CTF-151). Para além do alcance da esquadra sul-coreana, há outros fatores relevantes que permitem considerar a Marinha sul-coreana como de águas azuis, como a aquisição de meios navais mais complexos exemplificados pelos contratorpedeiros KDX, submarinos Jang Bogo e navios de assalto anfíbio Dokdo e Marado; e infraestruturas, como o Complexo Civil-Militar de Jeju, que abriga o comando da *Maritime Task Flotilla 7* (MTF-7), possibilita o acesso direto ao mar aberto ao sul da península coreana e amplia a presença marítima da República da Coreia em áreas estratégicas ao país.

Os objetivos específicos do presente trabalho foram abordados ao longo dos capítulos da dissertação. As discussões sobre os conceitos-chave, bem como a análise do conceito de águas azuis no pensamento estratégico naval, estruturaram as bases para esta pesquisa, refletindo-se no desenvolvimento do primeiro objetivo, presente no capítulo 2. Com o ambiente de segurança sul-coreano dividido nas esferas a níveis global, Nordeste Asiático e peninsular, foram analisadas as relações da República da Coreia com os países vizinhos – especialmente Japão, China, RPDC e a aliança militar com os EUA –, verificando-se que a modernização do poder naval sul-coreano também se deve à ameaça complexa da RPDC e ao aumento das capacidades

militares dos países vizinhos, como um dos elementos destacados no segundo objetivo, apresentado no capítulo 3.

O terceiro objetivo desta pesquisa também foi contemplado no capítulo 3: discutir a República da Coreia em meio à era da 4ª Revolução Industrial, enfatizando-se o plano SMART Navy, em que se verificou a visão sul-coreana de preparar o poder naval para o futuro ambiente de segurança e da guerra. Tal preparo ocorre a partir de ferramentas tecnológicas de ponta e da tríade - navio de guerra com sistemas integrados, operações com tomada de decisão inteligente e cooperação internacional. Por fim, no quarto objetivo, apresentado no capítulo 4, foi possível verificar que a ênfase na indústria de defesa sul-coreana – sobretudo no setor de construção naval –, bem como o investimento em P&D, possibilitou avanços. Dentre estes avanços, destacam-se: a capacidade nacional de produção alcançar o mercado de exportação, a fabricação de navios de guerra robustos para a Marinha sul-coreana com tecnologia nacional e a disputa pela liderança mundial no setor de construção e reparação naval.

Dividido em quatro principais fases, o desenvolvimento do poder naval sul-coreano também contempla legados da história naval da península coreana em suas raízes. O atual pensamento de modernização e o anseio sul-coreano por uma marinha de águas azuis ocorreu em meio ao processo de redemocratização do país e abarca a adoção de uma política de potência média como marca nacional. De forma gradual e contínua, a visão da Marinha sul-coreana evoluiu de um poder naval que visava conter as ameaças norte-coreanas em águas peninsulares para um poder naval que foi além de questões de segurança intercoreana. Isto, mediante apoio político expresso e opinião pública sul-coreana favorável, abrangendo objetivos de política externa mais amplos e interesses nacionais mais regionais e globais.

No processo de modernização do poder naval sul-coreano, verificou-se a importância da relação da República da Coreia com os EUA, a qual evoluiu da missão de lidar com a RPDC em águas peninsulares e passou a abranger a agenda de parceria marítima com vistas ao Indo-Pacífico, por exemplo. Ainda que Brasil e República da Coreia estejam imersos em searas geopolíticas distintas, a trajetória da Marinha sul-coreana na direção do almejado patamar de águas azuis oferece pontos de reflexão para marinhas de médio porte, como a Marinha do Brasil. Dentre tais pontos, constam a busca pela autonomia tecnológica com investimentos substanciais em P&D, avanços nas tecnologias de construção naval, desenvolvimento da capacidade de planejamento estratégico e planejamento de força, busca pela evolução operacional e doutrinária para a atuação em esforços multinacionais – como no caso da operação na CTF-151 para o combate à pirataria – a experiência de julgar piratas em território

nacional, bem como a determinante mobilização política que possibilitou a transformação sul-coreana de um país agrícola para uma potência exportadora de defesa.

No antigo provérbio coreano “Quando as baleias lutam, é o camarão que se machuca”, a analogia feita, na visão sul-coreana, observa a República da Coreia como um camarão, e as potências em seu entorno como as baleias – inicialmente China e Japão, e, atualmente, China e EUA –, sugerindo uma marcada assimetria. A notável trajetória ascendente da Marinha sul-coreana rumo às águas azuis se revela como contraponto a essa condição e a disposição política de atenuá-la, por meio de uma maior autonomia estratégica e tecnológica.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Chizuko T. Choe Nam-son's Youth Magazines and Message of a Global Korea in the Early Twentieth Century. **Sungkyun Journal of East Asian Studies**. Vol. 14, n. 2, p. 195-217. 2004.

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; MOREIRA, William de Sousa (org.). **Estudos Marítimos: Visões e Abordagens**. São Paulo: Humanitas. 2019. ISBN: 978-85-7732-388-3.

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; CABRAL, Ricardo Pereira. Classificação de Marinhas: uma proposta de metodologia comparativa. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 142, n. 01/03, p.100-119, jan./mar. 2022.

AN, Sangmin (Contra-Almirante). Results and Significance of the RIMPAC 2022. ROK Angle – Korea's Defense Policy. **Korea Institute for Defense Analyses**. Issue 254, 26 ago, 2022.

ARAGÃO, Ricardo Jorge Cruz de. O emprego do sonar rebocado na guerra antissubmarina. **Revista Passadiço**. Vol. 34, N. 41, 2021. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/passadico/article/view/2847>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ARIRANG. Launching Ceremony of ROKS Jeongjo The Great. **Arirang News**. YouTube. Junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N0geV_7elal>. Acesso em: 13 mar. 2023.

AYHAN, Kadir. Rethinking Korea's Middle Power Diplomacy as a Nation Branding Project. **Korea Observer**. Institute of Korean Studies. Vol. 50, n. 1 p. 1-24. 2019.

BABCOCK. Babcock International Group and Hyundai Heavy Industries sign a Memorandum of Understanding in Republic of Korea. **Babcock**. 2021. Disponível em: <<https://www.babcockinternational.com/news/babcock-international-group-and-hyundai-heavy-industries-sign-a-memorandum-of-understanding-in-republic-of-korea/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BAN, Gil-ju. Designing the Maritime Strategy of the Middle-Power Korea: The Maritime Access Strategy. **Strategy 21**. Korea Institute for Maritime Strategy. N. 45, p. 116-147. 2019.

BAN, Kil Joo. Aircraft Carrier Balancing in Northeast Asia and South Korean Carrier Program: Power, Threat, and Function. **The Korean Journal of Defense Analysis**. Vol. 33, n.1, março 2021, p. 43-65. DOI: <https://doi.org/10.22883/kjda.2021.33.1.003>

BANCO MUNDIAL. **Research and development expenditure – Republic of Korea**. 24 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/GB.XPD.RSDV.GD.ZS?locations=KR>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BENNETT, Bruce W. Preserving the ROK-U.S. Alliance by Sustaining Military Exercises. **The RAND**. 2021. Disponível em: <<https://www.rand.org/blog/2021/11/preserving-the-rok-us-alliance-by-sustaining-military.html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BIN, Lee Young. The 2022-2026 Mid-term Defense Plan for Successful Accomplishment of Defense Reform 2.0 and Building a Digitalized Strong Military. **Korea Institute for Defense Analyses**. Edição 240, setembro 2021.

BITZINGER, Richard A. South Korea's Defense Industry at the Crossroads. **Korean Journal of Defense Analysis**. Junho 1995. P. 233-249. DOI: 10.1080/10163279509464539.

BITZINGER, Richard. Overlooked: South Korea's Naval Shipbuilding. **RSIS Commentary**. S. Rajaratnam School of International Studies (RSIS). Nanyang Technological University, Singapore. N. 135, 05 de julho de 2019.

BYUN, Duk-kun. S. Korean ambassador to U.S. highlights need for “creative” ways to counter N. Korean threat. **Yonhap News Agency**. 2022. Disponível em: <<https://en.yna.co.kr/view/AEN20221013000200325>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BOOSE JR., Donald W. **Over the Beach: US Army Amphibious Operations in the Korean War**. Kansas: Combat Studies Institute Press. 2008.

BOWERS, Ian. Power Asymmetry and the Role of Deterrence in the South China Sea. **Korean Journal of Defense Analysis** v. 29, n. 4, p. 551–73. 2017.

BOWERS, Ian. **The Modernisation of the Republic of Korea Navy: seapower, strategy and politics**. Australia: Palgrave Macmillan. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria Normativa n.9/GAP/MD, de 13 de janeiro de 2016. Aprova o Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01. 5ª edição. 2015. **Diário Oficial da União**, n.14, Brasília, 21 jan. 2016.

BRASIL. **POLÍTICA NACIONAL DE DEFESA**. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/pnd_end_congresso_.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.

BREUKER, Remco; GARDINGEN, Imke Van (Eds.). **Slaves to the System – North Korean Forced Labour in the European Union: The Polish Case**. Leiden: LeidenAsiaCentre Press. 2016. ISBN 978-90-826167-0-5.

BRITANNICA. **Brevet**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/brevet>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BUSAN. SUPREME COURT OF KOREA. **Supreme Court Decision 2011Do12927**. 22 dez. 2011. Disponível em: <https://eng.scourt.go.kr/eng/supreme/decisions/NewDecisionsView.work?seq=709&mode=6>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CATELLIER, Axel; GARLAUSKAS, Markus. Debunking the Korean Peninsula “arms race”: what’s behind South Korea’s military force development? **Korea Economic Institute of America**. Junho, 2022. p.1-14.

CHA. CULTURAL HERITAGE ADMINISTRATION. Republic of Korea. **Mast of the Navy Battleship Baekdusan**. 2010. Disponível em: <http://english.cha.go.kr/chaen/search/selectGeneralSearchDetail.do;jsessionid=541XXrwj29qQPWEe7btU1oO5AD06rJP3zYSEUcoaeel7plfL41DaA4NFuOGiD1pM.cha-was02_servlet_engine4?mn=EN_02_02&sCcebKdcd=79&ccebAsno=04630000&sCcebCtcd=38&pageIndex=426®ion=&canAsset=&ccebPcd1=&searchWrd=&startNum=&endNum=&stCcebAsdt=&enCcebAsdt=&canceled=&ccebKdcd=&ccebCtcd=>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CHANG POGO MEMORIAL HALL. **ChangPogo's Biography**. 2021. Disponível em: <https://www.wando.go.kr/changpogo_en/emperor/biography>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CHEONG WA DAE. **Global Korea: The National Security Strategy of the Republic of Korea**. Seoul: Cheong Wa Dae. 2009.

CHO, Youngjoo. The Small but Magnificent Counter-Piracy Operations of the Republic of Korea. In: NORDQUIST, M. H. et al. **Freedom of Navigation and Globalisation**. Leiden: Brill Nijhoff. 2015.

CHOI, Hak-joo. **Yuktang Ch'oe Nam-son and Korean Modernity**. New York: YBM. 2012.

CHOI, Nam-seon. **Brave Boy on the Sea. Sonyon**. 1909.

CHU, Samuel C.; LIU, Kwang-Ching. **Li Hung-Chang and China's Early Modernisation**. New York: M. E. Sharpe Inc. 1994. ISBN: 1-56324-242-7.

CMF. COMBINED MARITIME FORCES. About Combined Maritime Forces (CMF). **Combined Maritime Forces**. 2023?. Disponível em: <<https://combinedmaritimeforces.com/about/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CMF. COMBINED MARITIME FORCES. CTF-151: Counter-piracy. **Combined Maritime Forces**. 2023. Disponível em: <<https://combinedmaritimeforces.com/ctf-151-counter-piracy/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CNDC. California Digital Newspaper Collection. Death of General William MA. Dye. **San Francisco Call**, v. 86, n.167, 14 de novembro de 1899. Disponível em: <<https://cdnc.ucr.edu/?a=d&d=SFC18991114.2.26&e=-----en--20--1--txt-txIN-----1>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CHUNG, Sunghoon. Korea's Participation in the Global Value Chains: Measures and Implications. **KDI Journal of Economic Policy**. Vol. 38(4), p. 45-76. 2016.

CNRK. COMMANDER U.S. NAVY REGION KOREA. About Commander, U.S. Navy Region Korea. **CNRK**. 2022. Disponível em: <<https://cnrk.cnic.navy.mil/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

COHEN, Eliot. Technology and Warfare. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James J.; GRAY, Colin S. **Strategy in the contemporary world**. 4ed. New York: Oxford University Press, 2013.

CORBETT, Julian. **Some Principles of Maritime Strategy**. London: Longmans, Green & Co, 1911.

COURTER, David A. 2019. **The Future of Republic of Korea – United States Alliance**. Tese (Mestrado). Faculty of the US Army Command. Master of Military Art and Science. Kansas. 2019.

CSNU. CONSELHO DE SEGURANÇA DS NAÇÕES UNIDAS. **S/RES/2397(2017)**. 2017. Disponível em: <<https://www.un.org/securitycouncil/s/res/2397-%282017%29>>. Acesso em 13 mar. 2023.

CSPS. **Center for Security Policy Studies**. Jeju Naval Base between the People and the National Security. 2021. Disponível em: <<https://csps.gmu.edu/2021/02/21/jeju-naval-base-between-the-people-and-the-national-security/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

DK MILITARY. sajin-eulo boneun godae - hyeondaoui mugideul-ui jonglyu (Tipos de armas antigas – modernas em fotos) **Naver**. 2021. Disponível em: <<https://blog.naver.com/rlaehdrjs749/222398698731>>. Acesso em 13 mar. 2023.

DUNLAP, Charles J. **Lawfare Today: A Perspective**. Yale Journal of International Affairs. 2008. P.146-154. Disponível em: <https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5892&context=faculty_scholarship>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ECKERT, Carter. **Offspring of Empire: The Koch'ang Kims and the Colonial Origins of the Korean Capitalism, 1876-1945**. Seattle: University of Washington Press. 1991.

EM, Henry H. Minjok as a Modern and Democratic Construct: Sin Ch'aeho's Historiography. In: Shin, Gi-wook; Robinson, Michael (eds.). **Colonial Modernity in Korea**. Cambridge: Harvard University Asia Center. pp. 336–361. 1999. ISBN: 978-0674142558

ENGMAN, Mats. U.S.-ROK Military Exercises: provocation or possibility? **Focus Asia**. Institute for Security and Development Policy. 2018. Disponível em: <<https://isdip.eu/publication/u-s-rok-military-exercises-provocation-possibility/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FARRELL, Theo; TERRIFF, Terry. **The Sources of Military Change: Culture, Politics, Technology**. Londres: Lynne Rienner. 2002.

FEDDER, Edwin H. The Concept of Alliance. **International Studies Quarterly**, Vol. 12, N. 1, pp.65-86. 1968. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3013558?origin=JSTOR-pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

FERN, Sean. **Tokdo or Takeshima? The International Law of Territorial Acquisition in the Japan-Korea Island Dispute**. Stanford Journal of East Asian Affairs. Vol. 5, n. 1, 2005.

FINLEY, James P. **An Experience of Korea, 1971-1982: In the Vanguard of ROK-US Relations**. Seul: Command Historian Office, HQ. USFK/USA. 1983.

FOWLER, Andrew H. **Stability Operations in East Timor 1999-2000: a Case Study**. U.S. Army Peacekeeping and Stability Operations Institute. 2016. ISBN: 978-0-9981473-0-7.

GADY, Franz-Stefan. South Korea's First-of-Class KSS-III Attack Sub Begins Sea Trials. **The Diplomat**. 18 de junho de 2019. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2019/06/south-koreas-first-of-class-kss-iii-attack-sub-begins-sea-trials>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

GEORGE, A; BENNETT, A. **Case Studies and Theory Development in the Social Sciences**. Cambridge, EUA: Harvard University Press. 2005.

GIACOMIN, Dario. MADEX 2021 Day 1 – ROK Navy's CVX Light Aircraft Carrier with HHI and DSME. **NAVAL NEWS**. YouTube, 09 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78Ifmv-dxQ>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

GILBERT, Marc Jason. **Admiral Yi Sun-Shin, the Turtle Ships, and Modern Asian History**. Education About Asia. Vol 12, n.1. 2007.

GILLIES, Mary Ann; SWORD, Helen; YAO, Steven. **Pacific Rim Modernisms**. Toronto: University of Toronto Press. 2009. ISBN: 978-0-8020-9195-6.

GLOBAL FIREPOWER. 2022 **Military Strength Ranking**. 2022. Disponível em: <<https://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

_____. 2021. **Military Strength Ranking**. 2021. Disponível em: <<http://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

GOURDON, K; STEIDL, C. **Global value chains and the shipbuilding industry**. OECD Science, Technology and Industry Working Papers. ago. 2019.

GRAHAM, Euan. A glimpse into South Korea's new naval base on Jeju island. **The National Interest**. 01 jun 2016. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/blog/the-buzz/glimpse-south-koreas-new-naval-base-jeju-island-16415>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HABOUSH, JaHyun Kim. **The Great East Asian War and the Birth of the Korean Nation**. New York: Columbia University Press. 2016.

HALPIN, Dennis. **Human Rights in South Korea: Confucian Humanism versus Western Liberalism**. Disponível em: <<https://www.icasinc.org/2002/2002s/2002sdph.html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HAHM, Myung-soo. Reflecting on the History and Future of Republic of Korea Navy. *Strategy21*, vol. 37, setembro de 2015. 한국해양전략연구소 (Instituto de Estratégia Marítima da Coreia). p.5-31. Doi: 10.22803/STRATEGY21.2015.S37.005. Disponível em: <<http://koreascience.or.kr/article/JAKO201510861317978.page>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HAN, Yong-sup. Analyzing South Korea's Defense Reform 2020. **Korean Journal of Defense Analysis**. Vol. XVIII, N. 1. 2006. P.112-134.

HEO, Uk; ROEHRIG, Terence. **The Evolution of the South Korea-United States Alliance**. Cambridge University Press. 2018. DOI: 10.1017/9781316221792.009.

HILL, Richard. Medium Power Strategy Revisited. **Royal Australian Navy – Sea Power Centre**. Working paper, n.3. 2000.

HIRAKAWA, Sukehiro. **Japan's love hate relationship with the west**. Folkestone: Global Oriental LTD. 2005. ISBN: 1-901903-81-8.

HOLBRAAD, Carsten. **Middle Powers in International Politics**. London: Macmillan. 1972.

HOLMES, James; YOSHIHARA, Toshi. The Meaning of Sea Power. **The Diplomat**. 10 dez. 2011. Disponível em: <[HOON, Min Kyong. MADEX 2021 Day 1 – ROK Navy's CVX Light Aircraft Carrier with HHI and DSME. **NAVAL NEWS**. YouTube, 09 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78Ifmv-dxQ>>. Acesso em: 13 mar. 2023.](https://thediplomat.com/2011/12/the-meaning-of-sea-power/#:~:text=Like%20many%20Chinese%20commentators%2C%20we,3)%20merchant%20and%20naval%20shipping.>>. Acesso em: 13 mar. 2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

HUH, Ho-joon. As Gureombi Rock goes, precious nature dies with it. **Hankyoreh**. 2012. Disponível em: <http://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/522591.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HURST, Lynda. On World Stage, a Best Supporting Actor. **The Star**. 29 set. 2007. Disponível em: <<http://www.thestar.com/columnists/article/261324>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HWANG, Kyung Moon. **A History of Korea**. London: Red Globe Press. 2021. 3a edição. ISBN: 978-1-352-01259-0

HWANG, Kyung Moon. Country or State? Reconceptualizing *Kukka* in the Korean Enlightenment Period, 1896-1910. **Korean Studies**. University of Hawaii Press. Vol. 24. 2000.

HWANG, Kyung Moon. **Past Forward. Essays in Korean History**. New York: Anthem Press. 2019. ISBN-13: 978-78308-878-2.

HWANG, Sung-hyuk. Korea builds world's largest shipyard out of nothing. **The Korea Times**. 16 jul. 2010. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2017/04/291_69561.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

HWANG, Ildo. Foreign Policy of Kim Jong-un's 10 Years: Relentless Maneuvering among Options. In: Evaluating the Last Decade of the Kim Jong-un Regime. **International Journal of Korean Unification Studies**. Vol. 30, N. 2, 2021. ISSN: 1229-6902. Disponível em: <<https://www.kinu.or.kr/pyxis-api/1/digital-files/ff2479ec-f11a-47ef-b56a-91188e4762c3>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

IBP. International Business Publications. **Korea South Army Weapon Systems Handbook**. Vol.1. 2016. ISBN: 1-4330-6175-9.

IMN. Instituto de História Militar do Ministério da Defesa Nacional, República da Coreia. Gunsahaggyoui seollibgwa sagwan-yangseong (Estabelecimento da Academia Militar e Treinamento de Oficiais). 2007. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20071201195941/http://www.imhc.mil.kr/imhcroot/upload/resource/hm-03.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

IMSC. INTERNATIONAL MARITIME SECURITY CONSTRUCT. An International Approach. 2023. I.M.S.C. Disponível em: <<https://www.imscentinel.com/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

INCHEON OPEN PORT MUSEUM. KIS Yang Moo. 2015. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/KIS_Yangmu#/media/File:%EB%8C%80%ED%95%9C%EC%A0%9C%EA%B5%AD_%EA%B4%91%EB%AC%B4%ED%98%B8.jpg>. Acesso em 13 mar. 2023.

INCHEON OPEN PORT MUSEUM. KIS Guangjae. 2015a. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/KIS_Guangjae#/media/File:%EB%8C%80%ED%95%9C%EC%A0%9C%EA%B5%AD_%EA%B4%91%EC%A0%9C%ED%98%B8.jpg>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JAMRISKO, M.; LU, W. Germany breaks Korea's six-year streak as most innovative nation. **Bloomberg Innovation Index**, 18 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-01-18/germany-breaks-korea-s-six-year-streak-as-most-innovative-nation>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JANG, Jin-sung. **Querido Líder**. Tradução Renata Guerra e Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Três Estrelas. 2016. ISBN 978-85-68493-25-0.

JEONG, Yong-Soo; SER, Myo-ja. Korea upgrades submarine command structure. **Korea JoongAng Daily**. 02 fev. 2015. Disponível em: <<https://koreajoongangdaily.joins.com/2015/02/02/politics/Korea-upgrades-submarine-command-structure/3000459.html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JHO, Sung-do. **Yi Sun-shin: a National Hero of Korea**. Chinhae: Naval Academy. 1970.

JI, Da-gyum. Yoon Suk-yeol pursues “peace through strength” on the Korean Peninsula. **The Korea Herald**. 2022. Disponível em: <<http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20220227000098>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JI, Da-gyum. North Korea may conduct nuclear test between Oct. 16 to nov. 7: NIS. **The Korea Herald**. 2022. Disponível em: <<https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20220928000779>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JO, He-rim. Evergreen Unit remembered for peacemaking operations in East Timor 20 years ago. **The Korea Herald**. 13 out. 2019. Disponível em: <<http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20191013000103>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JOONGANG Daily. **Push Jeju Base Forward**. Editorial. Disponível em: <<https://koreajoongangdaily.joins.com/news/article/article.aspx?aid=2939935&ref=mobile>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JUN, Ji-hye. 3 military systems to counter N. Korea: Kill Chain, KAMD, KMPR. **The Korea Times**. 01 nov. 2016. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/news/nation/2016/11/205_217259.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JUNG, Da-min. Korea accelerates submarine development project. **The Korea Times**. 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2020/11/113_299175.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

JUNG, Sung-ki. Jeju Residents Clash Over Naval Base Plan. **The Korea Times**. 2007. KCG. Korea Coast Guard. Mission and Vision. 2022. Disponível em: <<http://www.kcg.go.kr/english/si/sub/info.do?page=2861&mi=2861>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KCNA. KOREAN CENTRAL NEWS AGENCY. U.S. is accountable for rupture of Hanoi Summit talks: DPRK Foreign Ministry spokesperson. **KCNA**. 2019. Disponível em: <<https://kcna.kp/en/article/q/616b60975eff353126e56957afc8cb82.kcmsf>>. Acesso em 16 jan. 2023.

K-DOKDO. **Dokdo**. 2023. Disponível em: <http://www.k-dokdo.com/english/index.do?menu_id=00000122>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KEOHANE, Robert O. Lilliputians' Dilemmas: Small States in International Politics. **International Organization**. Vol. 23, issue 02, p. 291-310. 1969.

KIM, Cheolung. Building Collaborative Governance: A Case Study of the Jeju Civilian Military Complex Port. **Journal of Tourism and Industry Research**. v.41, n.3, pp.15-31. 2021.

KIM, Djun Kil. **The History of Korea**. London: Greenwood Press. 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WBZjBPt1H8AC&pg=PA76&dq=&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KIM, Eleana. The Flight of Cranes: Militarized Nature at the North Korea-South Korea Border. **RCC Perspectives**. N. 3, Asian Environments: Connections across Borders, Landscapes, and Times. p.65-70. 2014.

KIM, Hangyun. Soft corals are dying around Jeju island, a Biosphere Reserve that's home to a South Korean navy base. **Inside Climate News**. 2021a. Disponível em: <<https://insideclimatenews.org/news/30112021/soft-corals-jeju-island-south-korea-navy/?amp>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KIM, Heemin; CHO, Jinman. **A New Approach to a Territorial Dispute Involving a Former Colonizer-Colony Pair: The Case of the Dokdo/Takeshima Dispute between Korea and Japan**. *Korea Observer*. N.42. 2011. p. 431-459.

KIM, Hong Nack. **The U.S. and the Territorial Dispute on Dokdo/Takeshima between Japan and Korea, 1945-1954**. *International Journal of Korean Studies*. Vol. 13, n. 2. 2009. p 99.

- KIM, Jong-dae. **Admiral Yi Sun-shin of Korea**. Independently published. 2018.
- KIM, K. **The Korean Miracle (1962 – 1980) revisited myths and realities in strategy and development**. Working Paper n.166, nov. 1991.
- KIM, Min-hyung. North Korea's Cyber Capabilities and Their Implications for International Security. **Sustainability**. Vol. 14. 2022. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2071-1050/14/3/1744>>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KIM, Sung Chan; KANG, Seok-ho. Importance of Jeju Civilian-Military Port. **Pacific Forum CSIS**. n. 91. 2013.
- KIM, Sun Pyo. The UN convention on the law of the sea and the new fisheries agreements in north East Asia. **Marine Policy**. Vol. 27, n.2, março 2003. P. 97-109. 2003.
- KIM, Young-kil. Status of Korean Navy's Tactical C4ISR Systems Acquisition and Issues on Interoperability between ROK-US Combined Naval Operations. In: MANSOUROV, Alexandre Y. **Bytes and Bullets: Information Technology Revolution and National Security on the Korean Peninsula**. Asia-Pacific Center for Security Studies. 2005a. ISBN 0-9719416-9-6. Disponível em: <<https://dkiapcss.edu/Publications/Edited%20Volumes/BytesAndBullets/CH10.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KIM, Young-sam. **Speech at the 49th Commencement Ceremony of the Korean Naval Academy**. Coreia do Sul: Korean Naval Academy. 24 de mar de 1995. Disponível em: <https://www.pa.go.kr/research/contents/speech/index.jsp?spMode=view&artid=1308100&catid=c_pa02062>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KINU. Korea Institute for National Unification. **White Paper on Human Rights in North Korea**. 2016. ISBN 978-89-8479-839-7.
- KIRCHBERGER, Sarah. **Assessing China's Naval Power: Technological Innovation, Economic Constraints, and Strategic Implications**. Heidelberg: Springer. 2015.
- KLINGNER, B. **Enhance South Korean Military Capabilities before OPCON Transfer**. The Heritage Foundation. 02 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/sites/default/files/2019-12/BG3452.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KLRI. Act on the Organization of National Armed Forces. Art. 3o (2), alterado pela Lei nº 10102, 17 de março de 2010. **Korea Legislation Research Institute**. 2019. Disponível em: <https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=26880&type=sogan&key=3>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- KODA, Yoji. The Emerging Republic of Korea Navy - A Japanese Perspective. **Naval War College Review**. Vol. 63. N. 2. Artigo 4. 2010. Disponível em: <<https://digital-commons.usnwc.edu/nwc-review/vol63/iss2/4>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOO, Min Gyo. The Hegemonic Competition in the Indo-Pacific Region and the Making of South Korea as a Middle Sea Power. **The Korean Journal of Defense Analysis**. Vol.32, N.1, 2020, p.1-17. ISSN 1941-4641.

KOO, Yangmi. Evolution of Industrial Policies and Economic Growth in Korea: Challenges, Crises and Responses. **European Review of Industrial Economics and Policy**. Vol. 7. 2013. Disponível em: <<https://hal.science/hal-03470146/document>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREA. **Act on the Organization of the Republic of Korea Armed Forces**. Alterada pela Lei n. 10.102, de 17 de março de 2010; Lei n. 10.821, de 14 de julho de 2011. Disponível em: <https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=26880&type=sogan&key=3>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREA. KOREA HERALD. **Moon says ancient map in Spain shows Dokdo as part of Korean territory**. 2021. Disponível em: <<https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20210617000323>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREA MARITIME FOUNDATION. **Marine History**. 2016. Disponível em: <<https://www.ilovesea.or.kr/eng/resour/his4.do>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREANET. Anti-pirate naval unit leaves for Gulf of Aden on massive destroyer. 19 dez. 2022. **KOREA.NET**. Disponível em: <https://www.korea.net/NewsFocus/Korea_in_photos/view?articleId=226096>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREA TIMES. Navy Receives First 3,000-ton-class SLBM Submarine. **The Korea Times**. 2021. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2021/08/113_313856.html. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREAN ASSEMBLY. The National Assembly of Republic of Korea. **Constitution of the Republic of Korea**. Disponível em: <https://korea.assembly.go.kr:447/res/low_01_read.jsp>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KOREAN SPIRIT & CULTURE. **The Practice of Hongik Ingan Lives of Queen Seondeok, Shin Saimdang and Yi Yulgok**. 2a ed. Seul: Diamond Sutra Recitation Group. 2014. ISBN 978-0-9797263-8-5.

KREPINEVICH, A. F. Cavalry to Computer: the Pattern of Military Revolutions. **The National Interest**. 01 set. 1994. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/article/cavalry-to-computer-the-pattern-of-military-revolutions-848>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KRIT. KOREA RESEARCH INSTITUTE FOR DEFENSE TECHNOLOGY. **Defense Science and Technology Level Assessment**. 2021. Disponível em: <https://www.krit.re.kr/eng/bbs/reportsEng_list.do?gotoMenuNo=05010000>. Acesso em: 13 mar. 2023.

KSCPP. Korean Spirit and Culture Promotion Project. **Admiral Yi Sun-sin: a brief overview of his life and achievements**. Seul: Kim Jae-Woong. 2010. ISBN: 0-9779613-1-1.

KYLE. Struggle at Protect Jeju Island from Monstrous Naval Base intensifies. Disponível em: <<http://www.dmzhawaii.org/?p=10364>> Acesso em: 13 mar. 2023.

KWON, Bo Ram. Putting South Korea's proactive national defence strategy in perspective. **East Asia Forum Quarterly**. Outubro - novembro 2021. pp. 31-33.

KWON, Peter Banseok. **The Anatomy of Chaju Kukpang: Military-Civilian Convergence in the Development of the South Korean Defense Industry under Park Chung Hee, 1968-1979**. Tese (Doutorado). Harvard University, Graduate School of Arts & Sciences. 2016.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas. 2013.

LEE, Chonghwan; CHOI, Jaesun; KIM, Minsoo. **Ocean Policy Future**. Seul: Blue and Note. 2010.

LEE, Choon Kun. Roles and strategic functions of the Jeju Naval Base (제주 해군기지의 역할과 전망). **Korea Institute for Maritime Strategy - Strategy 21**. v.19. n.1. 2016. pp.140-162.

LEE, Daehan. Second KDX-I Destroyer delivered to ROK Navy following PIP. **Naval News**. 2021a. Disponível em: <<https://www.navalnews.com/naval-news/2021/11/second-kdx-i-destroyer-delivered-to-rok-navy-following-pip/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Jaejin; JANG, Hoseok. 4th Industrial Revolution and SMART Navy: Concepts and Roles. 스마트 네이비 컨퍼런스 학술대회 논문집 (SMART NAVY Conference Papers). **Naval Academy**. 2019. Disponível em: <<http://conference.yidex.net/theme/fo/img/down/27.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Joong Keun. **Korean War 1129**. Seul: Woojung Books. 2015. ISBN: 979-11-86233-13-9 (Obra não comercial. Recebida do Museu Nacional da Guerra, em Seul).

LEE, Juho. South Korea's New CVX Aircraft Carrier Project: An Overview. **Naval News**. 2021. Disponível em: <<https://www.navalnews.com/event-news/madex-2021/2021/05/south-koreas-new-cvx-aircraft-carrier-project-an-overview/#prettyPhoto>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Juho. South Korea's Next Defense Minister Expresses Reservations on CVX Program. **Naval News**. 2022a. Disponível em: <<https://www.navalnews.com/naval-news/2022/05/south-koreas-next-defense-minister-expresses-reservations-on-cvx-program/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Juho. ROK Navy Deployment Facing Successive COVID-19 Crises. **Naval News**. 2022b. Disponível em: <<https://www.navalnews.com/naval-news/2022/01/rok-navy-deployment-facing-successive-covid-19-crises/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Ki-suk. **East Sea in World Maps**. Seul: The Society for East Asia. 2002.

LEE, Sangkyu. Prospects for RPDC's Nuclear Use Scenarios and Deterrence Measures of the US and ROK Alliance, **Journal for Peace and Nuclear Disarmament**, Vol. 5, N. S1, p. 69-84. 2022. DOI: 10.1080/25751654.2022.2053408.

LEE, Sang Taek. **Religion and Social Formation in Korea: Minjung and Millenarianism**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1996. ISBN: 3-11-014797-1.

LEE, Sangyup. **Ships, security, and symbols: a constructivist explanation of South Korea's naval build-up**. Tese (Doutorado). The State University of New Jersey. New Jersey. 2013.

LEE, Seokwoo. Korea's Trial of Somali Pirates. **Korean Journal of International and Comparative Law**. Vol. 105. 2013. Disponível em: <<https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/kjic11&div=13&id=&page=>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Sook-jong. Generational Divides and the Future of South Korean Democracy. **Carnegie Endowment for International Peace**. 2021b. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2021/06/29/generational-divides-and-future-of-south-korean-democracy-pub-84818>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LEE, Suk Bok. **The impact of US Forces in Korea**. Washington, D.C.: National Defense University Press. 1987.

LEIDEN ASIA CENTRE. Slaves to the System Project team presents research findings. **Leiden Asia Centre**. 2016. Disponível em: <<https://leidenasiacentre.nl/slaves-to-the-system-project-team-presents-research-findings/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LIM, Jong-su; BAEK, Byung-sun. From the Sea to Post-Modern Navy as a Future Korean Maritime Strategy based on the Russo-Japanese War case study. **Strategy 21**. Vol. 15, N.2, 2012. Disponível em: <<http://koreascience.or.kr/article/JAKO201210565090459.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LINDBERG, Michael; TODD, Daniel. **Brown-, Green- and Blue-Water Fleets: the influence of geography on naval warfare, 1861 to the present**. Westport: Praeger Publishers. 2012. ISBN: 0-275-96486-8.

LLOYDS. **Lloyds Register of British and Foreign Shipping**. Vol.2-Appendix. London: Society's Printing House. 1910.

MADDEN, Kevin W. **The Republic of Korea Navy: capabilities, confrontations and potential outcomes**. In: Naval Powers in the Indian Ocean and the Western Pacific. Howard M. Hensel e Amit Gupta (eds). Nova York: Routledge. 2018. ISBN: 978-0-203-73087-4.

MAHAN, Alfred Thayer. **The Influence of Sea Power upon History 1660-1783**. Boston: Little, Brown, and Company. 1890.

MAJUMDAR, Dave Majumdar. Chinese Fighter Buzzes U.S. Navy Surveillance Plane. Pentagon Upset' USNI. Wall Street Journal. 26 ago. 2014. In: Sukjoon Yoon. **Maritime Asia: A South Korean Perspective**. 2014.

MAHNKEN, Thomas. Uncovering Foreign Military Innovation. **Journal of Strategic Studies** 22. N.4, p.26-54. 1999.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 13ª ed.

MALLORY, King. North Korean Sanctions Evasion Techniques. **RAND Corporation**. 2021. ISBN 1-9774-0788-9. Disponível em:
<https://www.rand.org/pubs/research_reports/RRA1537-1.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MARDER, A. J. **From the Dreadnought to Scapa Flow: The Royal Navy in the Fisher Era, 1904-1919**. Vol.I: The Road to War, 1904-1914. New York: Oxford University Press. p.344-357. 1961.

MARKELOVA, Katerina. The Haenyeo: living legends of Jeju Island. **The UNESCO Courier**. 2017. E-ISSN 2220-2293. Disponível em: <<https://en.unesco.org/courier/april-june-2017/haenyeo-living-legends-jeju-island>>. Acesso em: 13 mar 2023.

MARQUES, Sylvia F. **A imagem internacional do Brasil no governo Cardoso (1905-2002): uma leitura construtiva do conceito de potência média**. Cap. 3 (44-70) e 4 (71-107). 2005.

MILANI, Marco; PANTAZ, Frederica. **South Korea's Role as an Emerging Middle Power among Security Concerns**. In: Middle Powers in Asia and Europe in the 21st Century. Giampiero Giacomello e Bertjan Verbeek (Eds.). London: Lexington Books. 2020. ISBN: 978-1-7936-0565-8 (e-Book).

MIN, Gyo Koo. The Hegemonic Competition in the Indo-Pacific Region and the Making of South Korea as a Middle Sea Power. **The Korea Journal of Defense Analysis**. Vol. 32, N. 1 Março 2020, p. 1-17.

MND. MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Republic of Korea Armed Forces Cheonghae Unit**. YouTube. 23 mar. 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Sv-T9gpvLY8>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MND. MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Pushing for “Defense Reform 2.0 to support the responsible defense of peace and prosperity”**. 2018.

MND. MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE. The Government of the Republic of Korea. **Defense White Paper**. Republic of Korea. 2020.

MND. MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE. The Government of the Republic of Korea. **International Peace-Keeping Operations**. Republic of Korea. 2022. Disponível em:
<https://www.mnd.go.kr/mbshome/mbs/mndEN/subview.jsp?id=mndEN_030300000000>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MND. MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE. The Government of the Republic of Korea. **Fomentar a Indústria de Defesa como uma Indústria Estratégica Nacional** (방위산업을 국가전략산업으로 육성). 2023. Disponível em: <https://mnd.go.kr/mbshome/mbs/mnd/subview.jsp?id=mnd_011806000000>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MOFA. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Strategy for a Free, Peaceful, and Prosperous Indo-Pacific Region**. 2022. Disponível em: <<https://www.mofa.go.kr/viewer/skin/doc.html?fn=20230106093833927.pdf&rs=/viewer/result/202302>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOFA. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Energy**. 2022a. Disponível em: <https://www.mofa.go.kr/eng/wpge/m_5657/contents.do>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOFA. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Remarks by President Moon Jae-in Leaving Cornwall after G7 Summit. 2021**. Disponível em: <https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5674/view.do?seq=320638>. Acesso em 13 mar. 2023.

MOFA. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF KOREA. **Panmunjom Declaration for Peace, Prosperity and Unification of the Korean Peninsula**. 2018. Disponível em: <https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5478/view.do?seq=319130&srchFr=&srchTo=&srchWord=&srchTp=&multi_itm_seq=0&itm_seq_1=0&itm_seq_2=0&company_cd=&company_nm=&page=1&titleNm=>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOFA JAPAN. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN. **Regarding the Decision by the Government of the Republic of Korea to Terminate the Japan-ROK GSOMIA**. 2019. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/press/release/press4e_002598.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOON, Chung-in. Between Banmi (Anti-Americanism) and Sungmi (Worship of the United States): Dynamics of Changing U.S. Images in South Korea. In: STEINBERG, David I. **Korean Attitudes toward the United States – Changing Dynamics**. New York: Routledge. 2015.

MOON, Chung-in; LEE, Jin Young. The Revolution in Military Affairs and the Defence Industry in South Korea. **Security Challenges**. Vol.4, n.4, p.117-134. 2008.

MOON, So-young. From scratch to #1 shipbuilder. **Korea JoongAng Daily**. 2009. Disponível em: <https://koreajoongangdaily.joins.com/news/article/article.aspx?aid=2901064>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOREIRA, William S. **Marinha**. In: Dicionário de segurança e defesa [recurso eletrônico]. Héctor Luis Saint-Pierre e Maria Gisela Vitelli (Org.). São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. ISBN: 978-85-9546-300-4 (e-Book).

MOREIRA, William S. **Do Carvão ao Petróleo e à Energia Nuclear: a Marinha se Transforma**. In: ABREU, G. M.; BARBOSA JÚNIOR, I. Marinha do Brasil: uma Síntese Histórica. Diretoria de Patrimônio Histórico e de Documentação da Marinha. Rio de Janeiro, 2018a.

MOREIRA, William S. **Fundamentos históricos e filosóficos da ciência moderna; modernidade, revoluções científico-tecnológicas; perspectiva crítica da tecnologia**. 2021. Disciplina de Estudos Marítimos II, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval. Notas de aula, em 17 de agosto de 2021.

MOURA, José Augusto Abreu de. **A Estratégia Naval Brasileira no Pós-Guerra Fria: Uma Análise Comparativa com Foco em Submarinos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2012.

MUCH. National Museum of Korean Contemporary History. **Rise of the Defense Industry in the 1970s: Building the Foundation for Independent National Defense**. Ministry of Culture, Sports and Tourism. 2022. Disponível em: <https://www.much.go.kr/en/contents.do?fid=03&cid=03_10#:~:text=The%20so%2Dcalled%2%20Yulgok%20Plan,must%20be%20imported%20from%20abroad>. Acesso em: 26 ago. 2022.

NAHM, Andrew C.; HOARE, James E. **Historical Dictionary of the Republic of Korea**. Maryland: Scarecrow Press. 2a edição. 2004. ISBN 0-8108-4949-6.

NATIONAL GEOGRAPHIC INFORMATION INSTITUTE. Ministry of Land, Infrastructure and Transport of the Republic of Korea. Territorial History of Korea. **The National Atlas of Korea**. 2007. Disponível em: <http://nationalatlas.ngii.go.kr/pages/page_1267.php>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NEACK, Laura. Delineating State Groups through Cluster Analysis. **The Social Science Journal** 30. n.4, p. 347-371. 1993.

NEFF, Robert. Korea's first modern warship. **The Jeju Weekly**. 2011. Disponível em: <<http://m.jejuweekly.com/news/articleView.html?idxno=2176>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

NEVES, L. P. **Economic development and global value chain insertion: a view from Brazilian and South Korean lenses**. FGV, International Intelligence Unit e Korea Foundation, 2020. Disponível em: <<https://iiu.fgv.br/projects/brazilian-global-value-chain-initiative-understanding-south-korean-best-practices>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NZDF. NEW ZEALAND DEFENSE FORCE. HMNZS Aotearoa. **New Zealand Defense Force**. 2020. Disponível em: <<https://www.nzdf.mil.nz/nzdf/our-equipment/ships-and-watercraft/hmnzs-aotearoa/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **OECD Reviews of Innovation Policy: Korea**. OECD Publishing. 2009.

OECD. ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT. "Korea". **Development Co-operation Profiles**. OECD Publishing. Paris, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/d919ff1a-en>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OH, Seok-min. S. Korea to send troops to Hormuz Strait independently to safeguard people, vessels. **Yonhap News**. 21 jan. 2020. Disponível em:

<<https://en.yna.co.kr/view/AEN20200121004253325>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. Três destaques para a aliança militar Seul-Washington. **Boletim Geocorrente**, Rio de Janeiro, n. 164, p. 13, 2022. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/Boletim_Geocorrente_164.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. O Futuro da Marinha da Coreia do Sul. **Boletim Geocorrente**, Rio de Janeiro, n. 132, p. 12, 2021. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_155/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. Novos ventos, mesmas águas: o desafio da península coreana à administração Biden. **Boletim Geocorrente**, Rio de Janeiro, n. 140, p. 12, 2021a. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_170/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. Marinha da Coreia do Sul ampliará operações no Estreito de Ormuz.

Boletim Geocorrente, Rio de Janeiro, n. 109, p. 10, 2020. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_109/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. Hyundai Heavy Industries liderando a construção de navios de guerra.

Boletim Geocorrente, Rio de Janeiro, n. 118, p. 12, 2020a. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_127/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. O dilema dos submarinos nucleares da Coreia do Sul. *Boletim*

Geocorrente, Rio de Janeiro, n. 130, p. 12, 2020b. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_151/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. **The importance of the Fourth Industrial Revolution in Global Value**

Chains. 2020c. In: NEVES, Paz Leonardo. Economic Development and Global Value Chain insertion: a View from Brazilian and South Korean Lenses. Getulio Vargas Foundation. 2020.

Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31564/fgv_iiu_kf_paper_marc_elletores_3_0.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OKUNO, M. T. A. Coreia do Sul: manter a liderança em construção naval e impulsionar tecnologias Smart Ship. **Boletim Geocorrente**, Rio de Janeiro, n. 100, p. 10, 2019. ISSN 2446-7014. Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/flipping_book/index_98/mobile/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OLDTOKYO. **Naval Base Tourism, Souvenir stamps, 1935**. 2022. Disponível em: <<http://www.oldtokyo.com/naval-base-tourism-souvenir-stamps-c-1935/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OWENS, William. The Emerging U.S. System-of-Systems. Strategic Forum. **Institute for National Strategic Studies**. n. 63. 1996.

PACAF. Pacific Air Forces. Exercise Key Resolve. Disponível em; <<https://www.7af.pacaf.af.mil/About-Us/Fact-Sheets/Display/Article/408384/exercise-key-resolve/#:~:text=KEY%20RESOLVE%20is%20a%20Combined.context%20of%20operational%20planning%20warfighting.>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PANDA, Rajaram. **RoK's Jeju Island Naval Base**. Institute for Defence Studies and Analyses Issue Brief. 2011. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/135419/IB_RoKsJejuIslandNavalBase_0.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PARK, Dong-sun. 4차 산업혁명 첨단기술 기반의 'SMART Navy' 大항해 계획. **BSNAK**. Vol. 57, N.1, 2020. Disponível em: <<https://koreascience.kr/article/JAKO202010163509993.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PARK, Gang-soo; YOO, Byeong-chun; KIM, Kyeongtaek; CHOI, Bong-wan. A Methodology for the Ship System Integration with Open Architecture: Focusing on the Total Ship Computing Environment based Architecture Building and Validation. **Journal of the Society of Korea Industrial and Systems Engineering**. Vol 43, Ed.3, p.68-76. 2020. Disponível em: <<https://koreascience.kr/article/JAKO202029062616987.view?orgId=anpor&hide=breadcrumb,journalinfo>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PARK, Jong Seok. On the Naming Dispute over the Sea between Korea and Japan: for a third name, neither Sea of Japan nor East Sea. **World Environment and Island Studies**. Vol.7, n.4, 2017.

PARK, Won Gon. Joint Vision for the ROK-U.S. Alliance: Contents and Significance. **Korea Institute for Defense Analyses**. ROK Angle. V. 8, 2009.

PATALANO, A.; MANICOM, J. Rising Tides: Seapower and Regional Security in Northeast Asia. **The Journal of Strategic Studies** v. 37, n. 3. 2014.

PCFIR - PRESIDENTIAL COMMITTEE ON THE FOURTH INDUSTRIAL REVOLUTION. The Government of the Republic of Korea. **Plan for the Fourth Industrial Revolution**. Republic of Korea, 2017.

PINKSTON, Daniel. North Korea: US and allied military options. **Strategic Comments**. The International Institute for Strategic Studies. Vol. 22, ed.32, Nov. 2016. ISSN: 1356-7888.

PINKSTON, Daniel A. The Asymmetric Strategies of the DPRK. 2017. p.85-110. In: BERMAN, Ilan. **The Logic of Irregular War: Asymmetry and America's Adversaries**. London: Rowman & Littlefield. ISBN 978-1-5381-0542-9.

POLI, Roberto. A Note on the Difference Between Complicated and Complex Social Systems. **Cadmus Journal**. Vol. 2, Ed. 1, Outubro 2013. p.142 a 147.

POSCO. Was there really a missile made of steel in Joseon? **POSCO**. 2020. Disponível em: <<https://newsroom.posco.com/en/steel-talk-was-there-really-a-missile-made-of-steel-in-joseon-%CA%95%CA%98%CC%85%CD%9C%CA%98%CC%85%CC%85%CA%94/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

POUSHTER, Jacob. South Koreans remain strongly proAmerican. **Pew Reaserch Center**. 2013. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/05/06/south-koreans-remain-strongly-pro-american/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PYO, Jung-Ok. The Modern Colonial Period and the Sea Narrative in the Korean Mythological Work, Samgukyusa (The Retained History of the Three Kingdoms): Choi Nam-Seon's Imagination of the Sea. **Journal of Marine and Island Cultures**. 2017. ISSN 2212-6821. Disponível em: <<https://jmico.online/issues/v6n2/2/>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

REPUBLIC OF KOREA. Ministry of Defense. **Defense White Paper 2008**. 2008.

RIBEIRO, Erik Herejk. C4ISR. In: Dicionário de segurança e defesa [recurso eletrônico]. Héctor Luis Saint-Pierre e Maria Gisela Vitelli (Org.). São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. ISBN: 978-85-9546-300-4 (e-Book).

RICH, Timothy S.; FIELDS, Maggie; McENVOY, Kierigan; BLACK, Joe. How much are South Koreans willing to pay toward the US alliance? **The Diplomat**. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2022/04/how-much-are-south-koreans-willing-to-pay-toward-the-us-alliance/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROBLIN, Sebastien. Baekdusan: This Small Submarine Chaser Saved South Korea from Conquest. **The National Interest**. 2021. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/blog/reboot/baekdusan-small-submarine-chaser-saved-south-korea-conquest-197950>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROEHRIG, Terence. The Origins of the Northern Limit Line Dispute. In: North Korea International Documentation Project. **Woodrow Wilson International Center for Scholars**. E-Dossier #6. 2012.

ROEHRIG, Terence. South Korea's Counterpiracy Operations in the Gulf of Aden. In: **Global Korea: South Korea's Contributions to International Security**. Council on Foreign Relations Press. 2012a. p.28-44. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/publication/south-koreas-counterpiracy-operations-gulf-aden>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROEHRIG, Terence, ROK-US Maritime Cooperation: a growing dimension of the alliance. **International Journal of Korean Studies**. Vol.XIV, n.1, p. 91-124. 2010.

ROEHRIG, Terence. Korean Dispute over the Northern Limit Line: Security, Economics, or International Law? **Contemporary Asian Studies Series**. 2008. Disponível em: <https://digitalcommons.law.umaryland.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1193&context=mscas>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROKA. Republic of Korea Army. International Forces and UN PKO in East Timor.

ROKArmy. 2022. Disponível em: <

<https://www.army.mil.kr/webapp/user/indexSub.do?codyMenuSeq=219382&siteId=english>

>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROK Defense Photo Magazine. ROK Navy Ship Baekdusan. **Flickr**. 2012. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/kormnd/archives/date-posted/2012/06/25/>>. Acesso em: 13

mar. 2023.

ROKNAVY. Republic of Korea Navy. Symbol. **ROKNavy**. 2022. Disponível em:

<www.navy.mil.kr>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ROKNAVY. **R.O.K. Navy Ships and Naming Standards**. Republic of Korea Navy. 2018.

ROKNAVY. **SMART NAVY**. Republic of Korea Navy. YouTube 10 nov. 2020. Disponível

em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hGgaHGJnOS8>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ROSENTHAL, Earl. Plus Ultra, Non plus Ultra, and the Columnar Device of Emperor

Charles V. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, vol. 34, p. 204-228. 1971.

ROSS, Andrew. On Military Innovation: Toward an Analytical Framework. **SITC Policy**

Brief. N.1, p.14-17. 2010.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Ameaça**. In: Dicionário de segurança e defesa [recurso

eletrônico]. Héctor Luis Saint-Pierre e Maria Gisela Vitelli (Org.). São Paulo: Editora Unesp

Digital, 2018. ISBN: 978-85-9546-300-4 (e-Book).

SCAR. Scientific Committee on Antarctic Research. **Background on the Korea Antarctic**

Programme. 2020. Disponível em: <<https://www.scar.org/about-us/members/korea>>. Acesso

em: 13 mar. 2023.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Penguin Random House, UK, 2016.

SCK. SMART CITY KOREA. Changwon City, Gyeongnam Changwon Defense Innovation

Cluster Regional Council held. 2021. Acesso em: 30 ago. 2022.

SEO, Byeong Soo. MADEX 2021 Day 1 – ROK Navy’s CVX Light Aircraft Carrier with

HHI and DSME. **NAVAL NEWS**. YouTube, 09 jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=78Ifilmv-dxQ>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SEO, Jun-seok. The ROK Security Alternatives of the OPCON Transfer: Focusing on the

decreasing the threat and vulnerability. **Military Forum 65**. 2011.

SERRA, Eduardo. Gonçalves. **O Desenvolvimento das Indústrias de Construção Naval do**

Brasil e da Coreia do Sul. Tese (Doutorado em Engenharia Oceânica) - Universidade

Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2002.

SHIM, Kyu-Seok. Korea to develop long-range radar to monitor Kadiz. **The Korea JoongAng Daily**. 08 fev. 2021. Disponível em: <<https://koreajoongangdaily.joins.com/2021/02/08/national/defense/radar-Kadiz-DAPA/20210208185907429.html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SHIN, Dong Min. Concept of Middle Power and the Case of ROK: A Review. In: **Korea 2012: Politics, Economy and Society**. Leiden: Brill. 2012.

SHIN, Dong Min. A Critical Review of the Concept of Middle Power: **E-International Relations**. 2015a. ISSN: 2053-8626.

SHIN, Gi-Wook; CHOI, Joon Nak. **Global Talent: Skilled Labor as Social Capital in Korea**. Stanford University Press. 2015. ISBN: 9780804794381.

SHIN, K.; CICANNTELL, P. S. The Steel and Shipbuilding Industries of South Korea: Rising East Asia and Globalisation. **American Sociological Association** 15, n. 2, p. 181. 2009.

SILVA, Eduardo Posada da. **A Marinha do Brasil e a Era da Informação: a aplicabilidade da Guerra Centrada em Rede**. Rio de Janeiro. Monografia. Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro. 2011.

SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute. Trends in International Arms Transfers. **SIPRI FACT SHEET**. 2022. Disponível em: <<https://sipri.org/publications/2022/sipri-fact-sheets/trends-international-arms-transfers-2021#:~:text=The%20five%20largest%20arms%20exporters,%2C%20Egypt%2C%20Australia%20and%20China>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute. The SIPRI Top 100 Arms-producing and Military Services Companies, 2021. **SIPRI FACT SHEET**. 2021. Disponível em: <<https://www.sipri.org/publications/2021/sipri-fact-sheets/sipri-top-100-arms-producing-and-military-services-companies-2020>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SNYDER, Scott. Russia's Invasion of Ukraine and implications for the Korean Peninsula. **Council on Foreign Relations**. 2022. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/russias-invasion-ukraine-and-implications-korean-peninsula>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SOEYA, Yoshihide. Prospects for Japan as a Middle Power. East Asia Forum. 29 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.eastasiaforum.org/2013/07/29/prospects-for-japan-as-a-middle-power/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SON, Won-je. Roh Moo-hyun's dream of becoming a "strong middle power". Hankyoreh. 18 ago. 2021. Disponível em: <https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/english_editorials/1008169.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SONG, Dong-Wook; Kevin Cullinane; Michael Roe. **The Productive Efficiency of Container Terminals: an Application to Korea and the UK**. Routledge. 2017. ISBN 9781138263864.

SPRANCE, William R. The Russo-Japanese War: The Emergence of Japanese Imperial Power. **Journal of Military and Strategic Studies**. Vol. 6, Issue 3, p.1-24, 2004.

STEINEM, Gloria. The Arms Race Intrudes on a South Korean Paradise. **The New York Times**. 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/08/07/opinion/sunday/Steinem-the-arms-race-intrudes-on-a-south-korean-paradise.html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

STRATFOR. Artillery Exchanges on the Korean Peninsula. **Worldview Stratfor**. 23 nov. 2010. Disponível em: <<https://worldview.stratfor.com/article/artillery-exchanges-korean-peninsula>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SUCHYTA, David J. **Jeju Naval Base: Strategic Implications for Northeast Asia**. United States Army War College. 2013. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA590234.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TAGLIACOZZO, Eric. **Asia Inside Out: Connected Places**. Harvard University Press. 2015. ISBN: 9780674286344.

TASIC, Mirko. Exploring North Korea's Asymmetric Military Strategy. **Naval War College Review**. V. 72, N. 4, pp.53-72. 2019.

TATOLI. Timor-Leste calls for Deeper Defence ties with South Korea. **Agência Noticiosa de Timor-Leste**. 2019. Disponível em: <<http://www.tatoli.tl/en/2019/10/15/timor-leste-calls-for-deeper-defence-ties-with-sth-korea/>>. Acesso: em 30 mar. 2022.

TEES. Tees Build Ships. **Pallas**. 2022. Disponível em: http://teesbuiltships.co.uk/view.php?year_built=&builder=&ref=169198&vessel=PALLAS. Acesso em: 13 mar. 2023.

THE MILITARY BALANCE. **The International Institute for Strategic Studies**. IISS. 2022. ISBN 978-1-032-27900-8.

THE WHITE HOUSE. **U.S.-ROK Leaders' Joint Statement**. 2021. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/05/21/u-s-rok-leaders-joint-statement/>>. Acesso: em 13 mar. 2023.

THE WHITE HOUSE. **U.S. Indo-Pacific Strategy of the United States**. 2022. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TILL, Geoffrey. **Seapower: A Guide for the Twenty-First Century**. 4. ed. Oxon: Routledge. p. 5-13, 2018.

TODD, Daniel.; LINDBERG, Michael. **Navies and Shipbuilding Industries: The Strained Symbiosis**. Westport: Praeger, p. 55-56, 1996.

TRENT, Mercedes. Overview of Air Defense Identification Zones in East Asia. In: **Over the Line: The Implications of China's ADIZ Intrusions in Northeast Asia**. Federations of American Scientists. 2020. pp. 9-13. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep26130.6>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNC. UNITED NATIONS COMMAND. History of the Korean War. UNC. 2022. Disponível em: <https://www.unc.mil/History/1950-1953-Korean-War-Active-Conflict/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNCTAD. United Nations Conference on Trade and Development. **Review of Maritime Transport**. 2021. ISBN 978-92-1-113026-3.

UNESCO HERITAGE. Memory of the World – Republic of Korea. Nanjung Ilgi: **War Diary of Admiral Yi Sun-sin**. Disponível em: https://english.cha.go.kr/cop/bbs/selectBoardArticle.do?ctgryLrcls=CTGRY211&nttId=58157&bbsId=BBSMSTR_1205&uniq=0&mn=EN_03_03>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNGERER, Carl. The Middle Power Concept in Australian Foreign Policy. **Australian Journal of Politics and History**. Vol. 53, n. 4, 2007.

UN DIGITAL LIBRARY. Note dated 50/07/25 from the representative of the United States of America to the Secretary-General transmitting the text of an exchange of letters between President Syngman Rhee of the Republic of Korea and General Douglas MacArthur. **United Nations Digital Library**. 1950. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/474960>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNPK. UNITED NATIONS PEACEKEEPING. **Contributions by Country and Mission 2021**. 2021. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/troop-and-police-contributors>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

UNPK. UNITED NATIONS PEACEKEEPING. **Summary of Military and police Personnel by Country and Post 2020**. 2020. Disponível em: https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/05_country_and_post_33_dec2020.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

USFK. UNITED STATES FORCES KOREA. Combined Forces Command. **USFK**. 2022? Disponível em: <https://www.usfk.mil/About/CFC/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

USFK. UNITED STATES FORCES KOREA. Installations. **USFK**. 2022a?. Disponível em: <https://www.usfk.mil/About/USFK/Organization/#Installations>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

USFK. UNITED STATES FORCES KOREA. UNC Sending States Participate in Key Resolve 15. **USFK**. 2015. Disponível em: <https://www.usfk.mil/Media/Newsroom/News/Article/600456/unc-sending-states-participate-in-key-resolve-15/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

USN. United States Navy. **Naval Operations Concept 2010: Implementing the Maritime Strategy**. Washington, DC: United States Department of the Navy. p. 9. 2010.

USNAVY. Republic of Korea Assumes Command of Anti-Piracy Task Force. **USNAVY**. 17 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.navy.mil/DesktopModules/ArticleCS/Print.aspx?PortalId=1&ModuleId=523&Article=3301520>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

U.S.NEWS. South Korea #20 in Overall Rankings. **U.S.NEWS**. Disponível em: <<https://www.usnews.com/news/best-countries/south-korea>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

VAN EVERA, S. **Guide to Methods for Students of Political Science**. New York: Cornell University Press. 1997.

VEGO, M. **Naval Classical Thinkers and Operational Art**. The United States Naval War College, p.1-21, 2009.

VEGO, Milan. On Littoral Warfare. **Naval War College Review**. Vol.68, N.2, 2015. Disponível em: <<https://digitalcommons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=1200&context=nwc-review>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

VICE. **Cash for Kim: North Korean Forced Laborers in Poland**. 2016. Disponível em: <https://video.vice.com/en_us/video/cash-for-kim/57462189988fd570536470f9>. Acesso em: 13 mar. 2023.

WELNA, David. Remembering North Korea's Audacious Capture of the USS Pueblo. **NPR**. 2018. Disponível em: <<https://www.npr.org/2018/01/23/580076540/looking-at-the-saga-of-the-uss-pueblo-50-years-later>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

WIDEN, Jerker J. **Theorist of Maritime Strategy: Sir Julian Corbett and his Contribution to Military and Naval Thought**. Swedish National Defence College. New York: Routledge. 2016.

WIGHT, Martin. **Power Politics**. New York: Continuum. 1978. ISBN: 0-8264-6174-3.

WMOK. THE WAR MEMORIAL OF KOREA. Joseon Dynasty. 2018. Disponível em: <<https://www.warmemo.or.kr/LNG/exhibition/exhibit.do>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

WMOK. THE WAR MEMORIAL OF KOREA. Permanent Exhibition. 2020. Disponível em: <<https://www.warmemo.or.kr/Eng/E20000/E20100/E20102/html>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

WOO, Han Young. **A Review of Korean History**. V. 2 – Joseon Era. Gyeonggi-do: Kyongsaewon Publishing Co. 2010. ISBN 978-89-8341-092-4.

WORK, Clint. **No More Delays – why it's time to move forward with wartime OPCON transition**. 38th North Special Report. The Stimson Center. 2022.

WOO, Han Young. **A Review of Korean History**. V. 3 – Modern/Contemporary Era. Gyeonggi-do: Kyongsaewon Publishing Co. 2010a. ISBN 978-89-8341-093-1.

YEO, Andrew. The Construction of the Jeju Naval Base in South Korea. A base for (in)security? The Jeju naval base and competing visions of peace on the Korean peninsula. In: Daniel Broudy, Peter Simpson e Makoto Arakaki. Cap. 2. Reino Unido: Cambridge Scholars Publishing. 2013. pp. 225-237.

YEO, Andrew. Realism, critical theory, and the politics of peace and security: Lessons from anti-base projects on Jeju Island. **European Journal of International Security**. v. 3. 2017. pp. 235- 255.

YIN, R. **Case Study Research: Design and Methods**. Thousand Oaks. Sage Publications. 2003.

YONHAP. Full text of President Moon Jae-in's address on Korea's 76th Liberation Day. 2021. Disponível em: <<https://en.yna.co.kr/view/AEN20210815003000315>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

YONHAP. S. Korea lodges complaint with Japan over military vídeo describing Dokdo as disputed territory. **Yonhap News**. 2021a. Disponível em: <<https://en.yna.co.kr/view/AEN20210623009400325>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

YONHAP. Cheonghae Unit's expanded sphere of activity. **Yonhap News**. 23 jan. 2020. Disponível em: <<https://en.yna.co.kr/view/GYH20200123000500315?section=image/graphics>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

YOO, Kang-moon. S. Korean military conducts defense exercise for East Sea and island of Dokdo. **Hankyoreh**. 2019. Disponível em: <https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/907160.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

YOOK, J. Munmu, the Great, deployed to Somalia. **O Dong-a Ilbo**. 13 de mar de 2009. Disponível em: <<https://www.donga.com/en/List/article/all/20090313/261601/1/Op-Ed-Munmu-the-Great-Deployed-to-Somalia>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

YOON, Sukjoon. South Korea: An Emerging Maritime Middle Power. Navigating the Indo-Pacific Arc. **RSIS Monograph n.32**. p.103-118. 2014.

YU, Jihoon; FRENCH, Erik. Should the United States support a Republic of Korea nuclear submarine program? **Naval War College Review**. Vol. 73, N. 1, 2020. P. 84-106. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26868213?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents>. Acesso em: 13 mar. 2023.